



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS**

JOÃO VICTOR FERREIRA DOS SANTOS SILVA

**DO REVEZAMENTO DISCURSIVO AO LUGAR DE FALA DO ESTAGIÁRIO NO
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS DA UFT/ARAGUAÍNA -TO**

ARAGUAÍNA / TO

2019

JOÃO VICTOR FERREIRA DOS SANTOS SILVA

DO REVEZAMENTO DISCURSIVO AO LUGAR DE FALA DO ESTAGIÁRIO NO
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS DA UFT/ARAGUAÍNA -TO

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Letras/Português, da Universidade Federal do Tocantins (UFT) – Câmpus Araguaína, como pré-requisito para conclusão da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientador: Prof. Dr. João de Deus Leite.

ARAGUAÍNA / TO

2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

S586d Silva, João Victor Ferreira dos Santos.
Do revezamento discursivo ao lugar de fala do estagiário no curso de Letras Português da UFT/Araguaína -TO . / João Victor Ferreira dos Santos Silva. – Araguaína, TO, 2019.
165 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins –
Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Português,
2019.
Orientador: João de Deus Leite

1. Estágio supervisionado. 2. Revezamento discursivo . 3. Lugar de fala. 4. Análise de discurso. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

JOÃO VICTOR FERREIRA DOS SANTOS SILVA

DO REVEZAMENTO DISCURSIVO AO LUGAR DE FALA DO ESTAGIÁRIO NO
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS DA UFT/ARAGUAÍNA -TO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à UFT - Universidade Federal do Tocantins - Campus Universitário de Araguaína, junto ao curso de Licenciatura Plena em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas, foi avaliado para a obtenção do grau de licenciado em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas e aprovado em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientador: Prof. Dr. João de Deus Leite

Aprovado em, ____/____/____

BANCA ENXAMINADORA

Prof. Dr. João de Deus Leite - UFT
(Orientador)

Prof.^a Me. Jacielle da Silva Santos - SEDUC
(Examinadora)

Prof.^a Dr.^a Luiza Helena Oliveira da Silva - UFT
(Examinadora)

ARAGUAÍNA
2019

Dedico este trabalho à Mardinésia (minha mãe) e a todos que contribuíram de algum modo para a minha formação acadêmica.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por tudo que me concedeu ao longo da vida e por me dá força para continuar lutando para alcançar meus objetivos.

À minha mãe, Mardinésia, por sempre acreditar na educação como ferramenta transformadora, agradeço por toda sua dedicação. Sei que não foi fácil, mas a senhora lutou com bravura para realizar o meu sonho.

Ao meu pai, João Martins, por todo carinho e apoio. Aos meus irmãos, Joanes, Miriam, Pedro, Midian, Jorge Benício e Alicie, que sempre me apoiaram nos meus estudos.

A minha tia Joanna, que sempre me incentivou, apoiou minhas escolhas e prestava palavras de apoio. À minha família em geral, que sempre me incentivou e deu palavras de apoio.

Ao meu orientador Prof. Dr. João de Deus Leite, pela dedicação e pelo incentivo para realização deste trabalho. Com você pude abstrair mais que conteúdos, você me ensinou lições de vida. Não tenho palavras para expressar a minha gratidão, por ter me acompanhado por todo esse percurso. Muito obrigado por ser tão atencioso e afetuoso.

Ao Mailton, por toda a sua dedicação e apoio para a realização desse trabalho. Agradeço imensamente por ter me auxiliado, sei que devo ter lhe dado muito trabalho.

À Hérica e à Morgana, amigas que conheci na graduação e que levarei para toda a minha vida. Muito obrigado por me ouvirem e prestarem apoio nos momentos difíceis.

As minhas turmas, durante a graduação, tive o prazer de estar presente com a minha turma de origem e, também, outra turma na qual antecipava algumas disciplinas.

À Izabel, professora titular do colégio onde realizei minha pesquisa, agradeço pelo acolhimento e por toda sua atenção durante a realização do meu estágio. Sem sua contribuição minha formação não seria a mesma.

À professora, Luiza Helena Oliveira, que sempre me motivou com seus sorrisos e palavras afetuosas. Agradeço por todo o conhecimento que me propiciou com suas disciplinas e, também, por meio das orientações durante os períodos em que exerci o papel monitor da disciplina de *Introdução aos estudos linguísticos*. Muito obrigado, sua alegria é contagiante.

À professora Thelma Pontes Borges, por todo aprendizado que me propiciou, suas disciplinas me fizeram olhar de forma diferente para o ambiente da sala de aula.

Agradeço a oportunidade de realizar um projeto de iniciação científica, por meio desse projeto adquirir mais conhecimentos científicos e, também, conhecimentos de vida.

A todos os professores do Colegiado de Letras (câmpus Araguaína), que transmitiram para mim conhecimentos científicos e de mundo. Por meio de vocês pude desenvolver a construção do meu perfil como docente. Agradeço, imensamente, a contribuição de cada um.

Enfim, agradeço a todos que contribuíram, de forma direta ou indireta, para realização desse curso.

É muito melhor aprender e ensinar quando existe afeto envolvido. Afeto não é apenas beijinhos, palavras melosas. Afeto é afetar. É o compromisso de transformar o outro. O coletivo. É desafiar, abrir caminhos. É dar as mãos, é generosidade. Não se educa sem generosidade. A escolha por ser professor deve passar por essa reflexão. Serei capaz de me entregar com afeto à minha profissão? Serei capaz de afetar o outro de forma a transformar a sua vida?

(BUENO, 2011, s/p)

RESUMO

Este trabalho tematiza as nossas vivências na etapas de regência, dos Estágio Supervisionado Curricular (ESC) II e III, em uma turma de 8º ano de uma escola pública de educação básica, de Araguaína-TO. Nessas etapas, somos levados a elaborar planos de aulas e a executá-los, demandando de nós um jogo de interlocução com os alunos. Contudo, é preciso considerar que esse jogo não é pleno nem bem-sucedido, pois há condições sócio-históricas e ideológicas que acaba sobredeterminando a aula em si. Nessa medida, este trabalho está circunscrito ao seguinte questionamento: em que medida os ESC II e ESC III; do Curso de Letras/Português, possibilita ou não o revezamento discursivo na etapa de regência, considerando a constituição de um lugar de fala? Como objetivo geral, propusemos-nos a problematizar o papel dos ESC II e ESC III, para a constituição de nosso perfil de professor, a tendo como base a relação com o lugar de fala e com o revezamento discursivo em tais ESC. Filiados aos pressupostos da Análise de Discurso (AD) francesa de orientação peuchetiana, enfocamos a transcrição de duas aulas ministradas por nós: uma do ESC II e a outra do ESC III. Partindo das transcrições, procedemos ao recorte de cenas enunciativas para podermos abordar de que modo se constituiu o jogo de interlocução entre nós e alunos em sala de aula. Assim, pudemos observar de que modo nós construímos “revezamentos discursivos, observando como somos levados a produzir uma articulação entre a teoria e prática. As análises das transcrições, mostram que na aula do ESC II, o revezamento discursivos esteve em função de conteúdos referentes a tópicos gramaticais. Já no caso da aula do ESC III, o revezamento se constituiu por questões de comportamento da turma. Ainda buscando pensar no lugar de fala, mobilizamos alguns comentários de alunos sobre a avaliações dos ESC II e ESC III, bem como a avaliação da professora regente da turma em questão neste trabalho. Esses comentários serviram-nos de base para dimensiona o caráter intersubjetivo da relação entre aluno(s) e professora regente. De nossa perspectiva, essa relação constitui e afeta o tipo de revezamento discursivo e o nosso lugar de fala.

Palavras-Chaves: ESC. Lugar de fala. Revezamento discursivo. Curso de Letras.

ABSTRACT

This work thematizes our experiences in the regency stages of the Supervised Curricular Stage (ESC) II and III, in an 8th grade class of a public school of basic education, Araguaína-TO. In these stages, we are led to elaborate lesson plans and to execute them, demanding of us a game of interlocution with the students. But, it is necessary to consider that this game is neither full nor successful, because there are socio-historical and ideological conditions that ends up determining the class itself. To this extent, this work is circumscribed to the following question: to what extent the ESC II and ESC III; of the Course of Letters / Portuguese, allows or not the discursive relay in the regency stage, considering the constitution of a place of speech? As a general objective, we proposed to problematize the role of ESC II and ESC III in the constitution of our teacher profile, based on the relation with the place of speech and with the discursive relay in the ESC. Affiliated to the assumptions of the French Discourse Analysis (AD) of Peuchetian orientation, we focused on the transcription of two classes taught by us: one from the ESC II and the other from the ESC III. Starting from the transcriptions, we proceeded to the cut of enunciative scenes to be able to approach in what way the interlocution game between us and students in the classroom was constituted. Thus, we can observe how we construct discursive relays, observing how we are led to produce a link between theory and practice. The analyzes of the transcriptions show that in the class of ESC II, the discursive relay was in function of contents referring to grammatical topics. In the case of the ESC III class, the relay was constituted by questions of behavior of the class. Still seeking to think in the place of speech, we mobilized some comments from students about the evaluations of ESC II and ESC III, as well as the evaluation of the teacher regent of the class in question in this work. These comments served as a basis for assessing the intersubjective character of the relationship between student (s) and regent teacher. From our perspective, this relationship constitutes and affects the type of discursive relay and our place of speech.

Keywords: ESC. Place of speech. Discursive Relay. Course of Letters

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – CRONOGRAMA DE AULAS DE REGÊNCIA E DE COLETA DE INFORMAÇÕES	23
QUADRO 2 – ESTRUTURA FÍSICA DO COLÉGIO.....	25
QUADRO 3 – PRODUÇÃO DE TEXTO – REPORTAGEM	52

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – DIAGNÓSTICOS DOS ALUNOS.....	27
FIGURA 2 – RECORTE DA PESQUISA.	40
FIGURA 3 – TIRINHA DO CALVIN	40
FIGURA 4 – TIRINHA DA MAFALDA.....	41
FIGURA 5 – TIRINHA DA MÔNICA	42
FIGURA 6 – TIRINHA DO CALVIN E HAROLDO	42
FIGURA 7 – COMENTÁRIO DE ALUNO SOBRE O ESTAGIÁRIO.	72
FIGURA 8 – COMENTÁRIO DE ALUNO SOBRE O ESTAGIÁRIO (2).	73
FIGURA 9 – AVALIAÇÃO DO ESTAGIÁRIO PELO ALUNO (1).	74
FIGURA 10 – AVALIAÇÃO DO ESTAGIÁRIO PELO ALUNO (2).	74
FIGURA 11 – AVALIAÇÃO DO ESTAGIÁRIO PELO ALUNO (3).	75
FIGURA 12 – COMENTÁRIO/SUGESTÃO RELACIONADO AO ESTAGIÁRIO (1).	75
FIGURA 13 – COMENTÁRIO/SUGESTÃO RELACIONADO AO ESTAGIÁRIO (2).	75
FIGURA 14 – COMENTÁRIO/SUGESTÃO RELACIONADO AO ESTAGIÁRIO (3)	75
FIGURA 15 - COMENTÁRIO DE UM ALUNO ACERCA DO ESTAGIÁRIO NO ESC III	78
FIGURA 16 - COMENTÁRIO DE UM ALUNO ACERCA DO ESTAGIÁRIO NO ESC III (1)	78
FIGURA 17 - AVALIAÇÃO DO ALUNO EM RELAÇÃO A PARTICIPAÇÃO DO ESTAGIÁRIO.	79
FIGURA 18 - AVALIAÇÃO DO ALUNO EM RELAÇÃO A PARTICIPAÇÃO DO ESTAGIÁRIO.	80
FIGURA 19 - COMENTÁRIO DO ALUNO EM RELAÇÃO AS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO ESC II E III (1).....	80
FIGURA 20 - COMENTÁRIO DO ALUNO EM RELAÇÃO AS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO ESC II E III (2).....	81
FIGURA 21 - COMENTÁRIO DO ALUNO EM RELAÇÃO A UMA AULA MINISTRADA PELO ESTAGIÁRIO.....	81

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – ALUNOS QUE RESPONDERAM AO QUESTIONÁRIO.	26
GRÁFICO 2 – SEXO.	28
GRÁFICO 3 – IDADE.	28
GRÁFICO 4 – RENDA FAMILIAR.	29
GRÁFICO 5 – NÍVEL DE INSTRUÇÃO.	30
GRÁFICO 6 – MEIO DE TRANSPORTE.	31
GRÁFICO 7 – VOCÊ GOSTA DE LÍNGUA PORTUGUESA?	32
GRÁFICO 8 – O PORQUÊ DE ESTUDAR PORTUGUÊS.	33
GRÁFICO 9 – ATIVIDADE QUE MAIS GOSTAM NA AULA DE PORTUGUÊS.	34
GRÁFICO 10 – DIFICULDADES NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA.	35
GRÁFICO 11 – DIFICULDADES NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA.	35
GRÁFICO 12 – ALUNOS QUE RESPONDERAM AO QUESTIONÁRIO.	71
GRÁFICO 13 – COMO VOCÊ CLASSIFICA SEU PROFESSOR (ESTAGIÁRIO)?	72
GRÁFICO 14 – COMO VOCÊ AVALIA A PARTICIPAÇÃO DO ESTAGIÁRIO?	74
GRÁFICO 15 - ALUNO QUE RESPONDERAM AO QUESTIONÁRIO REFERENTE AO ESC III.	77
GRÁFICO 16 - COMO VOCÊ CLASSIFICA SEU PROFESSOR (ESTAGIÁRIO)?	77
GRÁFICO 17- COMO VOCÊ AVALIA A PARTICIPAÇÃO DO ESTAGIÁRIO?	79

ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análise de Discurso
ESC	Estágio Supervisionado Curricular
UFT	Universidade Federal do Tocantins
UFPA	Universidade Federal do Pará
PROFLETRAS	Programa de Mestrado Profissional em Letras
PPC	Projeto Pedagógico de Curso
PPP	Projeto Político Pedagógico
TGD	Transtornos Globais do Desenvolvimento
CE	Cena Enunciativa
NURC	Projeto da Norma Urbana Oral Culta

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	15
2.	PRIMEIRO CAPÍTULO: UNIDADE E DISPERSÃO – O LUGAR DE FALA DO ESTAGIÁRIO	19
3.	CAPÍTULO METODOLÓGICO: CARACTERIZAÇÃO DO UNIVERSO DA PESQUISA	23
3.1	CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA CAMPO DE PESQUISA	24
3.2	CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA	26
3.2.1	Caracterização do perfil da turma	26
3.2.2	Caracterização da professora regente	36
3.3	CARACTERIZAÇÃO DAS AULAS MINISTRADAS	39
3.3.1	Relato de dez aulas do ESC II	40
3.3.2	Relato de dez aulas do ESC III	47
3.4	CARACTERIZAÇÃO DO <i>CORPUS</i>	52
3.5	DESCRIÇÃO DO PROCEDIMENTO DE ANÁLISE	53
4.	CAPÍTULO ANALÍTICO: DAS CENAS ENUNCIATIVAS EM SALA DE AULA – ENTRE O REVEZAMENTO DISCURSIVO E O LUGAR DE FALA	54
5.	LUGAR DO ESTAGIÁRIO: PERSPECTIVA DOS ENVOLVIDOS NA PESQUISA	70
5.1	AVALIAÇÃO DA TURMA AO FINAL DO ESC II	70
5.2	AVALIAÇÃO DA TURMA AO FINAL DO ESC III	76
5.3	AVALIAÇÃO DA PROFESSORA REGENTE	82
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
	REFERÊNCIAS	87
	ANEXOS	89

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu a partir de reflexões acerca da disciplina de Estágio Supervisionado Curricular (ESC, doravante), em que os acadêmicos em formação inicial refletem sobre a prática docente em sala de aula. Diante da importância do ESC, no âmbito dos cursos de licenciatura, abordaremos, neste trabalho, alguns pontos que estão diretamente relacionados ao ESC no curso de Letras.

Segundo a Lei nº 11.788, de setembro de 2008:

Art.1º Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o **ensino regular em instituição de educação superior**, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos. (BRASIL, 2008, p.7, grifo nosso)

De acordo com o parágrafo segundo do Art. 1º da Lei 11.788/2008, o estágio tem como finalidade oportunizar ao estagiário um contato com sua futura área de atuação, assim desenvolvendo a “atividade profissional e [a] contextualização curricular”. Segundo esse mesmo parágrafo, ainda de acordo com o segundo do art. 1º da Lei 11.788/2008, o objetivo do estágio é proporcionar o desenvolvimento do estagiário para a “vida cidadã e para o trabalho” (BRASIL, 2008, p.7).

Existem diferentes concepções do que é o ESC; para alguns, é apenas a parte prática do curso, concebida, separadamente, da teoria; e, para outros, é a relação entre a teoria e a prática. Sabemos que essa relação entre a teoria e prática não é passível de separação.

A teoria e prática estão, unilateralmente, ligadas, segundo Pimenta e Lima (2004, p. 41, grifo das autoras), “(...) o estágio é teoria e prática (e não teoria *ou* prática)”. Então, o acadêmico em formação inicial utilizará de todas as teorias estudadas, durante as disciplinas ofertada pelo curso, e fará relação com a prática no âmbito da sala de aula. Dificilmente um estudante passará quatro anos, ou mais, em um curso de licenciatura e não abstrairá nenhuma teoria que implicará sua atuação profissional.

O ESC ganha certa centralidade nas licenciaturas, pois, a partir dele, podemos fazer o movimento de reflexão sobre as nossas práticas de ensino, levando o futuro docente (re)construir suas ações diariamente. No curso de Letras da UFT, câmpus Araguaína, há quatro disciplinas de estágio na grade curricular do curso. De acordo com o Projeto Político do Curso (PPC, doravante),

[...] proposta de estágio supervisionado é destinada a possibilitar a troca de experiência entre os professores em formação e os professores em serviço, resultando, portanto, em ganhos efetivos para a formação docente nas instituições de ensino envolvidas: universidade e escolas. (BRASIL, 2009, p.210).

Como abordado, na citação anterior, o estágio oportuniza a trocas de saberes, entre a universidade e escola, assim o estagiário entra em contato como o ambiente escolar. Apesar de conhecer o cotidiano escolar, uma vez que passamos parte da nossa vida na educação básica, quando voltamos ao ambiente escolar, não o olhamos da mesma forma; algo mudou, saímos do espaço de aluno e ocupamos o espaço de futuros profissionais, futuros professores, espaço de alguém que vê o ambiente escolar, como seu futuro local de trabalho.

Passamos a olhar questões no ambiente escolar que, como aluno, não observamos; exemplo é a constituição da gestão escola, o funcionamento, o que o colégio oferece a seus alunos, como é realizado o planejamento das aulas, que metodologias de ensino são utilizadas por professores, entre outros. Portanto, o ESC serviu para nos aproximar de um “novo mundo”.

No curso de Letras, câmpus de Araguaína, o estágio possui uma carga horária de 420h, sendo 105h para cada disciplina de estágio. É perceptível que o ESC tem certa centralidade nos cursos de graduações, uma vez que é presente em quatro períodos, ou seja, em metade do curso há estágio. A importância do ESC se dá pelo motivo de que não tem como preparar professores sem os inserir no ambiente escolar.

O estágio nos prepara para o inesperado, visto que o ambiente escolar está em constante movimento. Por mais que realizemos projeções para as aulas nunca atingiremos a sua completude, pois a sala de aula é um ambiente contingente, onde estão diversas pessoas distintas uma das outras, impossibilitando que (re)ajam do mesmo modo.

Esse espaço de contingência, vivenciado durante o estágio, é um dos grandes destaques dados pelos acadêmicos em formação inicial, pois, por muitas vezes, não ganha uma visão positiva. É comum ouvirmos “*Fiz o planejamento da aula, quando fui ministrar não deu nada certo.*”, “*Os alunos atrapalharam minha aula hoje, não consegui encontrar meu conteúdo.*”, entre outros. Aos poucos vamos aprendendo que faz parte do processo, que a contingência pode levar a aula a outro patamar, levando a aula a uma temática que pode ser relacionada ao conteúdo que se deseja abordar.

Outro ponto para o qual o ESC contribui é para o movimento de construção e reconstrução do perfil docente, contribuindo, assim, para a constituição do perfil docente do professor em formação. Segundo Pimenta e Lima (2004, p.61),

O estágio como campo de conhecimento e eixo curricular central nos cursos de formação de professores possibilita que sejam trabalhados aspectos indispensáveis à construção da identidade, dos saberes e das posturas específicas ao exercício profissional docente.

Somos sujeitos que estamos em constante relação com o outro, e, por meio dessas relações, estamos em constantes transformações. Em nossa profissão, como docente, estamos em (re)construção por sermos afetados diretamente em nossas relações. A cada aula ministrada, principalmente para os estagiários, é um momento de (re)construção do perfil profissional. Durante o estágio o acadêmico em formação inicial vai se (re)moldando, a fim de encontrar seu lugar no âmbito do ambiente escolar.

Um fato que está diretamente ligado a esse perfil profissional é o lugar de fala que ocupamos no âmbito da sala de aula. Cada docente constrói seu lugar de fala, e é durante o estágio que vamos nos constituindo nesse lugar, buscando assumir, o papel de professores.

De acordo com Agustine e Leite (2017), cada um produz uma enunciação, cada sujeito tem uma experiência de vida diferente do outro; então, cada um vê o mundo de perspectiva e de modo distintos. Assim cada um, em sua enunciação, ocupa um lugar de fala. Discutiremos, mais adiante, o lugar de fala que o estagiário ocupa em sala de aula.

Este trabalho tem como objetivo geral analisar e problematizar o papel dos ESC II e ESC III em nossa formação inicial, para a constituição do perfil docente, tendo como base a relação com o lugar de fala e como o revezamento discursivo em tais

ESC. Abordaremos o lugar que o estagiário ocupa no âmbito da instituição de ensino básico. Trabalhamos com o seguinte questionamento: Em que medida os ESC II e ESC III, do curso de Letras/Português, possibilitam ou não o revezamento discursivo na etapa de regência, considerando a constituição de um lugar de fala?

Para atingimos o nosso objetivo, recorreremos a aulas ministradas durante o ESC II e ESC II, ambos os estágios foram realizados na turma do 8º ano do ensino fundamental II, e na mesma turma, de uma escola pública de Araguaína/TO. Foram ministradas, no total, quarenta aulas, sendo vinte em cada estágio. Das aulas ministradas, selecionamos duas aulas; essas aulas foram gravadas e transcritas por nós.

Estruturamos este trabalho em quatro capítulos. No primeiro capítulo, realizamos uma incursão em conceitos da da Análise de Discurso francesa; Para tanto, circunstanciamos as noções de sujeito, pensando no binômio unidade e dispersão; também, apresentamos considerações sobre a relação do sujeito e formação ideológica; circunstanciamos, teoricamente, a perspectiva de que no jogo entre unidade e dispersão em sala de aula, o acadêmico é levado a produzir um revezamento discursivo, a ponto de assumir um lugar de fala. No segundo capítulo, abordamos a metodologia utilizada neste trabalho; apresentamos o percurso da coleta de informações; caracterizamos os participantes da pesquisa, a turma e a professora regente; e, também, relatamos de como se deu a regência de vinte aulas, dez de cada ESC (II e III).

No terceiro capítulo, realizamos análise das aulas selecionadas, realizando recortes das transcrições, por meio de cenas enunciativas e produzindo o batimento entre (1) descrição e (2) interpretação; Partimos do revezamento discursivo e do lugar de fala que se constituíram no espaço de sala de aula. No quarto capítulo, abordamos as discursividades produzidas sobre nós, tendo em vista dois ângulos para pensarmos o caráter intersubjetivo que contitui o lugar de fala do estagiário, saber: o olhar dos alunos e o olhar da professora regente.

2. PRIMEIRO CAPÍTULO: UNIDADE E DISPERSÃO – O LUGAR DE FALA DO ESTAGIÁRIO

Este capítulo aborda a relação conceitual entre unidade e dispersão à luz da Análise de Discurso francesa, formulada por Michel Pêcheux, na França, e por Orlandi no Brasil. Essa relação conceitual mostra-se importante, neste trabalho, para pensarmos no modo como o estagiário, em formação inicial, constrói um lugar de fala sobre a teoria e a prática no âmbito dos Estágios Supervisionados Curriculares (ESC), no curso de Letras/Português da Universidade Federal do Tocantins (UFT)/Câmpus Araguaína.

Trabalhamos com a concepção de que *lugar de fala* refere-se ao lugar que determinado sujeito ocupa na relação discursiva com o outro. O lugar de fala relaciona-se com a troca de enunciações, que são empreendidas pelos sujeitos. Assim, eles produzem uma singularidade no discurso, pelo motivo de cada um possuir uma formação histórica distinta do outro. Utilizaremos o conceito de lugar de fala partindo do revezamento discursivo, na relação de intersubjetividade existente no ambiente da sala de aula.

É sabido que a sala de aula é um ambiente contingente. Entendemos a sala de aula como um ambiente de imprevisibilidade, pois não é possível garantir que a projeção de aula feita no planejamento ocorra, como foi idealizado. A sala de aula é um ambiente heterogêneo, onde cada pessoa envolvida é diferente da outra. Essa diferença – que é constitutiva desse espaço – demanda posturas diferentes do planejado. Essa diferença se dá pelo motivo de cada *sujeito* ser constituído de forma distinta. Segundo Orlandi (2015, p.46),

Ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos ele é afetado por elas. Ele é assim determinado, pois se não sofrer os efeitos do simbólico, ou seja, se ele não se submeter à língua e à história, ele não se constitui, ele não fala, não produz sentidos.

Como observamos, por meio da citação anterior, todo sujeito é afetado pela história, e só falamos ou compreendemos algo por estarmos em relação com uma história anterior a nossa. Somos seres que precisamos estar em contato com o outro,

no caso com uma comunidade que tem sua identidade, pois somos constituídos pela linguagem na relação com o outro.

Outra constituição do sujeito, de acordo com Orlandi (2015), é o traço ideológico. Todo sujeito está inserido em uma dada formação ideológica e é, por meio dela, que ele se subjetiva, ou seja, nesse momento ele se individua, fazendo aparecer traços subjetivos, isto é, da sua própria constituição no seu discurso. Conforme Orlandi (2005, p.41),

[...] Tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras, mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele.

Essa subjetividade que marca o discurso torna cada um único, uma vez que, segundo Orlandi (2015), não existe um discurso sem ser produzido por um sujeito, e, do mesmo modo, não há sujeito sem ideologia. Podemos concluir que sujeito e ideologia são intrinsecamente ligados, assim como os traços dessa ideologia podem estar marcados no discurso que o sujeito produz.

No âmbito da sala de aula, os discursos são heterogêneos, visto que há a presença de diferentes sujeitos, cuja constituição é única. Nesse ambiente, há a tentativa do estagiário em formação inicial em relacionar a teoria – ora vivenciada na graduação – com a prática na sala de aula. O estagiário, por meio de um planejamento elaborado, realiza uma projeção de aula, porém, durante a realização, ocorre algo que muda sua projeção inicial.

Essa “ruptura” de uma primeira projeção realizada se dá a partir da relação discursiva entre o professor e aluno(s) constituída na sala de aula. Essa articulação chamaremos de *revezamento discursivo*, que, de acordo com Agustini e Leite (2016, p.159),

Essa é exatamente a condição para que os revezamentos se constituam, de acordo com Foucault e Deleuze (1979), qual seja: que alguém fale e aja. No mo(vi)mento de fala e de ação, certos mo(vi)mentos discursivo-enunciativos se estabelecem, produzindo um sistema de regionalização da teoria e da prática.

Nas aulas, ocorrem esse movimento de revezamento discursivo, uma vez que o estagiário em formação assume o papel de fala e de ação, e, também, os alunos

que, por meio de interlocuções, falam e agem no âmbito da sala de aula. No que diz respeito ao estágio, o revezamento discursivo se dá na relação existente entre a teoria, acessada por meio das disciplinas ofertadas pelo curso de graduação, e a prática, momento em que o estagiário está na sala de aula ocupando o lugar de professor.

Podemos nos perguntar: “qual a atitude tomada no momento em que há uma fuga dos sentidos em relação ao planejamento inicial?”. Quando nos referimos à “fuga de sentido”, estamos querendo nos tratar do momento em que o aluno realiza uma ação que é inesperada pelo estagiário e não prevista pelo planejamento. Neste caso, o estagiário pode responder a essa ação de duas formas: transformar a ação do aluno em algo que possa tirar proveito para o ambiente da sala de aula, revertendo, pedagogicamente, a ação do aluno a favor do estagiário; ou reprimi-lo por apresentar algo contrário do que era esperado.

Como dissemos anteriormente, o estagiário busca projetar ações e reações no âmbito da sala de aula, utilizando, assim, de seu repertório teórico e pedagógico para melhor articular ações, visando alcançar o seu objetivo. Na sala de aula, o estagiário busca formular discursividades que propiciem melhor compreensão, dadas as suas projeções. Nesse momento, há um processo de produção de discursividades, que, para o acadêmico em formação inicial, está sendo explícito de forma clara e objetiva. Já, para o aluno, talvez, as discursividades não são compreendidas de forma clara, ou até mesmo, compreendidos de formas distinta da pretensão do estagiário.

Trabalharemos com os termos *unidade* e *dispersão*, para melhor contextualizar esse momento que foi apresentado anteriormente. De acordo com Orlandi (2015, p.71), “Se a relação do sujeito com o texto é a da dispersão, no entanto, a autoria implica em disciplina e organização, em unidade”. Segundo a Orlandi (2012, p.75), “[é] a relação do sujeito com o texto, deste com o discurso, e a inserção do discurso em uma formação discursiva determinada que produz a impressão de unidade, a transparência, em suma, a completude do seu dizer”.

A *unidade* está relacionada ao encadeamento de dispersões, a unidade se dá a partir de várias dispersões e que juntas transmitem a ideia de um discurso com efeito de unidade. Portanto, unidade é indissociável da dispersão.

No âmbito da Análise de Discurso francesa, unidade é concebida, por meio da relação entre sujeito, língua e ideologia. A unidade se estabelece, de acordo com o

modo como a ideologia funciona na língua produzindo efeitos de sentido; portanto, produzindo efeitos de unidade. Orlandi (2012, p.77) salienta que;

De acordo com a análise do discurso, o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogos no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas.[...] A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada (isto é, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada) determina o que pode e deve ser dito.

A partir desses elementos, já mencionados, apresentaremos, teoricamente, de que modo o estagiário em formação inicial constrói ou não um *lugar de fala*, tendo como base as aulas do Estágio Supervisionado Curricular em Língua Portuguesa, ministradas no ensino fundamental II, para dizermos do objeto deste trabalho.

Segundo Agustini e Leite (2017, p.52), “[e]sse ‘lugar de fala’ é, a cada enunciação, novo e único, já que ele se configura como uma experiência de linguagem cada vez irrepetível.”. Como abordado, pelos autores Agustini e Leite (2017), cada enunciação é única, visto que o sujeito é sobredeterminado pelas condições socio histórica e ideológicas, e essas condições são heterogêneas.

O lugar de falar é apontado, por meio da relação discursiva entre os envolvidos no processo de ensino e de aprendizagem, ou seja, professor em formação inicial e alunos. De acordo com Agustini e Leite (2017), por meio da língua, o sujeito é capaz de se constituir, portanto se constituindo em determinada pessoa, tempo e espaço (coordenadas da enunciação). E, ainda, segundo esses autores, para assumirmos um lugar de fala, é necessário manter uma regularidade a “cada instância do discurso”. Portanto, um professor tem que (re)afirmar seu lugar por meio da enunciação.

Por meio do revezamento discursivo, identificando marcas presentes no discurso de sala de aula, poderemos no lugar subjetivado, ou não, pelo estagiário nas aulas de língua portuguesa, dado a tônica deste trabalho, estamos considerando que essa subjetivação é sobredeterminada por condições socio histórica e ideológicas. Na esteira de Agustini e Leite (2016), trata-se de pensar na regionalização da teoria e da prática no espaço de sala de aula.

3. CAPÍTULO METODOLÓGICO: CARACTERIZAÇÃO DO UNIVERSO DA PESQUISA

Neste capítulo, iremos detalhar a metodologia utilizada para a realização deste trabalho e caracterizar os envolvidos nesse processo. Coletamos informações em um colégio estadual de Araguaína – TO. Cabe destacar que essas coletas se deram, durante a realização do ESC II e ESC III; por meio dos ESC nos inserimos em uma turma do 8º ano do ensino fundamental II. Vejamos o quadro (1) que demonstra o período de coleta de informações para este trabalho:

Quadro 1 – Cronograma de aulas de regência e de coleta de informações

ETAPAS/Meses	Maió 2018	Junho 2018	Agosto 2018	Setembro 2018
Realização da Regência do ESC II.	X	X		
Realização da Regência do ESC III.			X	X
Coleta de informações.	X	X	X	X

Fonte: autoria própria.

Inserimo-nos no ambiente escolar com o objetivo de conhecer as características próprias do colégio e da turma. Portanto, por meio de observações e de aplicações de questionário, conseguimos caracterizar todos os envolvidos no espaço de sala de aula e saber, também, acerca da estrutura e do funcionamento da própria instituição escolar. Forquin (1993, p.167) afirma que:

A escola é, também, um mundo social, que tem suas características de vida próprias, seus ritmos e seus ritos, sua linguagem, seu imaginário, seus modos próprios de regulação e de transgressão, seu regime próprio de produção e de gestão de símbolos.

Buscamos, antes da própria regência de aulas, analisar a especificidade da escola e, principalmente, da turma. As informações obtidas puderam nos direcionar de como deveríamos nos adaptar à realidade do colégio e da turma em questão.

Portanto, apresentaremos, a seguir, as informações obtidas por meio de documentos oficiais do colégio, de questionários aplicados e de observações.

3.1 Caracterização da escola campo de pesquisa

Nesta subseção, iremos abordar características da escola campo de pesquisa, a fim de apresentar alguns objetivos e metas visadas pela instituição. É de grande importância termos conhecimento sobre o ambiente escolar onde foi realizado o estágio de regência e coletadas as informações para este trabalho. Segundo Houser e Lopes (2016, p.3),

É importante, portanto, que o professor conheça as características do colégio em que atua, que entenda seu sistema de ensino, que compreenda a dinâmica do bairro e da cidade no qual está inserido para que assim ofereça uma formação voltada às reais necessidades dos beneficiários de seu trabalho.

Começaremos a tecer informações sobre o funcionamento e a estrutura física do Colégio Estadual Guilherme Dourado. As informações foram retiradas Projeto Político Pedagógico (PPP, doravante) vigente¹ e, também, em observações realizadas durante o estágio.

O colégio funciona no turno matutino, vespertino e noturno; o total de alunos matriculados, no colégio, era mil cento e noventa e cinco (1.195) alunos. Atendendo alunos com necessidades especiais, com gagueira, com deficiência intelectual, com Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD), com deficiência física, com deficiência auditiva, com autismo clássico e com deficiência múltipla.

O colégio conta com o total de quarenta (40) docentes com nível superior. O estado de conservação da escola é considerado bom, entretanto, em determinadas turmas, as salas são consideradas pequenas para o quantitativo de alunos que chega até quarenta (40) alunos em uma sala. Segue a quadro (2) que especifica toda a estrutura física do colégio.

¹ A pesquisa foi realizada durante a realização do ESC II e ESC III, ambos estágios foram realizados em 2018, conforme já ressaltamos neste trabalho. Portanto o PPP vigente é do ano de 2018.

Quadro 2 – Estrutura Física do colégio.

<u>Estrutura Física</u>	<u>Especificação</u>
Salas de aula	15 salas tamanho padrão, funcionando regularmente nos três turnos diários.
Biblioteca	01 acervo atualizado contando com aproximadamente 10.998 livros, atendimento à comunidade interna e externa.
Banheiro	01 localizado no espaço da biblioteca. 01 localizado no espaço da secretaria. 01 localizado na sala dos professores, banheiro feminino. 01 localizado na sala dos professores, banheiro masculino. 01 localizado na sala da coordenação pedagógica. 01 banheiro feminino com acessibilidade para cadeirante e com capacidade de atender 07 alunas por vez. 02 banheiros masculino com acessibilidade para cadeirante e com capacidade de atender 07 alunos por vez.
Laboratório de Informática	02 instalações necessárias para funcionamento eficiente, podendo atender 30 pesquisadores por vez com acesso à internet.
Quadra Esportiva	01 coberta centralizada entre as salas de aulas, para atendimento de aulas práticas e evento, precisando de revitalização.
Auditório	01 com capacidade para 100 participantes.
Sala de recurso	01 sala destinado para atendimento de alunos especiais.
Cozinha	01.
Depósito	01 depósito de merenda com capacidade de armazenar o estoque com segurança e com higiene.
Sala para professores	01 o espaço de sala dos professores não é suficiente para acomodar todo o quadro.
Sala de coordenação pedagógica.	01
Sala de orientação educacional.	01 informatizada para atendimento individualizado dos professores, dos alunos e dos pais.
Sala para coordenação de Finanças e Auxiliar de Apoio.	01, sala informatizada.
Sala para direção	01, informatizada.

Fonte: elaboração do autor no relatório final do ESC II.

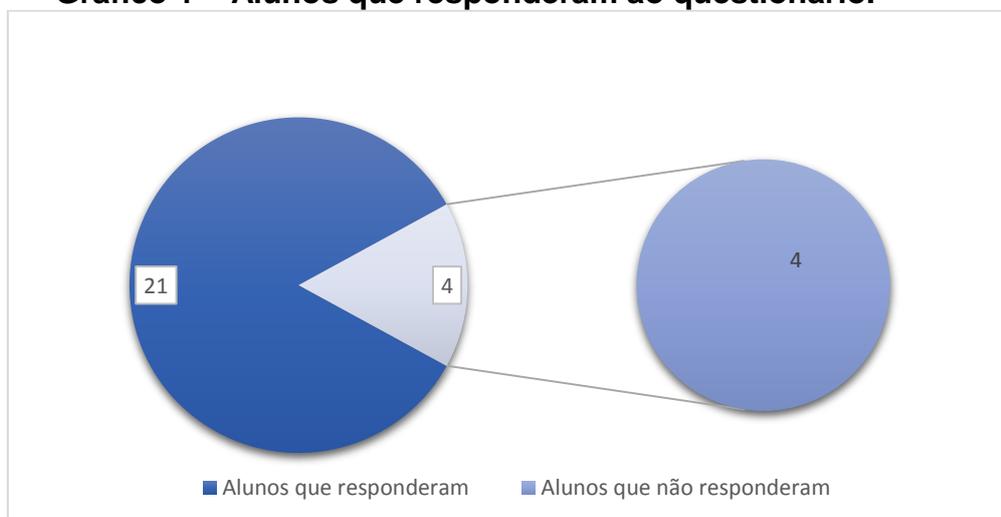
3.2 Caracterização dos participantes da pesquisa

3.2.1 Caracterização do perfil da turma

Nesta subseção, iremos apresentar algumas informações sobre o perfil da turma em que realizamos os ESC II e ESC III. Antes de iniciar a regência, traçamos o perfil da turma por meio de aplicação de um instrumental² no formato questionário (Cf. ANEXO 1). O instrumental teve como objetivo traçar o perfil da turma. Assim, pudemos ter um conhecimento melhor da turma em que iríamos estagiar, conhecendo a realidade de vida deles, as leituras de que eles gostam de realizar, qual a relação deles com a leitura, com a escrita e outros aspectos. Seguiremos, de agora em diante, com as informações coletadas e expostas em formato de gráfico.

O instrumental foi aplicado durante a aula da professora titular da turma, chamaremos a de Izabel³. A turma tinha 25 alunos matriculados; no dia da aplicação do questionário, 4 alunos faltaram, somente esses quatro ficaram sem responder, como demonstra o gráfico 1, a seguir.

Gráfico 1 – Alunos que responderam ao questionário.



Fonte: autoria própria.

² O instrumental foi aplicado no dia 08 de maio de 2018 durante a realização do ESC II. Ressaltamos que durante o ESC III não houve mudança do perfil da turma, ou seja, não ocorreu evasão de alunos e, também, não houve chegada de alunos “novos” na turma.

³ Por questões éticas, o nome de todos os envolvidos, neste trabalho, é fictício.

Na turma, onde coletamos informações, tinha dois alunos que são especiais. Os alunos foram diagnosticados com deficiência intelectual, como mostra a figura 1 a seguir retirada de um documento da escola, afixado na sala dos professores.

Figura 1 – Diagnósticos dos alunos.⁴

INTELLECTUAL	82.02	VESPERTINO	09	2018	X
INTELLECTUAL	82.02	VESPERTINO	10	2018	X
INTELLECTUAL	82.02	VESPERTINO	10	2018	X

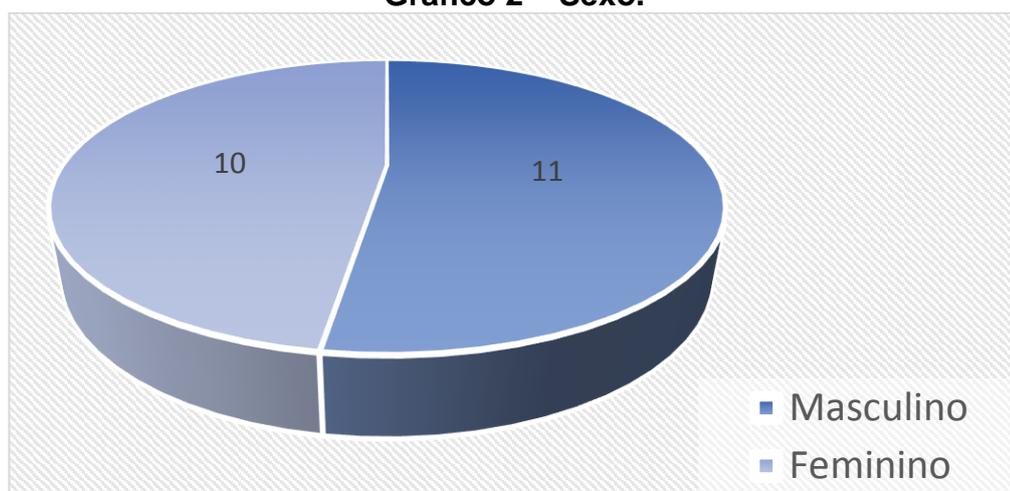
Fonte: TOCANTINS, 2018.

Como dito, anteriormente, são dois alunos especiais, um do sexo feminino e outro masculino, chamaremos os respectivamente, de Eduarda e de David, nomes fictícios. Em contato com a professora, ela nos informou que, aparentemente, a Eduarda não apresenta deficiência intelectual com grau elevado; ela apresenta uma pequena dificuldade em compreender o conteúdo, mas, quando explicado apenas para ela, sem interrupções dos outros alunos, ela compreende. Já David apresenta um grau mais elevado da deficiência intelectual, visto que ele está matriculado no 8º ano do ensino fundamental II, porém é considerado como se estivesse na 3º série do ensino fundamental I.

A principal característica da deficiência intelectual é as limitações que o indivíduo apresenta em relação a habilidades mentais, relacionada à inteligência, à cognição e outros. O diagnóstico é realizado, por meio de uma avaliação chamada de Quociente de Inteligência (QI). Se o resultado desse teste resultar em 75 ou menos pontos essa pessoa é diagnosticada com deficiência intelectual.

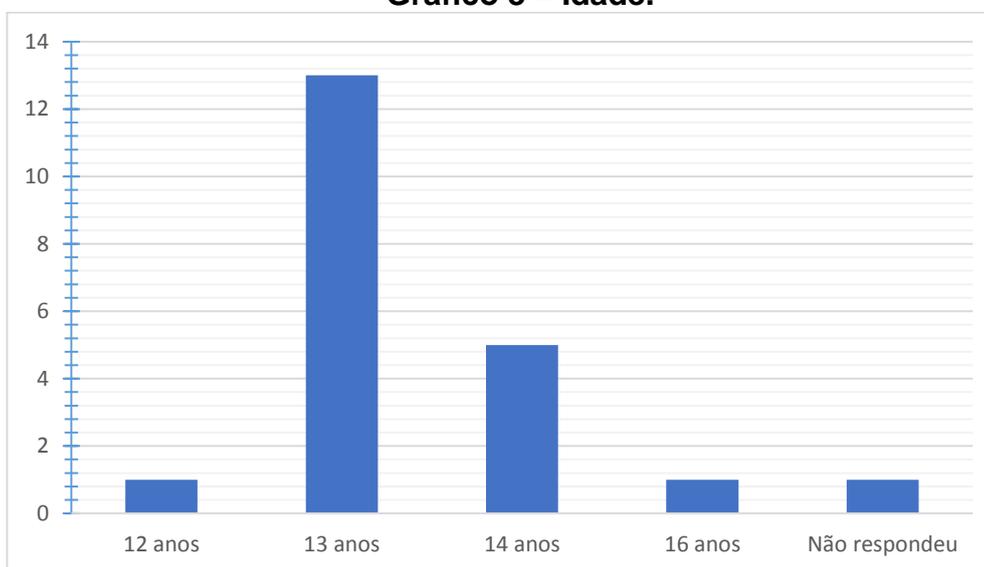
Quanto ao sexo biológico dos alunos, a maior parte é do sexo masculino, tendo o número absoluto de 11, correspondendo acerca de 52%; quanto ao sexo feminino, há o número absoluto 10, correspondendo acerca de 48%. Podemos considerar diante desses números, que a figura feminina está ganhando espaço no ambiente escolar da educação básica; em uma época não muito distante, a mulher não tinha essa oportunidade. Para melhor ilustração, vejamos o gráfico 2 a seguir.

⁴ Com o objetivo de preservar a identidade dos alunos, utilizamos tarjas no campo destinado aos nomes.

Gráfico 2 – Sexo.

Fonte: autoria própria.

Apresentaremos, agora, a faixa etária dos alunos. De acordo com as informações coletadas, há variação entre quatro idades, sendo que um aluno entregou o questionário sem informar sua idade⁵. Há a predominância de alunos na faixa dos 13 anos de idade, os resultados obtidos estão apresentados no gráfico 3 a seguir.

Gráfico 3 – Idade.

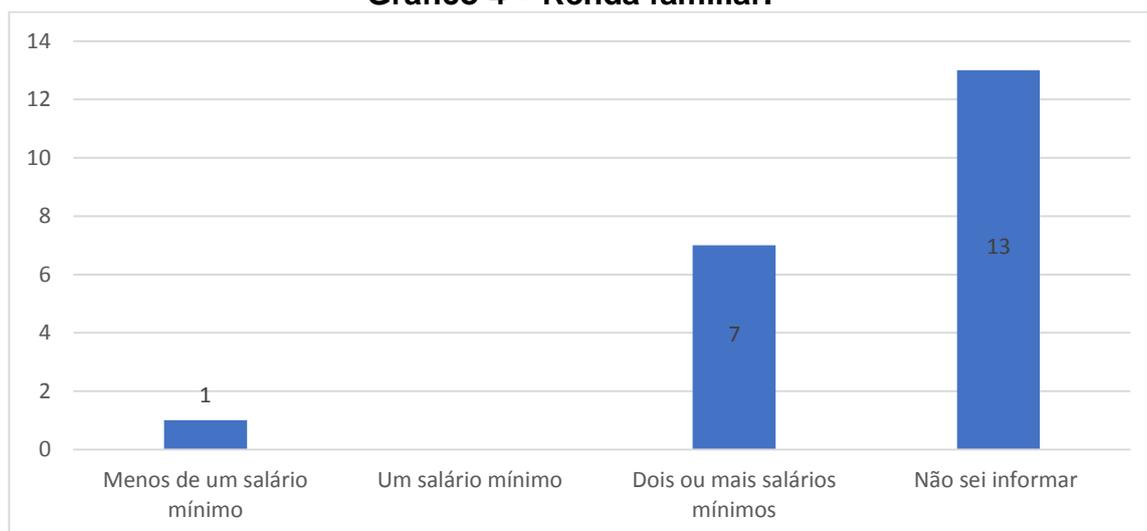
Fonte: autoria própria.

⁵ Não foi possível descobrir a idade do aluno em questão, uma vez que o questionário assegura o anonimato do aluno, pois não é solicitado que ele preencha o seu nome. Optamos por não solicitar os nomes, de quem respondeu ao questionário, para deixarmos os alunos mais à vontade para responder às perguntas. Assim, entendemos que essa postura busca obter mais veracidade nas informações coletadas.

Percebemos, segundo o gráfico 3, que há divergência nas idades. Dependendo do perfil do aluno, essa divergência pode dificultar sua relação com os outros alunos. Durante a realização do estágio, foi perceptível que os alunos que eram repetentes e que tinha uma idade mais avançada, em relação à maioria dos alunos, ficavam mais isolados e se comunicava com poucos alunos. Portanto, isso atrapalhava a sua participação nas aulas, uma vez que os alunos que não tinha 13 anos não se sentiam à vontade para algumas atividades e até mesmo para interagir com o outro.

Perguntamos aos alunos acerca da renda familiar deles. No questionário, colocamos as seguintes opções: “Menos que um salário mínimo”, “um salário mínimo”, “dois ou mais salários mínimos” e “não sei informar”. O resultado obtido está dimensionado no gráfico 4 a seguir.

Gráfico 4 – Renda familiar.



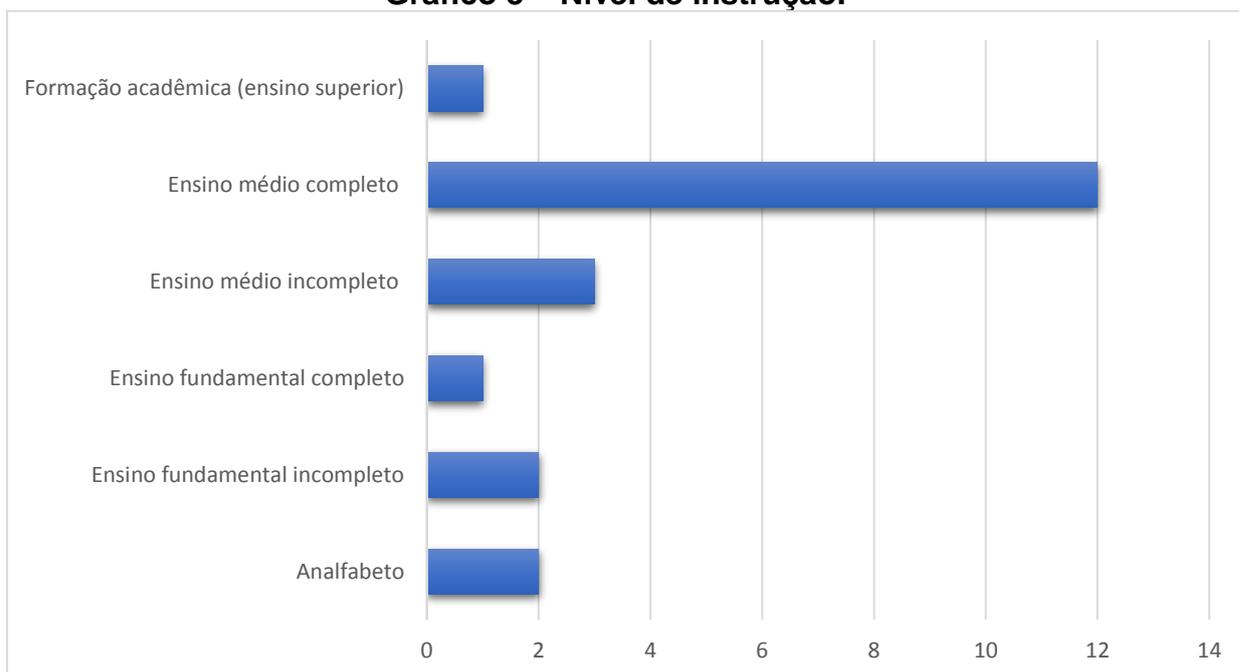
Fonte: autoria própria.

Podemos observar, pelas informações apresentadas, no gráfico 4, que apenas oito alunos têm consciência da situação financeira familiar. Consideramos preocupante vermos que um aluno afirma que a renda familiar é de um salário mínimo, pois temos conhecimento de que uma família brasileira não consegue suprir todas as suas necessidades básicas com esse valor dado o padrão de vida básico que se leva por exemplo.

A renda familiar pode interferir na aprendizagem do aluno, há duas possibilidades possíveis; o aluno carrega essa preocupação para sala de aula e não consegue se concentrar na aula; o aluno por ter problemas familiar e aproveita o momento em que está na escola para esquecer esses problemas. Podemos deduzir que grande parte daqueles que não souberam afirmar a renda familiar vem de famílias carentes. Veremos que a professora regente da turma afirma, em questionário a ela direcionado, que é “[...] difícil a realidade socioeconômica dos alunos”, veremos essa e outras respostas apresentada pela professora posteriormente neste capítulo. A professora destaca a questão da vulnerabilidade social de alguns alunos da turma, o que pode implicar naquilo que chamamos de “vulnerabilidade escolar”.

Perguntamos aos alunos qual a formação dos seus pais; as respostas foram as seguintes:

Gráfico 5 – Nível de instrução.



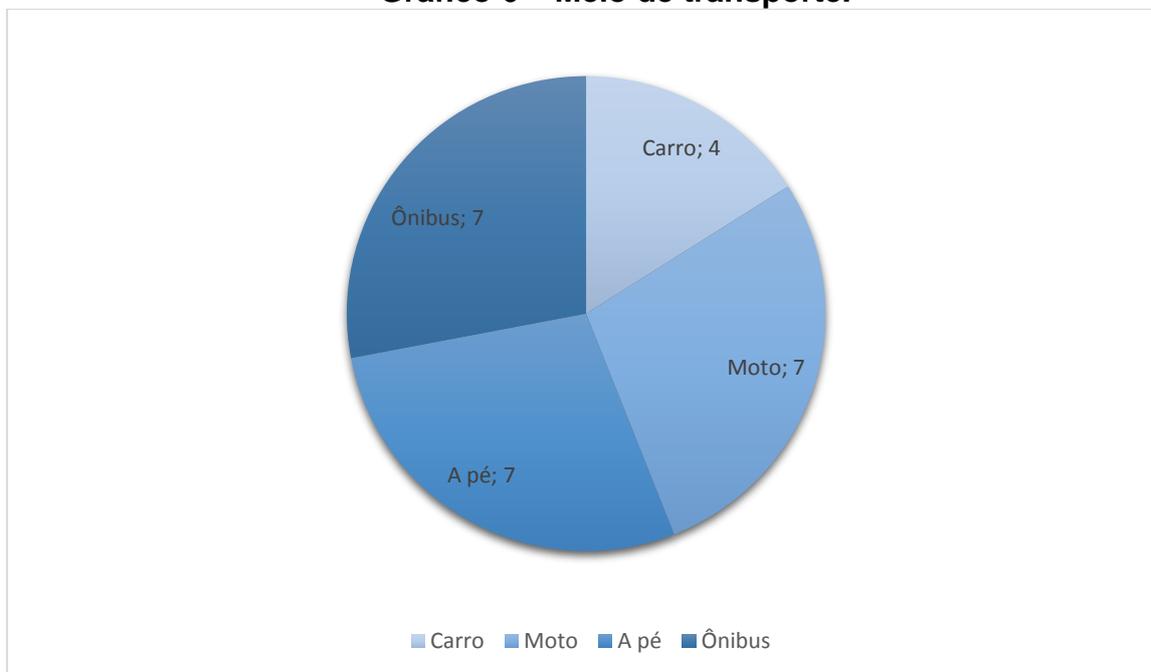
Fonte: autoria própria.

Observando o gráfico 5, percebemos que não importa o nível de instrução; os pais/responsáveis investem na educação, direcionando, assim, seus filhos à escola. De posse desses números, uma possibilidade, pensarmos que a dificuldade da renda

familiar esteja relacionada ao grau de instrução dos responsáveis⁶, uma vez que oitos alunos afirmam que seus responsáveis não concluíram a educação básica. Para atingirmos esse número de 8, somamos os resultados das seguintes variáveis: “ensino médio incompleto”, “ensino fundamental completo”, “ensino fundamental incompleto” e “analfabeto”. Os números apresentam que a grande maioria dos alunos, doze, afirmou que os responsáveis concluíram o ensino médio. Apenas um aluno afirmou que o responsável ingressou no ensino superior.

A próxima pergunta é relacionada à qual meio de transporte é utilizado por eles para ir ao colégio. Vejamos os números a seguir. Cabe destacar que quatro alunos marcaram mais de uma opção, ou seja, utilizam dois meios de transporte.

Gráfico 6 – Meio de transporte.



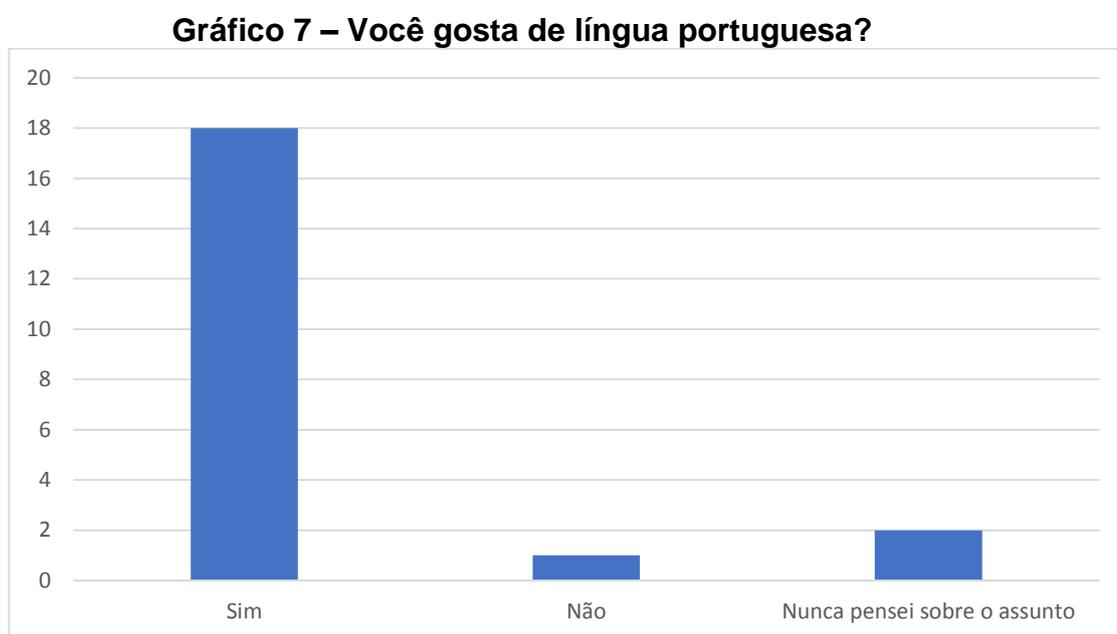
Fonte: autoria própria.

O transporte, também, pode indicar a situação econômica dos alunos, visto que a maioria vai de ônibus ou a pé. O meio de transporte utilizado pode afetar na aprendizagem do aluno. Se pensarmos nos alunos que vão a pé para escola, esses alunos chegam à escola cansados, a depender do percurso, e isso pode gerar um

⁶ Isso não significa que se alguém não concluir o ensino básico, necessariamente, irá apresentar dificuldades financeiras, mas é uma realidade que o grau de instrução pode auxiliar, ou não, em uma vaga de emprego.

pequeno estresse a eles, pois, ao chegar, tem que se dirigir para sala de aula e estudar. É recorrente no primeiro horário de aula, o fato de os alunos falarem que estão cansados, que devemos esperar para eles descansarem; isso é justificado por alunos que moram distante do colégio e tem que sair cedo de casa para chegar no horário correto.

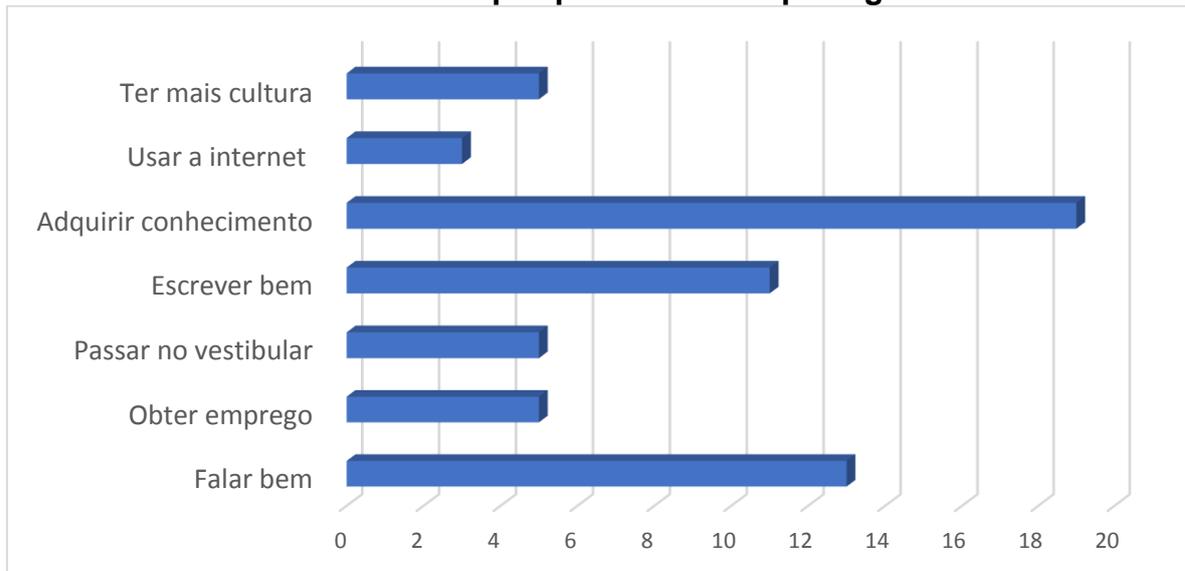
Perguntamos aos alunos se gostavam de estudar Língua Portuguesa. Assim, poderia saber se ele a relação deles com a disciplina. O resultado está presente no gráfico 7 a seguir.



Fonte: autoria própria.

Percebemos, ao analisar os números do gráfico 7, que os alunos têm uma boa relação com a disciplina de língua portuguesa já que dezoito alunos afirmaram que gostam da disciplina. Apenas um aluno afirmou não gostar e dois informaram não pensou sobre o assunto.

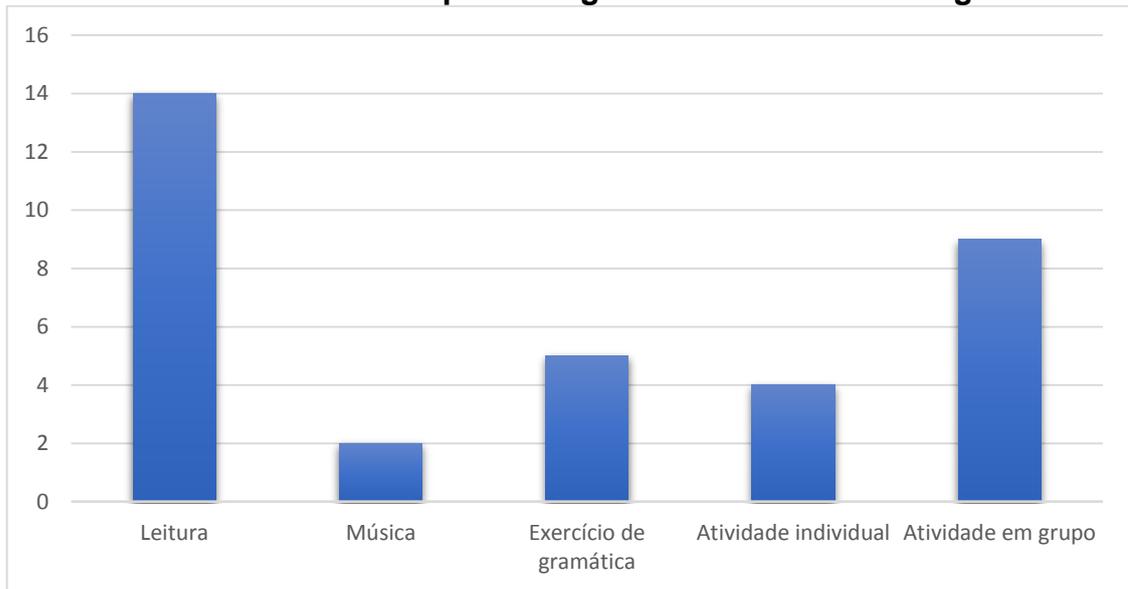
Perguntamos aos alunos o porquê, na percepção deles, estudar a Língua Portuguesa seria importante. Os alunos poderiam marcar mais de uma opção. A resposta que obtivemos foram a seguinte:

Gráfico 8 – O porquê de estudar português.

Fonte: autoria própria.

Por meio do gráfico 8, podemos perceber que os alunos têm conhecimento da importância da Língua Portuguesa. Podendo ser para ter mais cultura, estudando por meio de textos a nossa cultura atual e também passada (literatura); seja para entender e compreender as diversas linguagens, até mesmo da internet; adquirir conhecimento, seja de conteúdos curriculares e/ou de experiências diárias; escrever bem; passar no vestibular, visto que a língua portuguesa e redação exercem grande destaque nos vestibulares; seja para obter emprego, desenvolvendo seu grau de instrução por meio dos estudos; falar bem.

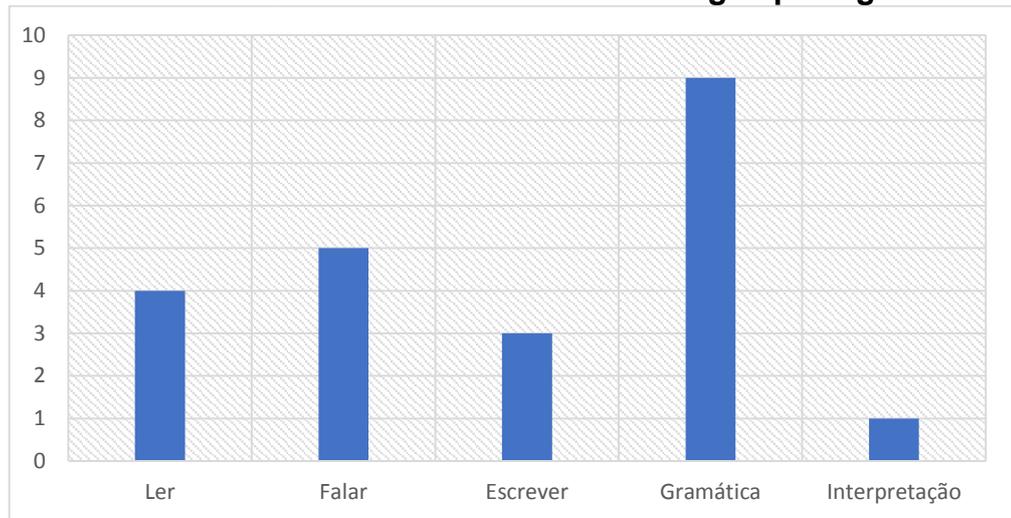
Perguntamos para os alunos quais atividades são desenvolvidas na disciplina de Língua Portuguesa de que eles mais gostam, o intuito dessa pergunta foi contemplar, em nosso planejamento, algumas das atividades durante a regência. As respostas deles foram:

Gráfico 9 – Atividade que mais gostam na aula de Português.

Fonte: autoria própria.

Podemos inferir, por meio da interpretação dos números obtidos e apresentados no gráfico 9, que os alunos se identificam e sentem mais confortável nas aulas de literatura, ou seja, a participação deles poderiam ser mais efetivas nas aulas de leitura (literatura), quatorze alunos afirmam gostar de aulas de leitura. Analisando os números relacionados à gramática, vemos que os alunos sentem mais dificuldades e que não se identificam muito com exercícios de gramáticas; apenas seis alunos de vinte e um alunos afirmaram que gostam de “exercício de gramática”.

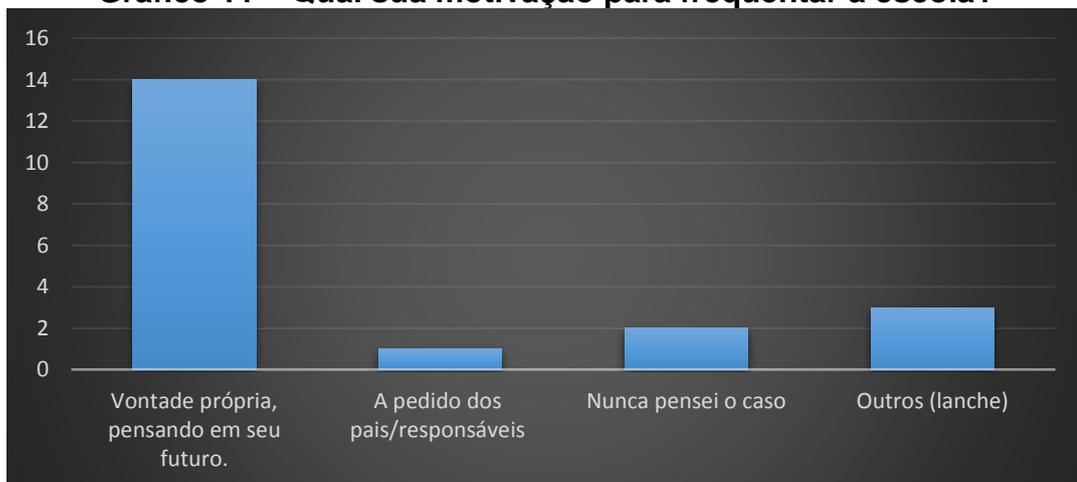
Foi questionado aos alunos quais as atividades em que eles sentem mais dificuldade, nas aulas de Língua Portuguesa. As respostas deles foram tabuladas e apresentadas no gráfico 10 a seguir.

Gráfico 10 – Dificuldades nas aulas de língua portuguesa.

Fonte: autoria própria.

Ao observar os números do gráfico 10, podemos perceber que há uma relação as informações obtidas no gráfico 09; ambos os gráficos apontam para as dificuldades dos alunos em relação ao ensino da gramática. Essa relação foi perceptível nas aulas, pois os alunos se sentiram mais confortável nas aulas que não envolviam o ensino e a aprendizagem de conteúdos relacionados à gramática.

Além do questionário aplicado, que obtemos todos os números anteriores, aplicamos outro questionário que está em anexo (Cf. Anexo 32). Nesse questionário perguntamos os alunos quais são suas motivações para frequentar a sala de aula.

Gráfico 11 – Qual sua motivação para frequentar a escola?

Fonte: autoria própria.

Por meio do gráfico 11, podemos observar que a maioria dos alunos, quatorze, afirma que frequentam a aula por vontade própria, assim pensando em seu futuro. Já pensando nas aulas, aqueles que estão nas aulas por vontade própria é mais propício a colaborarem nas aulas.

Há também um aluno que afirmou frequentar a escola a pedido dos pais. Dois alunos afirmaram que não pensaram sobre o assunto. Ressaltamos que havia a possibilidade de que os alunos acrescentassem alternativa. Três alunos afirmaram que frequenta o colégio pelo lanche que é ofertado. Segundo QUEIROZ (2015, p.190)

Desta forma, permanece a ideia de enviar seus filhos à escola, porque, assim, eles aprendem e, ao mesmo tempo, satisfazem as necessidades alimentares ou deficiências nutricionais, através de refeições escolares, que, por sua vez, servem como atrativo para conquistar o aluno a estar sempre presente, por causa da merenda escolar, garantindo melhores índices de aprendizagem.

É preocupante olharmos para esses números, pois é uma realidade existente no Brasil, em que aqueles que são mais carentes frequentam a escola, entre seus objetivos, para aproveitarem o lanche que é ofertado. Se pensarmos nos alunos que chegam com fome no colégio, sua relação com o ensino e aprendizagem é afetada, pois esses respondem a uma demanda física que atrapalha no seu desenvolvimento e isso implica uma relação outra com o estudo.

3.2.2 Caracterização da professora regente

Nesta subseção, iremos mobilizar algumas informações referentes à professora regente da turma. Para obtermos as informações que apresentamos a seguir solicitamos que a professora respondesse a um questionário (Cf. ANEXO 2) durante a realização do ESC II.

Izabel é docente de Língua Portuguesa no Colégio Estadual Guilherme Dourado há 7 anos, e exerce o magistério por aproximadamente 12 anos. A professora tem Licenciatura Plena em Letras por meio da Universidade Federal do Pará (UFPA, doravante) em 2008; em 2009, realizou especialização em Ensino Aprendizagem da Língua Portuguesa (UFPA); em 2016, finalizou o curso de mestrado no Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS – UFT).

Consideremos, a seguir, a entrevista realizada; as respostas da docente estão destacadas em **negrito**.

O primeiro questionamento realizado foi o porquê que a Izabel quis ser professora. A sua resposta foi **“Dentre as opções da época, Letras era a que me agradava e identificava.”**. Foi perguntado o que significa ensinar Língua Portuguesa a um falante de português, a professora respondeu que **“Significa aprender a cada instante, pois o convívio social de meus alunos é diversos. Aprendo muito com eles.”**. Realmente um professor está rodeado de pessoas diferentes, o que afeta o convívio social, e isso está presente no espaço de sala de aula, onde se torna um lugar de aprendizagem para os alunos e, também, para os professores.

Questionamos como a professora planejava suas aulas; ela respondeu **“A partir do diagnóstico e da realidade socioeconômica da turma. Também uso o currículo da DRE⁷, no entanto, priorizo as necessidades da turma.”**. Interessante a resposta da professora, pois mostra a preocupação em atender as necessidades dos alunos; ela demonstra que suas aulas não são preparadas de quaisquer modo, e que há uma preocupação com o agente principal na educação que é os alunos. Essa atenção com os alunos é perceptível durante as aulas que observamos ministrada pela professora.

Perguntamos a ela que materiais ela utiliza no planejamento de suas aulas e como ela realizava a seleção desses materiais. A referida professora nos respondeu que: **“Utilizo o livro didático, xerox de textos e atividades, livros da biblioteca, vídeos, etc. Os materiais são escolhidos de acordo com o interesse da turma. O livro didático é usado porque eles e os pais cobram.”**. É importante termos conhecimento de como são as aulas que os alunos participam mais, e qual gênero gostam mais. Assim é possível fazer uma abordagem em que eles se interessam a participar e a aprender. É perceptível que a professora Izabel não utiliza muito o livro didático. Em alguns pontos, pelo fato de o livro didático, dadas as observações de suas aulas, não contemplar a realidade dos alunos, ou até mesmo em relação à abordagem dos conteúdos. Ela utiliza, em suas aulas, outros materiais de apoio.

Questionamos à professora sobre qual é a importância do planejamento para a atividade docente. Ela nos respondeu **“É importante para nortear o assunto e o tempo, no entanto, nem sempre funciona. Você planeja, mas a escola interfere com atividades de última hora, outras vezes a turma não tem interesse. Por isso,**

⁷ Diretoria Regional de Ensino.

é importante ter várias cartas na manga.” Como dito pela professora, ter um planejamento é essencial. É por meio desse planejamento que o professor é norteado, mantendo, assim, uma organização dos conteúdos, da abordagem a ser feita, entre outros. A professora, também, comenta que nem sempre funciona, pelo fato de a escola acabar intervindo de alguma maneira, e, também por lidarmos com pessoas, não tem como manter tudo de forma padrão e fazer com que a aula siga apenas o que o professor planejou. Os alunos fazem parte desse processo, e, por muitas vezes, podem acabar desviando o objetivo do professor. Cabe destacar que isso é normal e é bem-vindo para a interação no processo de ensino e de aprendizagem.

Perguntamos a professora com que frequência ela utiliza o livro didático em suas aulas de Língua Portuguesa. Ela respondeu **“Utilizo quando a xerox da escola não está funcionando ou quando falta porque se não estou na escola os alunos não recebem as atividades xerocadas. Então já passo atividade do livro e eles fazem em casa.”**.

Questionamos a professora sobre quais são os instrumentos avaliativos utilizados para diagnosticar o processo de ensino e de aprendizagem da Língua Portuguesa/Literatura. Ela respondeu **“Sondagem, leitura e produção de texto oral e escrito.”** É possível perceber a abertura que a professora adota, não realizando apenas atividade avaliativa, como é o caso do ensino tradicional; ela avalia a participação de todos e o desempenho. Isso foi perceptível durante as aulas observadas e com o contato que mantivemos com a professora.

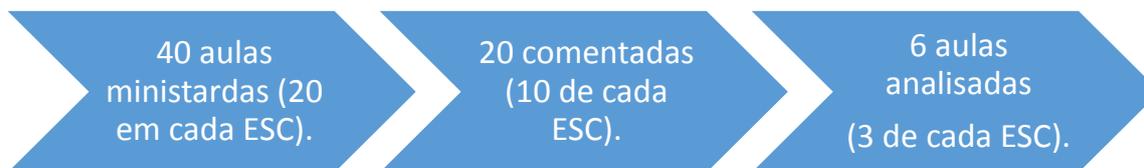
Quando questionada sobre quais são as principais dificuldades para a realização de seu trabalho em sala de aula, e se os alunos colaboram para consolidar um processo de ensino e aprendizagem significativo, a professora respondeu **“O mais difícil é a realidade socioeconômica dos alunos. Os problemas graves enfrentados por eles atingem diretamente a sala e a escola por completo. São eles: uso de drogas na família pais ausentes; violência doméstica; abuso sexual; exploração infantil; prostituição, etc.”**. Infelizmente, o comentário da professora retrata uma realidade do cotidiano de grande parte das escolas brasileiras. Essa realidade afeta, diretamente, o desempenho dos alunos no ambiente escolar, o professor tem de estar apto a saber lidar com esses fatos, e buscar o melhor modo para despertar e transmitir saberes a esse aluno tanto de vida quanto de conteúdo.

Perguntamos a professora sobre que tipos de atividades são mais frequentes nas suas aulas de língua portuguesa. Ela respondeu que “**Leitura, interpretação e produção**”. Questionamos a professora quais são as suas estratégias usadas junto aos alunos que apresentam dificuldades na apropriação dos conhecimentos; ela respondeu que “**Agrupamento produtivo - ele é orientado e acompanhado por algum colega que possui menos dificuldades. Esse por sua vez é orientado pelo professor.**”. Durante o período de observação, foi perceptível esse agrupamento, possibilitando, assim, uma interação maior entre a turma.

Perguntamos sobre quais são as suas sugestões para o futuro professor de Língua Portuguesa, ela respondeu “**Que esteja em contínuo estudo. Que não se deixe levar pelo pessimismo dos colegas. Que esteja aberto a aprender com seus alunos. Que ensine-os a respeitar o próximo; que prepare-os para a vida**”. Levaremos essas sugestões para nossa carreira, pois são sugestões essenciais para um futuro professor. Durante o período de regência, utilizamos as sugestões, dela a fim de termos uma boa relação com a turma, e poder aprender com as diferenças presentes no âmbito da sala de aula.

3.3 Caracterização das aulas ministradas

Nesta subseção, iremos caracterizar as aulas ministradas durante o período de regência no ESC II e ESC III. No total foram ministradas 40 aulas de Língua Portuguesa relacionadas a conteúdos que a professora regente indicou. Essa indicação está alinhada ao planejamento da escola, dada a divisão do ano letivo em bimestres. Em apelo à necessidade de fazermos um recorte, iremos particularizar, para objeto deste trabalho, 2 aulas, sendo analisada 1 de cada estágio. A seguir, comentaremos 10 aulas de cada estágio, com o objetivo de circunstanciar ao leitor a sequência de conteúdos e como foram trabalhadas em sala de aula. No capítulo de análise, iremos nos aprofundar em duas aulas. A seguir, apresentamos como foi realizado o nosso recorte.

Figura 2 – Recorte da pesquisa.

Fonte: autoria própria.

3.3.1 Relato de dez aulas do ESC II

Aulas 01 e 02 ministradas no dia 09 de maio de 2018: (Plano de aula e textos estão presente no ANEXO 3, deste trabalho). O tema da aula foi “Tipos de predicado: reflexão e construção de sentido”

Ao iniciar a aula, apresentamos; informamos que ministrariamos vinte aulas de Língua portuguesa, e que a professora Izabel iria acompanhar as aulas como “aluna”. Os alunos aceitaram bem, depois entregamos a eles uma folha que continha quatro tirinhas (Cf. ANEXO 4). Utilizamos o gênero textual tirinha para introduzir o conteúdo; também para fazer os alunos participarem da aula e expor as suas interpretações sobre o gênero lido.

Ao entregar a tirinha a todos, os alunos começaram a conversar, solicitamos a atenção deles, e, assim começamos a interpretar as tirinhas. Em um primeiro momento, perguntamos se eles gostariam de ler a tirinha. Alguns alunos concordaram, e separamos a tirinha, de acordo com os números de personagens. Dois alunos se disponibilizaram para ler a primeira tirinha (Fig.3).



Após a leitura, começamos a fazer questionamentos aos alunos. Perguntamos o que eles haviam entendido a partir da tirinha lida. Todos que participaram responderam que a tirinha tratava de *bullying*, uma aluna chegou até a dizer “Sempre tem um valentão da escola”.

Perguntamos à turma se havia um “valentão” na turma, a turma foi enfática em dizer que não. Porém, mesmo assim comentamos mais sobre o *bullying*. Falamos que se eles verem e/ou sofrem algum tipo de violência, seja ela física, seja psicológica, eles devem buscar ajuda. Falamos que ambos necessitam de ajuda, tanto a vítima quanto o agressor, pois algo pode estar ocorrendo com o agressor para ele agir daquela maneira. Aconselhamos a turma que ao presenciarem ou sofrerem algum tipo de violência, procurar a coordenação pedagógica do colégio e, também, avisar a seus pais.

Prosseguimos com a aula, dois alunos leram a tirinha que, neste trabalho, apresentaremos na Figura 4 a seguir.

Figura 4 – Tirinha da Mafalda



Perguntamos, novamente, aos alunos o que eles haviam entendido. Os alunos falaram que a tirinha retratava que o “mundo está doente”, ou seja, que estamos enfrentando problemas; entre esses problemas, eles destacaram: “desmatamento”; “violência”. Um aluno falou que a “industrialização” era uma doença, pois traz vários problemas, como o desemprego, a pobreza, entre outras consequências.

Comentamos com a turma sobre os problemas elencados por eles, e falamos que todas as respostas que eles apresentaram são uma “doença” que enfrentamos, e que existe muitas outras, como a “pobreza extrema”, “corrupção”, e outras.

Outra tirinha utilizada, nessas aulas, estão sendo representadas na Figura 5. Segundo os alunos, a tirinha retrata que a Mônica não tinha nenhum pedido a fazer para o “papai Noel”, que ela já tinha tudo que queria. Perguntamos se alguém mais

tinha feito outra interpretação, porém ninguém se pronunciou. Cometamos que, talvez, a Mônica possa ter pensado no outro, aqueles mais necessitados, e, por ter muita coisa, não realizou nenhum pedido; ou talvez ela estivesse querendo reconhecer pelo trabalho realizado por “papai Noel”. Eis a tirinha:

Figura 5 – Tirinha da Mônica



A quarta tirinha utilizada (Figura 4) é do Calvin e Haroldo. Perguntamos aos alunos o que eles haviam compreendido acerca da tirinha, eles falaram que não conseguiram entender. Nenhum dos alunos expôs a sua interpretação. Então, nós comentamos sobre a tirinha e relatamos que retrata uma perspectiva de futuro.

Consideremos, a seguir, a próxima tirinha utilizada por nós

Figura 6 – Tirinha do Calvin e Haroldo



Perguntamos aos alunos se eles acreditavam que o futuro deles estava nas estrelas, se tudo que ocorre na nossa vida é programado e é determinado; os alunos responderam que não. Falaram que cada um era responsável pelo seu futuro e que dependiam deles mesmos. Uma aluna falou que o futuro dela dependia do estudo, nós concordamos com ela. Outro aluno, também, manifestou-se falando que seu

futuro era determinado pelo futebol, a turma riu, mas nós falamos que ele estava certo, se ele quiser ser um jogador de futebol, ele precisaria jogar muito.

Entregamos aos alunos outra folha (presente no ANEXO 5), que apresentava uma atividade. Solicitamos que os alunos lessem e respondessem à atividade para posterior correção. A atividade é, totalmente, voltada à interpretação de tirinhas. Ajudamos o David a responder a sua atividade, já, em relação à Eduarda, outro aluno de forma voluntária ajudou a ela.

Após alguns minutos, perguntamos se eles haviam terminado, eles afirmaram que sim. Então nós realizamos a correção da atividade. Para que todos participassem, tivemos que direcionar as perguntas aos alunos, e, depois que o aluno selecionado respondesse, outros alunos poderiam apresentar sua resposta.

Para que eles pudessem responder à segunda parte da atividade, foi necessário que eles lembrassem de alguns conteúdos. Recorremos à lousa para comentarmos sobre os “termos essenciais” presente em uma oração, conteúdos que eles já estudaram. Perguntamos a eles quais eram os termos “essenciais” de uma oração, após muitas insistências e respostas erradas eles acertaram falando “sujeito” e “predicado”.

Colocamos uma oração na lousa, e a turma apresentou qual era o sujeito e qual era o predicado daquela oração. Comentamos se eles sabiam que existiam vários tipos de sujeitos gramaticais, eles afirmaram que sim e citaram alguns: “simples”, “composto”, “oculto” e outros. Comentamos que, do mesmo jeito que existe vários tipos de sujeito, existem, também, vários tipos de predicados gramaticais, mais exatamente três.

Explicamos para a turma sobre quais as características do predicado nominal, mobilizando orações criadas na hora, fazendo referência a alunos da própria turma (Ex.: “Roger é calmo.”). Assim por meio de orações, os alunos puderam abstrair o conteúdo e relembrar o que é verbo de ligação. Finalizamos a explicação, e a aula se encerrou.

Aula 03 ministrada no dia 11 de maio de 2018: (Plano de aula e textos estão presente no ANEXO 6, deste trabalho). Nesta aula, relembramos o que foi estudado nas aulas anteriores, rememoramos as características da tirinha e, também, do predicado nominal. Com a participação da turma, recorremos à lousa e escrevemos as características de tal predicado. Logo após solicitamos que os alunos utilizassem

a folhas que foram entregues na aula anterior (ANEXO 7), pedimos para que eles respondessem à atividade. Acompanhamos e ajudamos a Eduarda a responder à atividade; David recebeu uma atividade diferenciada, aplicada pela professora regente.

Depois de alguns minutos, os alunos haviam terminado a atividade, realizamos a correção, de forma conjunta. Seleccionamos alguns alunos para relatar as suas respostas; assim, pudemos saber se eles estavam, realmente, compreendendo o conteúdo exposto.

Aulas 04 e 05 ministradas no dia 14 e 15 de maio de 2018: (Plano de aula e textos estão presente no ANEXO 8, deste trabalho). Nestas aulas, tivemos como objetivo trabalhar o predicado verbal, sempre rememorando o conteúdo já exposto na aula anterior. Nesta aula, os alunos deveriam compreender de que modo os predicados estão presentes nos textos, identificar o predicado nominal e verbal em um texto, compreender que o sentido pode influenciar na classificação dos predicados.

Para abordar os conteúdos, utilizamos um texto (disponível no ANEXO 9). Na primeira aula distribuímos para a turma o texto chamado “A lua”, de Catherine Ragache e Claude Ragache. Realizamos a leitura e comentamos, juntamente com a turma, o texto apresentado. Junto com o texto continha uma atividade, voltada somente para a interpretação do texto. A turma respondeu à atividade e realizamos a correção.

Na segunda aula, lembramos o conteúdo “predicado nominal” e apresentamos a turma o “predicado verbal”. Para a apresentar o “predicado verbal” tivemos que relembrar a turma a diferença entre o verbo de ligação e o verbo nocional. Depois de toda a explicação gramatical, entregamos uma atividade aos alunos (ANEXO 10), essa atividade é relacionada ao texto utilizado na aula anterior. Tal atividade contém orações, ela consiste em apontar qual é o sujeito, o predicado e os tipos de predicado. O restante da aula foi disponibilizado para os alunos responderem à atividade.

Aulas 06 e 07 ministradas no dia 16 de maio de 2018: (Plano de aula e textos estão presente no ANEXO 11, deste trabalho). Tivemos como objetivos nessas aulas, fixar o “predicado nominal” e “predicado verbal”. Começamos a aula relembrando os

termos abstraídos nas aulas anteriores. Depois, socializamos e corrigimos a atividade da aula anterior. Após a correção da atividade acerca do “predicado verbal”, recorreremos à lousa e passamos uma atividade de fixação. A atividade consistia em orações, que estavam relacionadas a alguns alunos. A atividade escrita, na lousa, foi a seguinte:

- Classifique as orações abaixo em “predicado nominal” ou em “predicado verbal”. (Observe o sentido da oração)
 - a) Bruno chegou na escola.
 - b) Mariane é muito simpática.
 - c) A professora Izabel corrigiu as provas.
 - d) Chove bastante em Araguaína.
 - e) Bateram na porta da sala do 8º ano.
 - f) Anoiteceu.
 - g) Ana estava irritada.
 - h) Samuel é inteligente.
 - i) Jessica comprou um caderno.

Solicitamos aos alunos que copiassem em seus cadernos e que respondessem. Após alguns minutos, os alunos terminaram de responder à atividade. Uma aluna pediu para responder à atividade na lousa, isso fez com que boa parte da turma, também, desejasse. Assim, organizamos e distribuimos cada oração para cada aluno. Apenas um aluno errou a resposta, corrigimos a atividade.

Como ainda havia alguns minutos para acabar a aula, mesmo não estando no plano de aula, realizamos a apresentação do “predicado verbo-nominal”. Assim, mobilizamos algumas orações, os alunos responderam e afirmaram que compreenderam o conteúdo. Esse fato estar relacionado a contingência na sala de aula, uma vez que, mesmo realizando um plano inicial (plano de aula), o desenvolvimento é dado em relação a um conjunto de fatores é próprio da sala de aula.

Aula 08 ministrada no dia 18 de maio de 2018(Plano de aula e textos estão presente no ANEXO 12, deste trabalho). Nesta aula, perguntamos aos alunos se eles

havia compreendido o conteúdo acerca dos “tipos de predicado”, todos afirmaram que sim. Após eles afirmarem, entregamos a atividade de fixação que elaboramos (Cf. ANEXO 13), e pedimos para eles responderem. A atividade consistia em saber se eles, realmente, haviam compreendido o conteúdo, solicitamos a turma que não realizassem consulta no caderno e nem com o colega, podendo deixar em branco as respostas que não sabiam e não precisariam ter medo de errar.

Durante essa aula, David estava realizando outra atividade, atividade entregue por um funcionário do colégio, que trabalha no grupo de apoio aos alunos especiais. A atividade era relacionada a repetir algumas letras do alfabeto, acompanhamos no em parte da aula. Depois auxiliamos a Eduarda na resolução da atividade, assim observando que seu desempenho foi razoável.

Durante a aulas alguns alunos se mostraram inseguro, e perguntava se a resposta que colocaram estava certa. A turma passou a aula toda realizando a atividade. Recolhemos a atividade, e a aula acabou.

Aula 09 ministrada no dia 21 de maio de 2018: (Plano de aula e textos estão presente no ANEXO 14, deste trabalho). Nesta aula, realizamos a devolutiva da atividade de fixação, aplicada na aula anterior, e, por meio, dela realizamos a correção, buscando tirar as dúvidas dos alunos, e explicando onde eles erraram e o porquê.

Por meio da atividade, entendemos que boa parte da turma havia compreendido o conteúdo, poucos erraram e até mesmo os que erraram foi de forma bem superficial, demonstrando que compreendia boa parte do conteúdo. Nesta aula, houve um pouco de falta de respeito dos alunos, no sentido da conversa paralela, e no sentido de não respeitarem as solicitações de silêncio. Neste momento final, a professora não estava na sala de aula. Ela havia indo tirar xérox dos materiais que seriam usados na próxima aula. A aula encerrou.

Aula 10 ministrada no dia 22 de maio de 2018: (Plano de aula e textos estão presente no ANEXO 15, deste trabalho). Nesta aula, repreendemos os alunos pela falta de respeito na aula anterior. Continuamos com a aula, que passou a ser sobre o gênero textual crônica. Perguntamos aos alunos se eles sabiam o que eram crônica, muitos falaram que não, porém um aluno falou “É um texto que fala sobre o dia a dia”; a professora regente comentou que já falou para turma o que era crônica.

Para abordar o conteúdo, levamos algumas crônicas, para que os alunos refletissem e buscasse identificar características evidenciadas a esse gênero. As crônicas apresentadas foram: “A última crônica”, de Fernando Sabino (Cf. ANEXO 16) e “A arte de ser avó”, de Rachel de Queiroz (Cf. ANEXO 17).

Iniciamos a discussão a partir do título de cada texto. Em um primeiro momento os alunos acharam que a crônica de Sabino era a última crônica que ele escreveu, mas, depois da leitura e da interpretação, mudaram de ideia. Foi realizada a leitura da crônica de Fernando Sabino, a leitura foi coletiva; depois da discussão, reproduzimos o áudio em que uma narradora virtual fazia a leitura da crônica. O objetivo de ouvir, novamente, era para que os alunos prestassem mais atenção e percebessem a sutileza dos elementos presentes no áudio. Realizamos a interpretação da crônica.

Depois, realizamos a leitura coletiva da crônica de Raquel de Queiroz, novamente coletiva. Dessa vez, o texto começou com o aluno David, por estar aprendendo conteúdos do 3º ano do ensino fundamental II; o aluno não tinha domínio da leitura. A professora regente até se “assustou”, quando falamos que David iria ler também. Ela comentou que ele estava nervoso, perguntamos a ele se estava nervoso e ele confirmou que sim. Mas convencemos a ele a ler junto comigo, falamos a ele que falaríamos em seu ouvido e que ele reproduziria para o restante da turma.

Depois de David finalizar a sua leitura, todos da sala aplaudiram, foi perceptível que ele ficou muito contente pela participação. O resto do texto foi lido pela turma. E assim acabou a aula.

3.3.2 Relato de dez aulas do ESC III

Aula 01 ministrada no dia 04 de setembro de 2018: (Plano de aula e textos estão presente no ANEXO 18, deste trabalho). Nessa aula, apresentamos aos alunos dois gêneros textuais pertencentes à esfera jornalísticas, abordando “reportagem” e a “notícia”. O objetivo era comentarmos a diferença entre esses dois gêneros. Utilizamos um texto para fazer a introdução do assunto (ANEXO 18), porém, antes de entregarmos o texto perguntamos aos alunos se eles sabiam qual era a diferença entre reportagem e notícia; um aluno afirmou que “reportagem é mais grande, já a notícia é pequeno”. Transcrevemos esse enunciado, respeitando a variedade linguística do aluno.

Após realizar a leitura do texto, explicamos, pontualmente, quais eram as diferenças de um gênero do outro. Para facilitar, solicitamos que os alunos pegassem o livro didático para a leitura de uma reportagem. Porém, grande parte dos alunos não levaram o livro didático naquele dia, um aluno pediu para ir em outra turma apanhar um livro e conseguiu dois livros. Trabalhamos com os livros que estavam disponíveis, houve agrupamento entre os alunos para a leitura, e outros se contentaram em apenas ouvir.

Selecionamos dois alunos, cada um leu um texto. Os textos trabalhados estão em ANEXO 20. O primeiro texto é intitulado “*Daniel Alves: É hipocrisia negar racismo e criticar #somostodosmacacos*”, o aluno realizou a leitura, sua leitura foi muito boa, em termos de oralização. Após a leitura, solicitei que a turma comentasse sobre o texto, alguns alunos disseram que assistiram ao jogo em questão, outros disseram que assistiram à reportagem na TV.

Após toda a discussão acerca do texto anterior, seguimos para o segundo texto intitulado “*Um casal inter-racial passa por constrangimento em 2014?*”. Perguntamos aos alunos se eles sabiam o que é um casal inter-racial, poucos alunos souberam, mas com a ajuda da imagem que acompanha o texto relacionaram. Um aluno DISSE que era “Uma mulher branca e um homem negro”, explicamos a eles que não é necessariamente uma mulher branca e um home negro, poderia ser inverso. No meio da discussão a aula acabou.

Aulas 02 e 03 ministradas no dia 05 de setembro de 2018: (Plano de aula e textos estão presente no ANEXO 21, deste trabalho). Nesta aula, retomamos aos textos lidos na aula passada, e, solicitamos que os alunos copiassem e respondessem à atividade do livro (ANEXO 22). Os alunos reclamaram por termos solicitado que eles copiassem a atividade, solicitamos pelo motivo da turma está muito agitada, e isso estava dificultando o andamento da aula. Então, solicitamos que eles copiassem a atividade e respondessem.

Nesse dia, houve duas aulas. Os alunos haviam terminado de copiar e de responder. Antes de corrigir, perguntamos aos alunos qual a diferença entre um texto e o outro, em relação aos gêneros “reportagem” e “notícia”. Tivemos de comentar quais as diferenças de um gênero e de outro para os alunos poderem entender. Realizamos a correção da atividade e discutimos a situação no contexto atual brasileiro em relação ao preconceito.

É de grande relevância textos que proporcionem a reflexão dos alunos. Nos textos presentes no livro didático ambos são relacionados ao preconceito, que infelizmente, é um grande problema na sociedade brasileira. É, por meio de discussões como a que houve no âmbito da sala de aula, que podemos fazer os alunos refletir sobre suas ações e, também, as ações que eles presenciam no cotidiano.

Aula 03 ministrada no dia 10 de setembro de 2018: (Plano de aula e textos estão presente no ANEXO 23, deste trabalho). A professora regente nos apresentou duas atividades que poderiam ser usadas nas aulas seguintes. Ela deixou claro que a opção de utilizar as atividades era nossa; após analisar as atividades, decidimos utilizá-las.

Neste dia, foram ministradas duas aulas de português, entregamos a primeira atividade (ANEXO 24), na primeira aula, e solicitamos que eles respondessem sem realizar a consulta ao material, ou mesmo a consulta aos colegas. O objetivo foi identificar quais as dificuldades dos alunos em evidenciar as diferenças entre os gêneros “reportagem” e “notícia”.

Os alunos poderiam tirar dúvida conosco, assim saberíamos as dificuldades e explicaríamos, pontualmente, o que era solicitado. Os alunos conseguiram responder naquela aula toda a primeira atividade. Já na segunda aula, foi proposta aos alunos outra atividade (ANEXO 25), todos os alunos responderam sem apresentar grandes dificuldades.

Aulas 04 e 05 ministradas no dia 11 de setembro de 2018: (Plano de aula e textos estão presente no ANEXO 26, deste trabalho). Nesta aula, realizamos a devolutiva das atividades realizadas em sala de aula. O objetivo dessas atividades foi trabalhar de forma clara a diferença entre os gêneros. Trabalhamos a interpretação e as características de cada gênero. A primeira atividade era um texto que retrata uma reportagem (ANEXO 24), as perguntas serviram para acentuar as características de tal gênero. Já a segunda atividade (ANEXO 25) é uma notícia. Por meio de discussão conjunta, pudemos ensinar aos alunos as diferenças entre os dois gêneros.

Aula 07 ministrada no dia 12 de setembro de 2018: (Plano de aula e textos estão presente no ANEXO 27, deste trabalho). A professora, anteriormente a essa aula, informou-nos que a prova bimestral dos alunos estava próxima. E que os conteúdos eram: apostrofo, vocativo, reportagem, notícia e interpretação de texto.

Por esse motivo dedicamos as aulas seguintes para a revisão para prova. Nesta aula, organizamos a turma e explicamos que era uma atividade de fixação, ou seja, a metodologia seria semelhante à de prova. Iniciamos recorrendo a lousa e comentando, superficialmente, a diferença entre “aposto” e “vocativo”. Toda a atividade é baseada no aposto e no vocativo (ANEXO 28), solicitamos que os alunos respondessem a atividade e que não consultasse os outros alunos.

Após todos realizarem a atividade e mostrarem para nós, corrigimos a atividade em sala de aula. A correção consistia em oportunizar aos alunos que eles tirassem dúvidas antes de realizarem a prova; a correção ocorreu de forma mútua, nós e os alunos. Os alunos, também, recorreram a lousa para mostrar as suas respostas. Foi um momento de descontração e que eles gostaram bastante.

Aula 08 ministrada no dia 14 de setembro de 2018: (Plano de aula e textos estão presente no ANEXO 29, deste trabalho). Nesta aula, realizamos uma cópia de um texto, usando a lousa. O motivo de realizar a cópia, na lousa, foi a falta de *tonner* na impressora do colégio. O texto aborda o gênero reportagem e notícia. Outro motivo para realizar a cópia era o fato de termos ainda três aulas antes da data da prova, não daria para ministrar um conteúdo novo. O texto foi o seguinte:

Diferenças entre os gêneros reportagem e notícia⁸

Embora pertençam ao universo jornalístico, existem importantes diferenças entre os gêneros reportagem e notícia.

Os **gêneros textuais** e a comunicação são elementos indissociáveis. Os gêneros estão sempre a serviço das interações verbais, sejam elas orais ou escritas, podendo sofrer modificações para melhor atender as necessidades dos falantes.

Diferenças entre os gêneros reportagem e notícia

⇒ Os gêneros textuais do universo jornalístico podem ser divididos em dois grandes grupos:

- Gêneros do jornalismo opinativo;
- Gêneros do jornalismo informativo.

De acordo com essa divisão, a reportagem enquadra-se entre os textos do jornalismo opinativo, enquanto a notícia está entre os textos do jornalismo informativo;

⇒ A notícia tem como objetivo principal narrar acontecimentos pontuais, ou seja, fatos do cotidiano; a reportagem extrapola os limites da notícia, pois não tem como única finalidade noticiar algo;

⇒ Muitos teóricos da comunicação não estabelecem relação entre a notícia e a reportagem, pois veem esse segundo gênero como um gênero autônomo, isto é, desvinculado dos parâmetros que regem a notícia. Enquanto a notícia informa sobre temas do momento, a

⁸ Disponível em: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/redacao/diferencas-entre-os-generos-reportagem-noticia.htm>, acessado no dia 12 de setembro de 2018.

reportagem trata de um fenômeno social ou político, acontecimentos produzidos no espaço público e que são de interesse geral.

⇒ A reportagem apresenta elementos que não são encontrados na notícia:

- Emprego do discurso direto e do discurso indireto: Na notícia, o discurso predominante é o indireto, enquanto na reportagem os dois tipos de discurso mesclam-se para melhor construir os significados do texto;
- Polifonia: No gênero textual notícia, a única voz presente é a do repórter. Na reportagem, é comum encontrarmos o recurso da polifonia, pois nesse gênero existem elementos como entrevistas com testemunhas e/ou especialistas. Esses elementos permitem que o jornalista, ao apresentar outras vozes no texto, isente-se da apresentação dos fatos;
- A reportagem é assinada pelo repórter, a notícia, não. Isso acontece porque a reportagem é construída a partir de um ângulo pessoal, com contornos narrativos bem marcados, enquanto a notícia é objetiva e imparcial;
- Meios de divulgação: A reportagem é mais frequente em revistas e em edições específicas de jornais (geralmente publicadas nas edições de finais de semana). Isso acontece porque o gênero textual reportagem apresenta uma estrutura textual mais complexa, fruto de uma investigação minuciosa do jornalista.

Parte do texto foi adaptado no momento da escrita, buscando sintetizar e facilitar a compreensão dos alunos. Durante a cópia, houve algumas interferências dos alunos, relacionada à conversa paralela muito alta, a brincadeiras e alguns alunos deixando de copiar o texto. Tivemos que chamar a atenção dos alunos algumas vezes, porém tudo ocorreu bem e todos os alunos realizaram a cópia.

Aulas 09 e 10 ministradas no dia 17 de setembro de 2018: (Plano de aula e textos estão presente no ANEXO 29, deste trabalho). Nesta aula, solicitamos que os alunos realizassem perguntas acerca dos conteúdos da prova; ninguém tinha dúvidas, ou melhor, não apresentaram as suas dúvidas. Portanto, já que os alunos sabiam, segundo eles, a diferença entre notícia e reportagem, solicitamos que eles fizessem uma reportagem (ANEXO 30). A proposta foi eles fazerem em dupla e qualquer dúvida poderiam nos questionar.

Apenas duas produções foram classificadas insuficientes, ou seja, não contemplava o que foi pedido. Tais produções não se enquadravam no gênero reportagem e, sim, notícia. Os alunos especiais também participaram da produção, ambos se juntaram com outros colegas. Mobilizamos, a seguir, um quadro em que apresentam o título e classificação de cada texto.

Quadro 3 – Produção de texto – Reportagem

PRODUÇÃO DE TEXTO – REPORTAGEM – TRABALHO EM DUPLA	
PRIMEIRA DUPLA	PRODUÇÃO INSUFICIENTE – Não se enquadra ao gênero reportagem. “Jair Bolsonaro leva facada em Juiz de fora”.
SEGUNDA DUPLA	PRODUÇÃO MUITO BOA – Contempla o que foi pedido. “Uso de drogas pelos jovens”.
TERCEIRA DUPLA	PRODUÇÃO BOA – Contempla o que foi pedido. “Os impactos da greve dos caminhoneiros”.
QUARTA DUPLA	PRODUÇÃO Razoável – Contempla o que foi pedido. “Paralisação dos caminhoneiros”.
QUINTA DUPLA	PRODUÇÃO BOA – Contempla o que foi pedido. “Tráfico de drogas do Brasil”.
SEXTA DUPLA	PRODUÇÃO Razoável – Contempla o que foi pedido. “Paralisação dos caminhoneiros”.
SÉTIMA DUPLA	PRODUÇÃO Razoável – Contempla o que foi pedido. “Incêndio no Museu Nacional do Brasil em 2018”.
INDIVIDUAL	PRODUÇÃO INSUFICIENTE - Não se enquadra ao gênero reportagem. “Greve dos caminhoneiros”.
OITAVA DUPLA	PRODUÇÃO BOA – Contempla o que foi pedido. “Copa do mundo 2018”.
NONA DUPLA	PRODUÇÃO MUITO BOA – Contempla o que foi pedido. “Preconceito na sociedade”.
DÉCIMA DUPLA	PRODUÇÃO BOA – Contempla o que foi pedido. “A criminalidade no Brasil”.
DÉCIMA PRIMEIRA DUPLA	PRODUÇÃO MUITO BOA – Contempla o que foi pedido. “A derrota do Brasil na Copa do Mundo 2018”.

Fonte: autoria própria.

3.4 Caracterização do corpus

Conforme já mencionamos, para o desenvolvimento deste trabalho, utilizaremos as aulas que foram ministradas durante o período de regência do ESC II e ESC III. No total foram ministradas quarenta aulas, vinte em cada ESC. Por serem muitas aulas a serem analisadas realizamos uma delimitação, recorreremos a duas aulas (uma ministrada no ESC II e outra no ESC III). Das aulas selecionadas,

realizamos recortes das transcrições, organizando-as em cenas enunciativas, buscando, dessa maneira, significar os revezamentos discursivos ocorridos nas referidas aulas.

Por meio das cenas enunciativas, buscaremos analisar o jogo de interlocução ocorridas entre nós e os alunos da turma enfocada na pesquisa. Com a análise das cenas enunciativas, poderemos observar como se constituiu o revezamento discursivo, e, por sua vez, a relação entre a teoria e a prática desenvolvida por nós. No conjunto destas reflexões, poderemos problematizar o lugar de fala que nós ocupamos no âmbito da sala de aula.

3.5 Descrição do procedimento de análise

Como mencionamos, na subseção anterior, nosso trabalho analítico está, diretamente, relacionado à duas aulas. Essas aulas foram ministradas em uma turma de 8º ano do ensino fundamental II, de uma escola pública de Araguaína/TO, conforme vimos destacando neste trabalho. As duas aulas, ministradas na referida turma, foram gravadas e, posteriormente, transcritas; as transcrições foram realizadas seguindo as orientações do Projeto da Norma Urbana Oral Culta (NURC). Disponibilizamos, em anexo, as orientações propostas para transcrição de textos orais, normas adotadas pelo projeto NURC/RS (Cf. Anexo 34).

Partindo das transcrições realizadas, poderemos realizar recortes, a partir de cenas enunciativas, para podermos abordar de que modo constitui-se o jogo de interlocução entre nós e alunos em sala de aula. Assim, poderemos observar de que modo nós produzimos “revezamento discursivo”, e observando de que modo o estagiário é levado a produzir uma articulação entre teoria e prática, partindo de experiências que são próprias da contingência da sala de aula. E, assim, por meio de todas as articulações, poderemos refletir o sobre de fala que construímos.

4. CAPÍTULO ANALÍTICO: DAS CENAS ENUNCIATIVAS EM SALA DE AULA – ENTRE O REVEZAMENTO DISCURSIVO E O LUGAR DE FALA

Este capítulo aborda o jogo de interlocução entre o estagiário e o(s) alunos(s) em sala de aula, tendo em vista duas aulas que integram a etapa de regência dos ESC II e III. Por meio de Cenas Enunciativas, priorizamos o modo como estagiário enuncia os saberes em sala de aula, concebendo que essa enunciação aponta para aquilo que concebemos como “revezamento discursivo”. Na contingência da aula, o estagiário é levado a produzir uma articulação entre teoria e prática, dado o jogo de interlocução. E, como vamos mostrar, esse revezamento acaba implicando, conseqüentemente, a constituição de um lugar de fala no próprio espaço de sala de aula.

Para iniciarmos o nosso trabalho de análise, vejamos, a seguir, a Cena Enunciativa 1⁹ (CE 1):

Cena Enunciativa I

Estagiário: agora vamos entrar em um novo assunto... o novo assunto é sobre tipos de predicados... lá vocês estudaram antes de estudarem os verbos... vocês estudaram sujeito também...

Alunos: SIM...

Estagiário: lá quando vocês estudaram... tenho certeza que a professora comentou os termos essenciais da oração... que toda oração tem que ter... vocês lembram?

Matheus: não...

Lucas: sim

Estagiário: o Lucas que falou que sim...

Lucas: sei não...

Aula ocorrida no dia 09/05/2018, no 2º horário.

Ao iniciar o estágio, houve reuniões com a professora regente, ela nos informou os conteúdos que já havia trabalhando com os alunos, entre eles os termos essenciais da oração. Apesar de sabermos que os alunos já têm um conhecimento prévio, buscamos iniciar o novo conteúdo, tipos de predicado, rememorando o que eles já estudaram. Assim, ao perguntarmos se eles tinham conhecimento sobre os termos essenciais da oração, já tínhamos em mente que a turma já conhecia. Por se tratar de uma turma que apresenta dificuldades em relação à aprendizagem de

⁹ Aula ministrada no ESC II. Transcrição da aula presente no Anexo 34. Plano de aula presente no Anexo 3.

conteúdos gramaticais, como relatamos no capítulo metodológico deste trabalho, buscamos teorizar sobre esse assunto de forma mais branda.

Como observamos na (CE 1), buscamos rememorar termos que já foram estudados por eles, para assim criar um “elo” acerca dos conteúdos estudados. Foi perceptível que os alunos apresentam dificuldades em enunciar o conteúdo gramatical. Observamos, por meio do CE 1, que dois alunos se posicionam, afirmando que não lembravam e/ou não conheciam os termos essenciais. Como dito, esse posicionamento está relacionado ao perfil da própria turma.

Em primeiro momento, eles não acertam o que seria os termos essenciais da oração, segundo a gramática normativa, mas, após algumas insistências produzidas por nós, eles começaram a definir. Poderemos verificar na CE 2.

Cena Enunciativa 2

Estagiário: alguém sabe quais os termos essenciais da oração?
 Roger: predicação... artigo...
 Estagiário: não...
 Ana: o que é?
 Estagiário: os termos essenciais da oração...
 Ana: sujeito...
 Estagiário: sujeito...
 Vários alunos: “predicado” “verbo” “substantivo”
 Estagiário: já falaram são dois... uma falou uma coisa e a outra pessoa falou outra...
 Aluna: sujeito e predicado?
 Estagiário: é... sujeito e predicado... vocês lembram o que é predicado?
 Alunos: SIM
 Estagiário: quem falou sim?
 Aluna: é o resto da frase...
 Estagiário: hum::
 ((alunos começaram a conversar mais alto))

Aula ocorrida no dia 09/05/2018, no 2º horário.

Podemos perceber que, novamente, nós realizamos o movimento de questionar os alunos, buscando, assim, a participação deles e o dimensionamento de seus conhecimentos e suas dificuldades no tópico gramatical em foco nessa aula. Podemos imaginar que pelo fato de termos antecipado o tema da aula, tipos de predicado, o aluno Roger, assim, associou ao que foi perguntado e afirmou que o termo essencial da oração era “predicação”. Por meio do CE 2, podemos observar que alguns alunos estavam dispersos, visto que poucos participaram e que alguns não sabiam o que estava sendo demandado; exemplo disso é a aluna Ana. A aluna

perguntou a nós sobre o que estava sendo solicitado. Mas cabe ressaltar que nós já havíamos comentando a pergunta repetidas vezes.

Apesar da dificuldade da turma, pudemos observar que os alunos têm conhecimento acerca de alguns termos constantes da gramática normativa. Observamos que os alunos responderam ao que foi demandado, apesar da incerteza em suas respostas. Acreditamos que a incerteza possa estar relacionada à dificuldade dada aos conteúdos gramaticais e, também, por se tratar de uma pessoa “nova” ministrando a aula. Talvez, por não estarem acostumados conosco, os alunos não se manifestaram muito inicialmente.

Prosseguimos a aula realizando questionamentos, perguntamos aos alunos acerca de seus conhecimentos em relação aos termos essenciais da oração. Podemos observar, por meio da CE 3, o modo como ocorreu o jogo de interlocução entre nós e os alunos:

Cena Enunciativa 3

Estagiário: as duas meninas comentaram que o termo essencial é sujeito e predicado... o que seria o sujeito? O que é sujeito?

Maria: o que pratica...

Roger: ele sofre ou pratica a ação... pratica ou sofre...

Estagiário: então vocês acham que sujeito é aquele que pratica e sofre a ação?

((alguns alunos concordaram... outros não))

Estagiário: pratica ou sofre que vocês falaram né? então toda frase o sujeito vai pratica e sofre ação?

Ana: não...

Estagiário: tem oração sem sujeito também... Pessoal... essa definição não é tão boa assim porquê as vezes não tem sujeito para praticar e sofrer ação...

((alguém entra na sala)) ((o estagiário recorre a lousa))

Aula ocorrida no dia 09/05/2018, no 2º horário.

Nesse recorte que realizamos, pudemos observar que há uma reflexão do que seria sujeito, segundo a gramática normativa. Maria e Roger, e outros alunos que concordaram com eles, afirmaram que sujeito é aquele que pratica ou sofre uma determinada ação. Entretanto, sabemos que nem sempre uma oração apresentará sujeito. De acordo com Bechara (2014, p.22, grifo do autor.), “[p]ela mesma natureza semântica e sintática, é fácil concluirmos que em algumas orações não temos predicação referida a nenhum sujeito: *Chove pouco no Nordeste.*”.

É comum que os alunos afirmem que o sujeito pratica e/ou sofre ação, visto que essa é uma definição corrente no ambiente escolar e que, também, é comum

encontrarmos sujeito em boa parte das orações. Oportunizamos nesse momento em sala de aula discutir esse conceito, visto que não apresentam as funções totais do sujeito. Optamos em problematizar esse conceito de forma mais didática, para facilitar o entendimento da turma; então, lembramos a eles que existe oração sem sujeito, o que problematiza a definição apresentada pelos alunos. Em aulas posteriores, abordamos mais esse tema, realizando atividades que abordavam as características do sujeito.

Não perdendo de vista o foco deste capítulo, é preciso considerar que a problematização desse conceito, acolhendo, em um primeiro momento a definição apresentada pelos alunos, e, em seguida, lança-os a outros tipos de ocorrência do tipo de sujeito, só se torna possível, com base no revezamento discursivo que produzimos entre teoria e prática no próprio espaço de sala de aula. Para criarmos condições para essa problematização, foi-nos necessário lançar mão de nossa formação teórica, em sintaxe, por exemplo, de modo a mostrar aos alunos outras definições, que, apenas, a comum no espaço escolar.

Chama-nos a atenção, nessa CE 3, a enunciação de Ana, uma vez que ela foi a única a negar a afirmação feita por seus colegas. Podemos perceber que, apesar de a turma afirmar, por meio de questionários, que não tem uma boa relação com a aprendizagem da gramática, eles, por muitas vezes, acabaram por apresentar definições e conceitos que demonstram que têm certo conhecimento das regras gramaticais.

Após a cena enunciativa 3, recorreremos à lousa para melhor explicar o que é sujeito e predicado, que são os termos essenciais. Vale ressaltar que, no livro didático, esse conteúdo não é abordado; por esse motivo, elaboramos uma aula sem utilizar o livro de didático como suporte. Para explicar melhor o foco da aula, recorreremos à lousa e fizemos algumas considerações acerca dos termos discutidos, ou seja, sobre sujeito e predicado. Após todos terminarem de copiarem, o estagiário retoma a explicação.

Iremos observar, a seguir, a CE 4:

Cena Enunciativa 4

Estagiário: vamos começar... os termos essenciais da oração... os termos essenciais... ou seja o sujeito mais o predicado... **o sujeito... é qual o restante da oração diz algo... quando há (sujeito)...** vocês falaram que ele sofre ou pratica a ação... as vezes ocorre caso dele não sofrer e ocorre também como vocês disseram... oração sem sujeito... o predicado... é o termo

que contém um verbo e alguma informação sobre o sujeito... deu para entender isso aqui?

Alunos: deu...

Aula ocorrida no dia 09/05/2018, no 2º horário.

Podemos observar, considerando a nossa interlocução com os alunos, a busca em problematizar o conceito dado pelos alunos acerca do sujeito. Para facilitar o entendimento, e por se tratar de uma turma que não tem afinidade com a gramática, buscamos não apresentar um conceito muito teórico acerca do sujeito. Julgamos melhor discutir os conceitos com calma e ir demandando a reflexão dos alunos a partir de exercícios. Pelo perfil da turma, é possível perceber que eles não gostam de aulas metalinguísticas; sendo assim, é mais viável apresentarmos os termos e refletir sobre eles por meio de atividades que articulem interpretações e conceitos gramaticais.

Para compreenderem melhor os conceitos, escrevemos uma oração na lousa, utilizando o nome de um aluno da turma. Vejamos a CE 5:

Cena Enunciativa 5

Estagiário: olhando para o exemplo aqui... olhando pro exemplo aqui... vocês sabem identificar qual é o sujeito? e qual o predicado? ((na frase há nome do aluno da turma))

Alunos: Mateus...

Aluno: o resto é predicado...

Estagiário: o resto é o quê?

Aluna: predicado...

Estagiário: parecia é o quê?

Aluna: verbo...

Aula ocorrida no dia 09/05/2018, no 2º horário.

Podemos observar, por meio da CE 5, que os alunos, pelo menos os que participaram, compreenderam os conceitos rememorados. Assim, foi possível perceber que os alunos sabem diferenciar e identificar o sujeito e o predicado na oração. Portanto, julgamos que seria o momento de apresentar o predicado nominal, que era um dos objetivos dessa aula. Vejamos a CE 6:

Cena Enunciativa 6

Estagiário: então aqui era para mostrar para vocês o predicado... o sujeito e predicado... só que vocês viram os tipos de sujeito... tem sujeito indeterminado... sujeito oculto... então tem vários tipos de sujeito... e também **tem vários tipos de predicados... e agora nós vamos comentar sobre um deles que é o predicado nominal...** eu vou copiar aqui no outro lado as

características do predicado nominal e vocês copiam no caderno de vocês... e o Mateus se quiser ir beber água pode ir...

Aula ocorrida no dia 09/05/2018, no 2º horário. Grifos nossos.

Como os alunos já conheciam alguns tipos de sujeitos, optamos por relacionar um termo com o outro. Assim, ressaltamos que como há vários tipos de sujeito; com o predicado ocorre o mesmo. Optamos por introduzir os três tipos de predicados de forma mais “calma”, ou seja, apresentamos um por um para os alunos. Depois que eles abstraíssem e conseguissem identificar um tipo de predicado, íamos apresentando o próximo. Desse modo, não apresentaríamos aos alunos vários conceitos e termos de uma só vez.

Podemos observar, por meio do CE 6, que apresentamos à turma o primeiro tipo de predicado, chamado de predicado nominal. Como os alunos não tinham conhecimento sobre esse tipo de predicado, recorreremos à lousa e anotamos algumas características deste predicado. Durante a cópia na lousa, os alunos começaram a conversar, o que era já previsto, pois é comum o fato de que, ao reportarmos à lousa, a conversa paralela se intensifica. Após todos terminarem de copiar, lemos para a turma o que havia escrito na lousa. Vejamos a CE 7:

Cena Enunciativa 7

Estagiário: Vamos lá... Bora lá gente... o primeiro predicado que a gente vai ver é o predicado nominal...

Aluno: certo...

Estagiário: olha aí oh... o predicado que possui em sua estrutura... o verbo de ligação... e um predicado... é chamado de predicado nominal... pois seu núcleo é o nome... por isso se chama predicado nominal... o núcleo dele é o nome... que se refere diretamente ao sujeito... então é predicado nominal... porquê seu núcleo é o nome... e esse nome está se referindo ao sujeito... e sempre tem um verbo de ligação...

Roger: verbo de ligação?

Estagiário: verbo de ligação é aquele que tá tipo conectando sujeito junto com alguma característica ou com algum comentário sobre ele... aqui eu botei dois tipos... e daqui a pouco vou escrever alguns tipos de verbo de ligação pra vocês saberem identificar mais ou menos... mas verbo de ligação é aquele que vai conectar o sujeito junto com seu predicado... ou seja... um comentário ou alguma característica dele... [...]

Aula ocorrida no dia 09/05/2018, no 2º horário.

Observando a CE 7, podemos perceber que são trabalhados conceitos e características do predicado nominal. Somente um aluno produziu perguntas, o que podemos inferir que, talvez, a turma não perguntasse sobre o assunto por não ter muita afinidade com a gramática. No momento em que Roger pergunta o que é verbo

de ligação, ele provoca em nós um revezamento discursivo; assim, fomos levados a produzir uma articulação da teoria, estudada no curso, com a prática. Trata-se de uma enunciação produzida na sala de aula, de maneira a atender a demanda do aluno.

Para melhor compreensão dos alunos, elaboramos uma frase que continha verbo de ligação e predicado nominal. Vejamos, a seguir, a CE 8, que é uma sequência da CE 7:

Cena Enunciativa 8

Estagiário: [...] por exemplo aqui...essa comida está sem sabor... vocês **sabem identificar qual o sujeito aqui nessa oração?**

Alunos: SIM... comida...

Estagiário: só comida?

Pedro: sabor...

Luiza: essa comida...

Estagiário: o certo é essa comida... o sujeito aparece antes do verbo...

Luiza: então o verbo de ligação no caso é esse está...

Estagiário: é esse está... esse verbo está... é relacionado ao verbo ser... estar... então esse aqui a gente coloca como verbo de ligação ((estagiário escreve no quadro))...

Roger: o resto é predicado né?

Estagiário: hãhã?

Roger: o resto é predicado...

Estagiário: o resto é predicado... esse predicado... esse predicado está se referindo a quem?

Ana: ao sujeito né?

Estagiário: ao sujeito... então vocês colocam assim pre... di... cado do sujeito... coloca predicativo do sujeito... nesse segundo exemplo... Victor Gabriel está alegre...

Roger: sujeito é Victor Gabriel... está é verbo de ligação...

Aula ocorrida no dia 09/05/2018, no 2º horário.

Na CE 8, podemos perceber que, ao analisar as duas orações, os alunos se saem bem. Os alunos que responderam souberam encontrar e destacar os principais elementos que nos auxiliam a identificar o tipo de predicado presente na oração. Portanto, os alunos conseguiram localizar sujeito, verbo de ligação e predicativo do sujeito. Há uma relação de unidade no processo de correferenciação entre nós e os alunos, uma vez que somos capturados na mesma instância discursiva, que é localizar os termos sintáticos já trabalhados.

Nós seguimos realizando questionamentos, a fim de identificar se os alunos, realmente, compreenderam os tópicos gramaticais enfocados na aula. Vejamos, a seguir, a CE 9:

Cena Enunciativa 9

Estagiário: está é o verbo o quê?

Lucas: está é o verbo de ligação...

Estagiário: alegre é o quê?

Lucas: predicado...

Ana: predicativo do sujeito...

Estagiário: éh::... predicativo do sujeito... a gente chama ((estagiário emite som para os alunos fazerem silêncio))... a gente chama... PESSOAL... a gente chama predicativo do sujeito... porquê... por exemplo a palavra alegre... está relacionada diretamente ao sujeito... e aí... quando ele comenta ali que o núcleo é o nome... o núcleo de cada oração... por exemplo essa aqui... Victor Gabriel está alegre... o núcleo aqui é alegre... então o núcleo dessa frase é o nome... por isso a gente chama de predicativo nominal... deu para entender?

Alunos: “deu” ... “sim”

Estagiário: então deu para entender que o predicativo nominal a gente vai ter um sujeito... um verbo de ligação... e um predicativo do sujeito...

Aula ocorrida no dia 09/05/2018, no 2º horário.

Na CE 9, é possível percebermos a continuidade das explicações acerca do predicado nominal, pois, segundo o nosso planejamento, seria necessário promover a explicação, separadamente, de cada tipo de predicado. Essa metodologia visa apresentar conceitos gramaticais com mais leveza e, também, fixar muito bem cada tipo de predicado. Na CE 9, vamos explicando o porquê da expressão “predicado nominal”, buscando, assim, deixar de forma mais clara a relação do predicado nominal com seu nome.

Vejamos, neste ponto, a CE 10:

Cena Enunciativa 10

Estagiário: está é o verbo o quê?

Aluno: está é o verbo de ligação...

Estagiário: alegre é o quê?

Aluno: predicado...

Aluna: predicativo do sujeito...

Estagiário: éh::... predicativo do sujeito... a gente chama ((estagiário emite som para os alunos fazerem silêncio))... a gente chama... PESSOAL... a gente chama predicativo do sujeito... porquê... por exemplo a palavra alegre... está relacionada diretamente ao sujeito... e aí... quando ele comenta ali que o núcleo é o nome... o núcleo de cada oração... por exemplo essa aqui... Victor Gabriel está alegre... o núcleo aqui é alegre... então o núcleo dessa frase é o nome... por isso a gente chama de predicativo nominal... deu para entender?

Alunos: “deu” ... “sim”

Estagiário: então deu para entender que o predicativo nominal a gente vai ter um sujeito... um verbo de ligação... e um predicativo do sujeito...

Aula ocorrida no dia 09/05/2018, no 2º horário.

Nesse momento da aula, buscamos direcionar as nossas perguntas aqueles alunos que não se pronunciaram durante a aula, buscando, desse modo, realizar um

contato e, também, de termos conhecimento se conseguiram abstrair o conteúdo ministrado. Esse tipo de revezamento discursivo, em que o estagiário demanda participação do aluno, vai se prologando até o final da aula (Cf. ANEXO 34). Foi perceptível que os alunos conseguiram compreender o conteúdo e identificar os termos gramaticais presentes nas orações.

Começaremos, de agora em diante, a analisar a outra aula, que foi ministrada no ESC III, no dia 05 de setembro de 2018. O plano de aula e os textos trabalhados estão disponíveis em anexo (Cf. Anexo 20, 21 e 22). Vejamos, a seguir, um trecho do diário de campo que produzimos, relatando como foi o início da aula:

Nesta aula, retomamos aos textos lidos na aula passada, e, solicitamos que os alunos copiassem e respondessem à atividade do livro (ANEXO 22). Os alunos reclamaram por termos solicitado que eles copiassem a atividade, solicitamos pelo motivo da turma está muito agitada, e isso estava dificultando o andamento da aula. Então, solicitamos que eles copiassem a atividade e respondessem. (DIÁRIO DE CAMPO, 05/09/2018)

Como relatado, foi solicitado que os alunos copiassem e respondessem à atividade. Por ser duas aulas, destinamos a primeira aula, para que eles realizassem a atividade e a segunda, para que pudéssemos fazer a correção. A atividade estava relacionada a dois textos trabalhados em aula anterior (Cf. ANEXO 22), que teve como foco o tema “racismo”.

Vejamos, a seguir, a CE 11, que retrata o momento em que o estagiário inicia a correção da atividade.

Cena Enunciativa 11

((passa alguns minutos sem conversa entre estagiário e alunos – os alunos estão conversando e fazendo a atividade))

Estagiário: vamos corrigir...

Victor: não deu tempo...

Estagiário: já deu... passou uma aula já... todo mundo abre na página duzentos e vinte e cinco... eu vou reler o texto para a gente corrigir a atividade...

Morgana: qual a página professor?

Estagiário: duzentos e vinte e cinco...

Bruno: não tô com livro não

Estagiário: senta do lado de alguém...

Bruno: nam... vou dormir professor... tô com sono

Aula ocorrida no dia 05/09/2018, no 2º horário.

Podemos perceber, por meio da CE 11, que alguns alunos não estão interessados que a correção ocorra. Victor comenta que não deu tempo, porém o

tempo foi suficiente, para que todos pudessem responder. Nessa medida, não era justificativa para não realizarmos a correção.

Quanto a Bruno, o aluno afirmou não estar com o livro didático, porém ele poderia ter avisado no início da aula, quando foi solicitado que realizassem a atividade. Bruno só nos deu ciência de sua situação, após 50 minutos de aula. Vale ressaltar que o aluno não é muito participativo nos momentos em que estávamos ministrando as aulas.

Bruno tinha 16 anos, no período da coleta de informações, 3 anos acima da média da sala. Ele não era assíduo às aulas; quando ia, pouco participava das atividades que eram propostas. Acreditamos que seja pela idade e por se sentir deslocado. Iremos apresentar um trecho em que a professora regente, ao final desta aula, pergunta a outro aluno, que também tinha 16 anos, se ele “sofria” pela diferença de idade. Vejamos, a seguir, o CE 12:

Cena Enunciativa 12

Estagiário: isso... é isso aí... muitos que sofre racismo não fala pra outra pessoa... fica com vergonha...

Carlos: “ei professor... eu sofro” ((o aluno em questão é branco))

Estagiário: porquê?

((todos riram))

Professora regente: **mas é por causa da idade?**

Carlos: não... ((com tom baixo... pensativo))

Professora regente: **tô falando por causa da diferença... do Roger... ((Roger tinha 13 anos))**

Carlos: é mesmo professora...

Bruno: o problema é dele...

Carlos: aí professora fica balanceado as coisas...

Bruno: Cala boca moço...

Aula ocorrida no dia 05/09/2018, no 2º horário. Grifos nossos.

Como podemos observar, por meio da CE 12, a professora regente aborda a questão da idade de Carlos; este, por suas enunciações, salienta que não se sente bem pela diferença de idade. Cabe destacar que a atitude de Bruno acabou chamado a nossa atenção, pois ele mostrou-se incomodado com o assunto. Como falamos, Bruno tem 16 anos, e ele, em um tom de ira, mandou um de seus colegas a calar a boca¹⁰.

Voltando à correção da atividade, solicitamos que uma aluna começasse a ler a pergunta e apresentasse a sua resposta. Vejamos, a seguir, a CE 13:

¹⁰ Esse momento está transcrito no Anexo 35.

Cena Enunciativa 13

Estagiário: agora vamos... vamos corrigir a atividade... da página duzentos e vinte e sete... Gleice você lê a primeira questão e fala sua resposta...

Gleice: o texto um é uma reportagem produzida pela rede inglesa BBC... sobre um episódio ocorrido com o jogador brasileiro... Daniel Alves em um jogo de um campeonato europeu de futebol. Qual é esse episódio? Um torcedor do Villareal arremessa uma banana no jogador da Barcelona...

Aluno: o senhor vai dá visto vai?

Estagiário: se eu vou dar visto? se você for terminando e me mostrando vou...

Aluno: já terminei...

Estagiário: qual foi a resposta que você botou Gleice?

Gleice: Um torcedor do Villareal arremessa uma banana no jogador da Barcelona...

Estagiário: arram é isso aí... todo mundo botou relacionado a isso?

Alunos: SIM

Aula ocorrida no dia 05/09/2018, no 2º horário.

Observando o recorte anterior, podemos observar de que maneira foi desenvolvida a correção da atividade. Nós sorteamos, aleatoriamente, as questões entre os alunos, buscando saber se realmente os alunos haviam realizado a atividade proposta. Entretanto, ao logo da correção, foi possível perceber que muitos alunos deixaram de realizar a atividade, assim, fugindo totalmente do que foi planejado por nós. Vejamos, a seguir, a CE 14:

Cena Enunciativa 14

Estagiário: tá... a segunda questão... vai ficar com a... Eduardo... ler a segunda questão e a resposta que você colocou...

Eduardo: não fiz...

Estagiário: não chegou nem a responder toda? ((o estagiário direciona para uma aluna... para que ela possa responder))

Aluna: ((inaudível))

Estagiário: alguém botou outra coisa?

Lucas: de qual texto?

Estagiário: essa aí continua no texto um... a terceira questão vai para Helen... terceira questão... ler e responder tá...

Helen: não fiz...

Aula ocorrida no dia 05/09/2018, no 2º horário. Grifos nossos.

Como relatado anteriormente, por meio de um trecho de nosso diário de bordo, os alunos estavam bem dispersos e agitados. A dispersão dos alunos foi perceptível na realização da atividade. Quando a pergunta é endereçada a Eduardo, ele afirma não ter feito. Vale ressaltar que essa era a segunda questão, o que daria tempo de ele ter respondido. A atividade em questão era, totalmente, voltada a interpretações e reflexão.

Observando a enunciação de Lucas, podemos inferir que ele não estava acompanhando a aula, dada a pergunta relativa à qual era o texto que estava sendo utilizado. Ressaltamos que esse texto estava sendo utilizado desde o início da aula anterior. Podemos identificar, novamente, que a outra aluna, chamada Helen, não realizou a atividade completa. E esses casos abordados anteriormente acabam por prejudicar, de certo modo, o andamento da aula, tendo em vista tal andamento na coletividade. Mas, ainda assim, decidimos prosseguir com a correção. Vejamos, a seguir, a CE 15:

Cena Enunciativa 15

Estagiário: não respondeu ainda? Pois lê a pergunta por favor...

Helen: o que representantes de movimentos antirracistas consideram como aspecto negativo da campanha #somostodosmacacos?

Estagiário: indica alguém para responder...

Helen: Raissa...

Raissa: para eles... dizer somos todos macacos seria uma maneira de reforçar um estereótipo contra o qual os movimentos antirracistas travam uma batalha constante...

Estagiário: alguém colocou diferente?

Alunos: NÃO

Aula ocorrida no dia 05/09/2018, no 2º horário. Grifos nossos.

Começamos a perceber que grande parte dos alunos não estavam engajados na resolução da atividade, sendo que esta, como já relatamos, envolve apenas interpretação; segundo eles, com esse tipo de atividade havia identificação da parte deles. Mesmo que parte dos alunos não tinham realizado a atividade, seguimos corrigindo e tentando fazer como que a turma participasse da correção. Então, decidimos que, mesmo aqueles que não responderam, iriam fazer algo; colocamos-os para lerem as questões ou, algumas vezes, para recorrerem ao próprio texto para poder interpretar e, assim, resolver a atividade.

Percebemos que, diferentemente de outras aulas, os alunos não respondiam em concomitância. Normalmente, solicitávamos que vários alunos apresentassem as suas respostas com o objetivo ter conhecimento das diferentes interpretações possíveis. Consideremos, a seguir, a CE 16:

Cena Enunciativa 16

Estagiário: hum rum... alguém colocou outra coisa?

Maria: o quê?

Estagiário: a sete letra “a”... o que você colocou?

Roger: tá tudo igual...

Estagiário: vou saber agora...

Maria: tem que falar mesmo?

Estagiário: tem tô esperando...

Maria: ela disse que no Brasil tem um longo caminho para se percorrer contra o racismo...

Estagiário: pois é... ela comenta que ela morou há cinco anos em Paris é?... há cinco anos em Paris... ela disse que sofreu menos preconceito do que aqui no Brasil... e aqui no Brasil as pessoas são mais racista do que lá... que lá há essa mistura... e aqui o povo é bem preconceituoso... segundo Izabela... há no Brasil um fator social que impulsiona o racismo... qual é ele?

Aluno: hãhã? Qual é a questão?

Aula ocorrida no dia 05/09/2018, no 2º horário. Grifos nossos.

Por meio da CE 16, vemos que continuamos a solicitar que os alunos apresentassem respostas diferente, entretanto só uma aluna apresentou uma resposta que divergiu da apresentada anteriormente. Um aluno, Roger, chega a afirmar que todas as respostas estão iguais. Em outra aula, já havíamos repreendido os alunos por copiarem a resposta dos outros. Sabemos que essa é uma prática frequente na educação básica. Esse movimento de copiar a resposta de outro aluno dificulta a correção, uma vez que os alunos não leram o texto e nem as questões, apenas copiaram as respostas.

Como já mencionamos, a sala de aula é um espaço de contingência, e esse tipo de comportamento por parte dos alunos é constitutivo. Na condição de estagiário, não esperávamos ter essa dificuldade em corrigir a atividade, mas tivemos que ter a capacidade de agir de modo a fazê-los a participarem da aula. Outro ponto que, também, figura, como uma ação alheia a nós e que pode “atrapalhar” a realização da aula é as intervenções da própria escola em muitos momentos. Nessa mesma aula, fomos interrompidos para o momento do lanche oferecido pela escola. Vejamos, a seguir, esse momento, sendo retratado na CE 17:

Cena Enunciativa 17

((lanche chega... e a correção tem que ser parada))

((alunos discute por causa de banana))

João: professor... pegou minha banana...

Estagiário: Roger... pegou a banana dele?

((aluno devolve))

Aluno: deixa eu ir beber água...

Estagiário: pode ir...

Outro aluno: eu pedi primeiro... deixa eu ir...

Estagiário: calma... antes de eu ir embora eu deixo...

Aula ocorrida no dia 05/09/2018, no 2º horário. Grifos nossos.

Nesse colégio, o lanche é distribuído no horário da aula e dentro do espaço de sala de aula. Assim, os professores têm que realizar uma pausa no conteúdo para

dar o tempo necessário de os alunos lancharem e voltarem a se concentrar na aula. Na aula em questão, tivemos que parar a correção e esperar que a turma terminasse de lanchar, e, também, resolver conflitos que apareceram na sala de aula. A cena enunciativa 17 retrata um momento em que um aluno pegou a banana do outro, e tivemos que mediar a devolução do lanche. Após o lanche, tivemos que “liberar” alguns alunos para beber água e encher a garrafa dos demais alunos. Assim, a correção ficou para o segundo plano, e os alunos foram ficando mais agitados.

Neste capítulo, foi possível, por meio das duas aulas enfocadas, mostrar o revezamento discursivo se constituindo de forma distintas. Na primeira aula, que tinha como tema “tipos de predicados”, trabalhamos tópicos de gramática, relacionada à sintaxe normativa. Foi perceptível a maior participação por parte dos alunos, se compararmos à segunda aula. Entretanto, nas respostas apresentadas no questionário aplicado, os alunos afirmaram não gostar de aulas relacionada ao estudo de gramática normativa.

Na primeira aula, houve uma contingência em relação ao que foi planejando. Inicialmente, para aquela aula, havia sido projetado a introdução dos tipos de predicado, no que diz respeito ao predicativo nominal¹¹. Porém, no jogo de interlocução entre nós e os alunos, é nos apresentado um conceito de que, nas orações, o sujeito é responsável por provocar e/ou por sofrer alguma ação. Mas sabemos que essa definição não condiz com todas as possibilidades de formação de orações no sistema linguístico do Português.

Então, ao nos deparamos com esse conceito apresentado pelos alunos, mudamos a direção da aula e articulamos a essa aula a explicação acerca do sujeito. Esse mo(vi)mento só é possível pelo motivo de nós, ancorados pelas teorias estudadas, realizamos revezamento discurso que buscassem atender àquela nova demanda que surgiu em sala. Portanto, nessa aula, o revezamento discursivo se dar em função de conteúdos gramaticais, buscando assim suprir as novas demandas que surgem no âmbito da sala de aula.

¹¹ Vale ressaltar que essa aula é a continuação de uma primeira, que tinha como metodologia o ensino por meio do método epliguístico. Já, na aula seguinte, que é a aula analisada, realizamos uma abordagem característica do ensino metalinguístico, uma vez que utilizamos da própria língua para explicar seus fenômenos.

Na segunda aula, trabalhamos questões de interpretações, que, por sua vez demandavam dos alunos um momento de reflexão e de elaboração, no sentido de produzirem uma escrita que atendessem aos questionamentos presentes no livro didático. Entretanto, os alunos não atenderam essa demanda, uma vez que muitos não realizaram a atividade; outros copiaram as respostas daqueles que a resolveram. Essa prática é comum entre os alunos dessa turma e de outras da educação básica.

Nessa aula, em que foi solicitada a interpretação de textos, os alunos apresentavam momentos de dispersão, uma vez que eles não se engajaram na proposta da aula. Os alunos apresentaram resistência no momento de correção da atividade. O revezamento discursivo se dá a partir do comportamento dos alunos, uma vez que eles não atenderam o que foi solicitado. Portanto, há uma rarefação da relação desses alunos com o saber, no caso a prática de interpretação. Dada essa rarefação, podemos destacar que tivemos dificuldade de ministrar a aula pelo motivo de os alunos estarem disperso em relação à proposta da aula.

A contingência, nessa aula, se deu pelo motivo de que os alunos não corresponderam à expectativa; que era responder à atividade e, assim, posteriormente, no momento de correção, realizaríamos uma reflexão coletiva acerca do assunto trabalhado, que foi o “racismo”.

Apesar de haver dispersão do que é demandado em relação às ações dos alunos, nós não abandonamos o plano inicial que era corrigir a atividade. Vamos realizando movimentos enunciativos que buscavam reverter, de maneira pedagógica, o comportamento dos alunos. Portanto, realizamos vários movimento, por meio do revezamento discursivo, solicitando àqueles que não responderam e/ou que não estavam participando da aula, que participassem do momento de correção; seja lendo as questões ou solicitando que recorresse ao texto para elaborar uma resposta diante do foi demandado.

O revezamento discursivo entre teoria e prática, assim, resvalando em um lugar de falar, colocou-nos em um momento de esboçar movimentos enunciativos que levassem os alunos a se identificarem com a aula. O curso de Letras Português nos proporcionou a relação com diversas teorias, por meio de disciplinas (pedagógicas, teóricas e práticas). Assim, foi nos possível apropriarmos delas em busca de revezá-las em sala de aula, sempre, tentando ajusta-las à realidade da turma. Então, é nos propiciado, por meio da relação existente entre teoria e prática, a oportunidade de

construir um posicionamento diante da contingência. É, nessas relações encarnadas no âmbito da sala de aula, que vamos constituindo o nosso lugar de fala.

Apresentamos, ao longo deste capítulo, as relações que se constituíram no âmbito da sala de aula. Dessa forma, pudemos observar as atividades e as (re)ações desencadeadas ao longo das aulas ministradas; demonstramos a relação da teoria e da prática desenvolvidas na sala de aula, pois a “hora da prática” é sempre vinculada à teoria. De acordo com Lima e Aroeira (2011),

O lugar do estágio em nossas vidas de professores supera a limitação da “hora da prática”. Aqui está o início de uma profissão. E, como somos sempre estagiários da vida, este é um espaço onde continuamos a nascer profissionalmente e a aprender importantes lições de vida e trabalho. (LIMA; AROEIRA, 2011, p.117)

Durante os ESC, aprendemos juntos com os alunos. Dado ao jogo discursivo de transmissibilidade de saberes.

5. LUGAR DO ESTAGIÁRIO: PERSPECTIVA DOS ENVOLVIDOS NA PESQUISA

Nesta seção, iremos abordar as discursividades produzidas sobre nós. Partimos de dois ângulos para pensarmos o caráter intersubjetivo que é constitutivo ao espaço de sala de aula, dada a nossa condição de estagiário, a saber: o olhar dos alunos e o olhar da professora regente. Coletamos as informações que se seguem ao final dos dois estágios, ESC II e ESC III, com o objetivo de conhecermos como os alunos e a professora significam a nossa condição de acadêmico em formação inicial. Na esteira de Kieckhoefel (2011), destacamos que essa significação é permeada de subjetividade e por um processo transferencial, cujo enlace são os afetos. Vejamos, a seguir, as palavras da referida autora:

Quanto mais significativamente positivas forem as relações que estabelecemos com nossos pares, mais nos envolvemos e nos comprometemos com as situações que se apresentarem. Da mesma forma parece ocorrer em sala de aula quando a afetividade está presente. (KIECKHOEFEL, 2011, p. 2533)

Notamos que a relação entre os envolvidos na regência, principalmente com os alunos, é importante para o processo de ensino e de aprendizagem, como ressaltamos anteriormente. Se olharmos pela premissa de que todo ser humano desenvolve relações com o outro e que estão entrelaçadas por afetos, podemos concluir que professor e aluno, também, exercem relações de sentimento, podendo ser sentimentos bons ou ruins.

Consideremos, a seguir, o olhar intersubjetivo que os alunos produziram sobre a nossa prática de sala de aula.

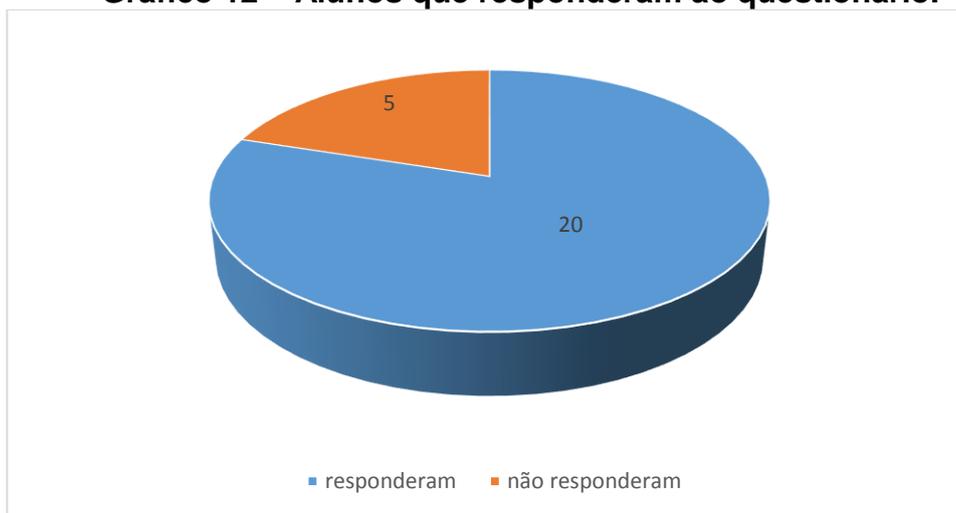
5.1 Avaliação da turma ao final do ESC II

Apresentamos algumas informações que foram coletadas por meio da aplicação de questionários¹² (Cf. Anexo 31), ao final do período de regência do ESC

¹² O questionário foi aplicado no último dia de regência do ESC II. Solicitamos que os alunos fossem verdadeiros em relação a suas respostas. Optamos por não solicitar os nomes de quem respondeu ao questionário, com o intuito de deixarmos os alunos mais à vontade. Assim, entendemos que essa postura busca obter informações mais verídicas.

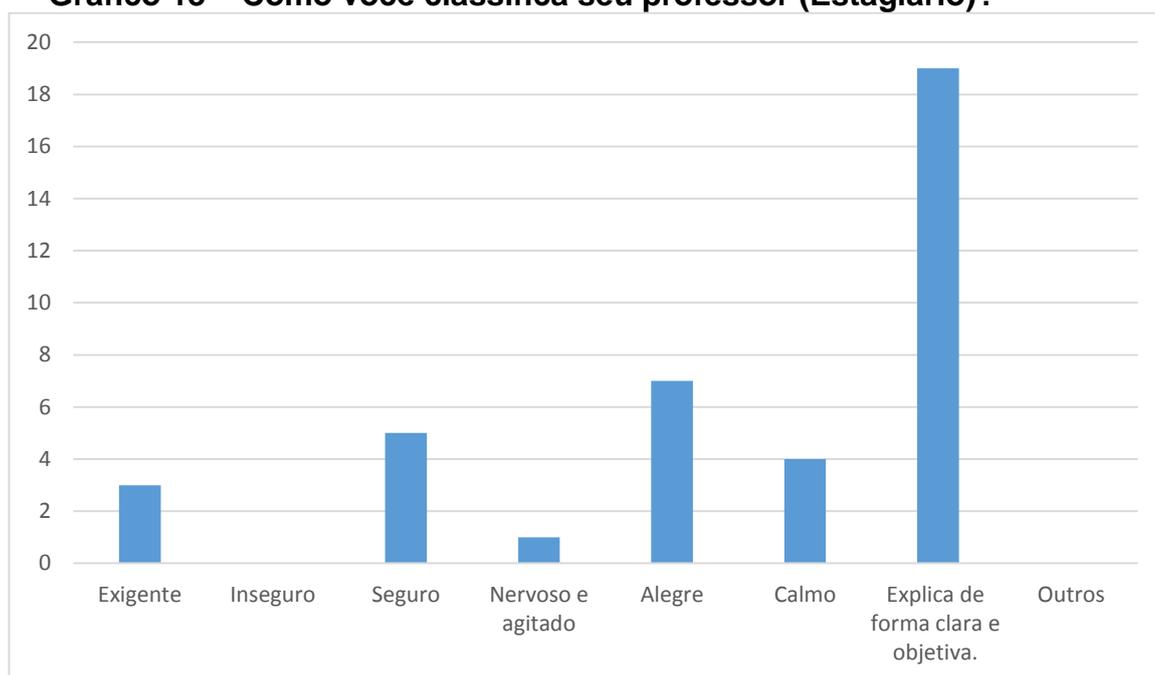
II. Como já informamos, tivemos como objetivo conhecer o modo como os alunos significam o estagiário; qual a percepção da relação deles conosco; e, também, o desenvolvimento deles durante a regência da disciplina. No gráfico 12, a seguir, apresentamos as informações referentes ao número de alunos que responderam ao questionário.

Gráfico 12 – Alunos que responderam ao questionário.



Autoria própria.

Como pudemos observar, por meio do gráfico anterior, vinte alunos responderam ao questionário; os cinco alunos que não responderam não estavam presentes no dia em que aplicamos o questionário. A primeira pergunta que fizemos a eles está relacionada ao modo como eles classificam o estagiário; no questionário, colocamos as seguintes variáveis: “exigente”, “inseguro”, “seguro”, “nervoso e agitado”, “alegre”, “calmo”, “explica de forma clara e objetiva” e “outros”. Muitos alunos pensaram que poderiam marcar apenas uma alternativa, outros marcaram mais de uma opção. Os dados coletados foram tabulados e estão apresentados na forma do gráfico 13:

Gráfico 13 – Como você classifica seu professor (Estagiário)?

Autoria própria.

A maioria das respostas obtidas aponta que a explicação dos conteúdos empreendida por nós se deu de forma clara e objetiva. A percepção dos alunos sobre nós aponta, também, que somos seguros em nossa postura de sala de aula. Apenas um aluno acredita que o estagiário apresentou nervosismo e que ficou agitado. Nessa mesma questão, deixamos a possibilidade de os alunos comentarem; entre os comentários recebidos, destacamos dois que estão apresentados abaixo.

Figura 7 – Comentário de aluno sobre o estagiário.

Comente: *Ele é um ótimo professor e explica muito bem, e interage com a gente.*

(Transcrição da resposta: Ele é um ótimo professor e explica muito bem, e interage com a gente.)

Em todas as aulas, tentamos interagir com os alunos, com o objetivo de manter as aulas mais leves e de reportar ao conhecimento de mundo dos alunos para os conteúdos em sala de aula. Às vezes, conversamos com os alunos até de assuntos

que não estavam relacionados ao conteúdo (Ex.: conversar sobre outras disciplinas estudadas por eles.).

Figura 8 – Comentário de aluno sobre o estagiário (2).

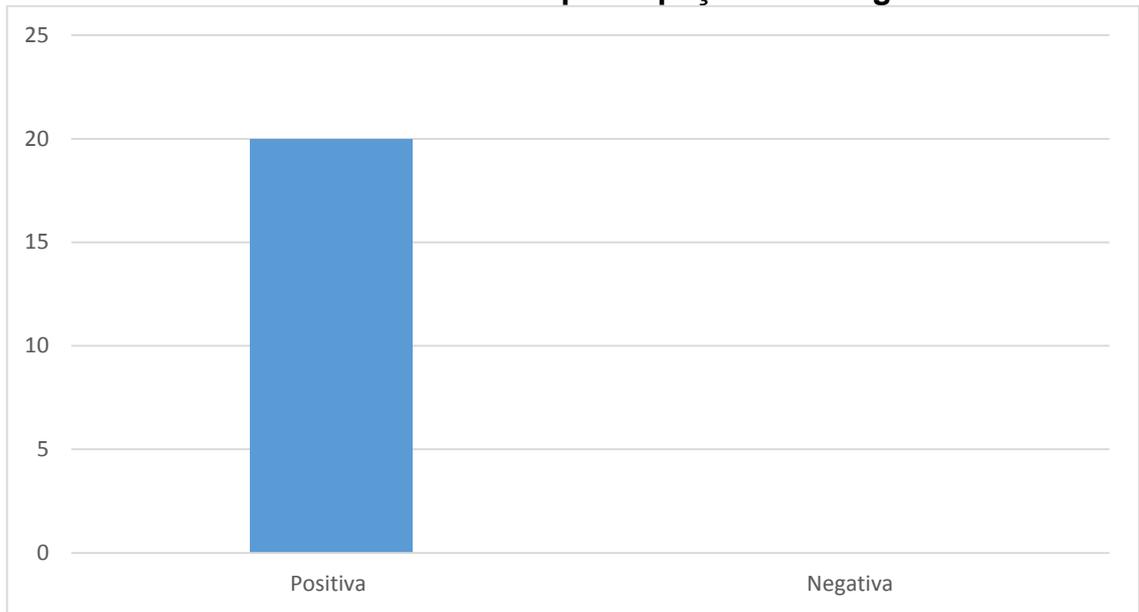
Comente: *Tem que ser mais alegre nas estagias*

(Transcrição da resposta: tem que ser mais alegre nos estágios)

Dentre todas as respostas obtidas, essa apresentada na Figura 8 nos chamou a atenção, pois retrata um aluno que, em sua percepção, considera que nós temos “[...] que ser mais alegre nos estágios”. Entretanto, levando em consideração todas as respostas obtidas, apenas o aluno em questão acredita que o estagiário deveria ser mais alegre. Eis aí o caráter intersubjetivo da linguagem em funcionamento, pois ele nos significa de um outro modo, que não é o modo prevalente, tendo em vista as demais respostas.

No processo de aplicação do instrumental, solicitamos que nenhum aluno colocasse seu nome, deixando, assim, eles mais à vontade para expor a sua opinião. Porém, alguns alunos colocaram seu nome, inclusive o aluno que apresentou a resposta anterior (Cf. Figura 08); iremos chamá-lo, neste trabalho, pelo nome fictício de Bruno. Em alguns momentos no âmbito da sala de aula, houve momentos em que precisamos nos “impor”; tal postura de sala de aula foi motivada, para que os alunos pudessem dar atenção ao que estávamos trabalhando. Em um episódio específico, talvez apenas nesse, tivemos que nos impor à turma. Faremos menção a esse fato mais adiante, e, talvez, por esse fato, Bruno tenha feito o comentário que apresentamos anteriormente. Vale ressaltar que tal aluno tem 16 anos, três anos acima da média da turma, conforme vimos abordando neste trabalho.

A segunda pergunta do questionário se refere ao modo como os alunos avaliam a participação do estagiário. A pergunta contou com duas possibilidades de alternativa: “positiva” e “negativa”. As informações obtidas, após tabuladas, foram estruturadas na do gráfico 14, a seguir:

Gráfico 14 – Como você avalia a participação do estagiário?

Autoria própria.

Todos os alunos que responderam ao questionário avaliaram a nossa participação, no conjunto das aulas de regência, de forma positiva. Também, deixamos em aberto a possibilidade de o aluno tecer algum tipo de comentário acerca de sua avaliação. Dadas as respostas que obtivemos, consideremos, a seguir, três comentários:

Figura 9 – Avaliação do estagiário pelo aluno (1).

2. Como você avalia a participação do estagiário? Comente.

Positiva () Negativa

*É sempre bom ver novos modos de ensinar
novos meios de ensinar.*

(Transcrição da resposta: “É sempre bom ver novos modos de ensinar”)

Figura 10 – Avaliação do estagiário pelo aluno (2).

2. Como você avalia a participação do estagiário? Comente.

Positiva () Negativa

*Ele ajudou muito em algumas questões como na explicação
dos conteúdos e etc.*

(Transcrição da resposta: “Ele ajudou muito em algumas questões como na explicação dos conteúdos e etc.”)

Figura 11 – Avaliação do estagiário pelo aluno (3).

2. Como você avalia a participação do estagiário? Comente.

Positiva () Negativa

foi bom enquanto ele deu aula

(Transcrição da resposta: “Foi bom enquanto ele deu aula.”)

Solicitamos aos alunos que fizessem um comentário/sugestão relacionado/a a nós. Obtivemos várias respostas. Iremos apresentar, a seguir, três respostas.

Figura 12 – Comentário/sugestão relacionado ao estagiário (1).

3. Faça um comentário/sugestão relacionado ao estagiário.

Bom professor, melhor estagiário explica de uma forma indescritível nota 1000

(Transcrição da resposta: “Bom professor, melhor estagiário explica de uma forma indescritível nota 1000.”)

Figura 13 – Comentário/sugestão relacionado ao estagiário (2).

3. Faça um comentário/sugestão relacionado ao estagiário.

AS AULAS FORAM ÓTIMA, GOSTEI BASTANTE E APRENDI MAIS AINDA.

(Transcrição da resposta: “As aulas foram ótima, gostei bastante e aprendi mais ainda.”)

Figura 14 – Comentário/sugestão relacionado ao estagiário (3)

3. Faça um comentário/sugestão relacionado ao estagiário.

Nada, só acho que ele deveria manter a calma que ele tem.

4. Qual a sua motivação para frequentar a escola?

() Vontade própria, pensando em seu futuro.

A pedido dos pais/responsáveis.

() Nunca pensei o caso.

() Outros (Comente)

(Transcrição da resposta: “Nada, só acho que ele deveria manter a calma que ele tem.”)

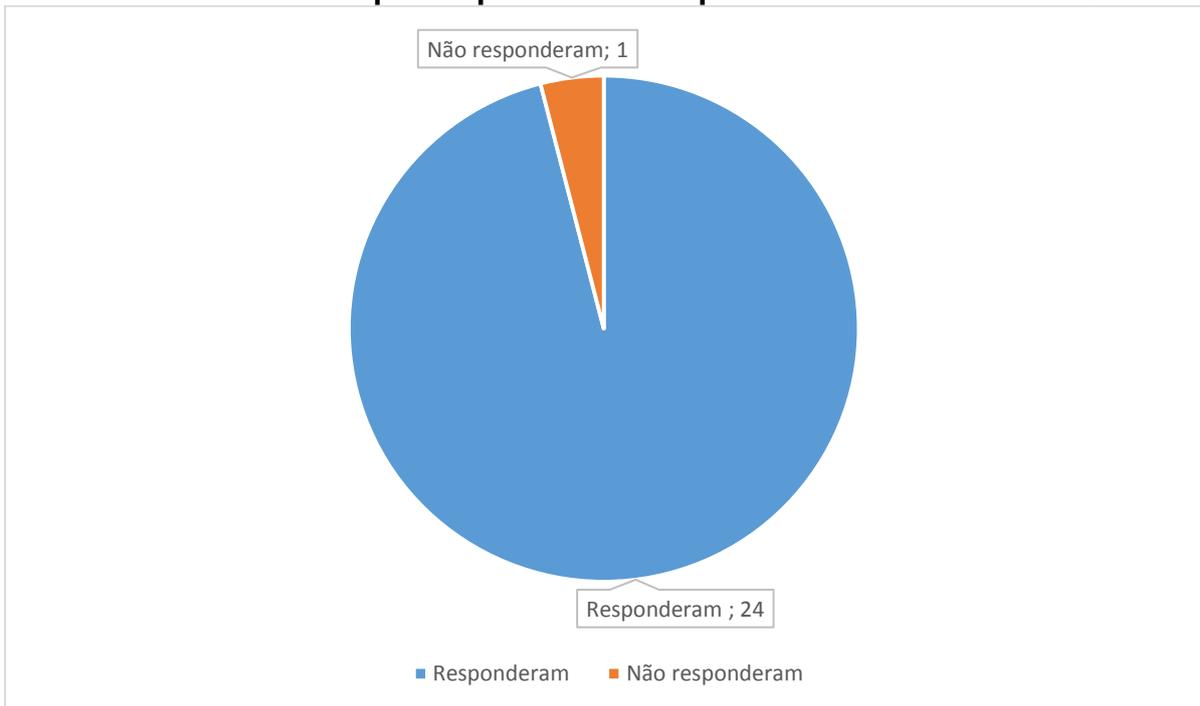
A maioria das respostas obtidas foi relatando que eles aprenderam com as aulas, e que estas foram boas. Como apresentado, na Figura 14, um aluno comentou que nós deveríamos manter a calma. Às vezes, é necessário se impor em sala de aula; ao assumirmos a posição de professor, devemos zelar por essa profissão, visto que o principal objetivo é ensinar. Cabe ressaltar que, quando demandamos a atenção dos alunos e/ou reclamamos da falta de participação deles, estamos nos comprometendo e nos implicando com o processo de ensino e de aprendizagem.

Como antecipado na Figura 14, a quarta questão solicitava que os alunos falassem qual a sua motivação para frequentar a escola. O aluno que solicitou calma revela que só frequenta a escola a pedido dos pais/responsáveis; essa marcação leva-nos a trabalhar com a inferência de que ele pode não se sentir bem no ambiente escolar, visto que ele vai ao colégio apenas a pedido dos responsáveis e, não, por vontade própria.

5.2 Avaliação da turma ao final do ESC III.

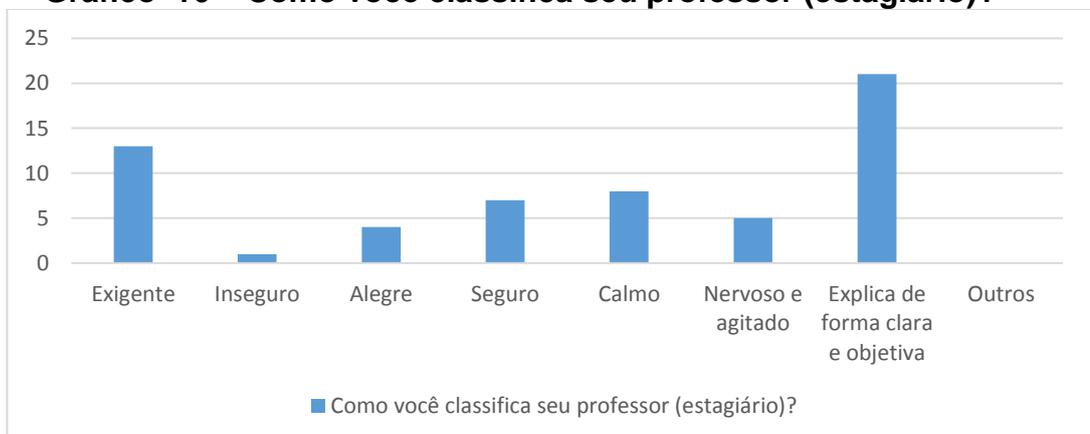
Nesta subseção, apresentaremos algumas informações que foram coletadas por meio da aplicação de questionários¹³ (Cf. Anexo 32), ao final do período de regência do ESC III. Aplicamos tal questionário para saber como os alunos avaliavam a nossa participação no ESC III. Assim, com tal avaliação, poderemos descobrir se houve diferença de um estágio para o outro. Por meio do gráfico, a seguir, podemos observar que grande parte da turma responderam ao questionário.

¹³ O questionário foi aplicado no último dia de regência do ESC III. Solicitamos que os alunos fossem verdadeiros em relação a suas respostas. Optamos por não solicitar os nomes de quem respondeu ao questionário, com o intuito de deixarmos os alunos mais à vontade. Assim, entendemos que essa postura poderia criar condições para obtermos informações mais verídicas

Gráfico 15 – Alunos que responderam ao questionário referente ao ESC III

Fonte: Autoria própria.

Vinte e quatro alunos responderam, ou seja, apenas um aluno não estava presente no dia em que o questionário foi aplicado. Apresentaremos, a seguir, um gráfico que apresenta informações referente à primeira pergunta. Tal pergunta solicitava que os alunos nos caracterizassem; no questionário, colocamos as seguintes variáveis: “exigente”, “inseguro”, “alegre”, “seguro”, “calmo”, “nervoso e agitado”, “explica de forma clara e objetiva” e “outros”. Vejamos o gráfico, a seguir, com as informações obtidas.

Gráfico 16 – Como você classifica seu professor (estagiário)?

Fonte: Autoria própria.

Aproveitamos a questão anterior e deixamos em aberto a possibilidade de eles comentarem acerca de tal classificação. Apresentaremos, a seguir, recorte de algumas respostas obtidas.

Figura 15 – Comentário de um aluno acerca do estagiário no ESC III

Comente:

não tenho nada a declarar sobre as outras alternativas, ele é bom, explica bem, atencioso.

(Transcrição da resposta: “não tenho nada a declarar sobre as outras alternativas, ele é bom, explica bem, atencioso.”)

A maioria dos alunos manteve a mesma perspectiva da resposta apresentada na Figura 15. Vemos que os alunos consideram a nossa atuação como “boa”. Olhando a resposta obtida e, também, a caracterização feitas pelos alunos¹⁴, concluímos que os alunos nos caracterizam positivamente.

Obtivemos, também, uma resposta que relata uma possível impaciência de nossa parte. Vejamos, a seguir a Figura 16:

Figura 16 - Comentário de um aluno acerca do estagiário no ESC III (1)

1. Como você classifica seu professor (Estagiário)?

<input type="checkbox"/> Exigente	<input type="checkbox"/> Inseguro	<input checked="" type="checkbox"/> Seguro	<input type="checkbox"/> Nervoso e agitado
<input type="checkbox"/> outros	<input checked="" type="checkbox"/> Alegre	<input checked="" type="checkbox"/> Calmo	<input checked="" type="checkbox"/> Explica de forma clara e objetiva.

Comente:

As vezes é um pouco impaciente, mas eu sei que nós que o tiramos do sério.

(Transcrição da resposta: “as vezes é um pouco impaciente, mas eu sei que nós que o tiramos do sério.”)

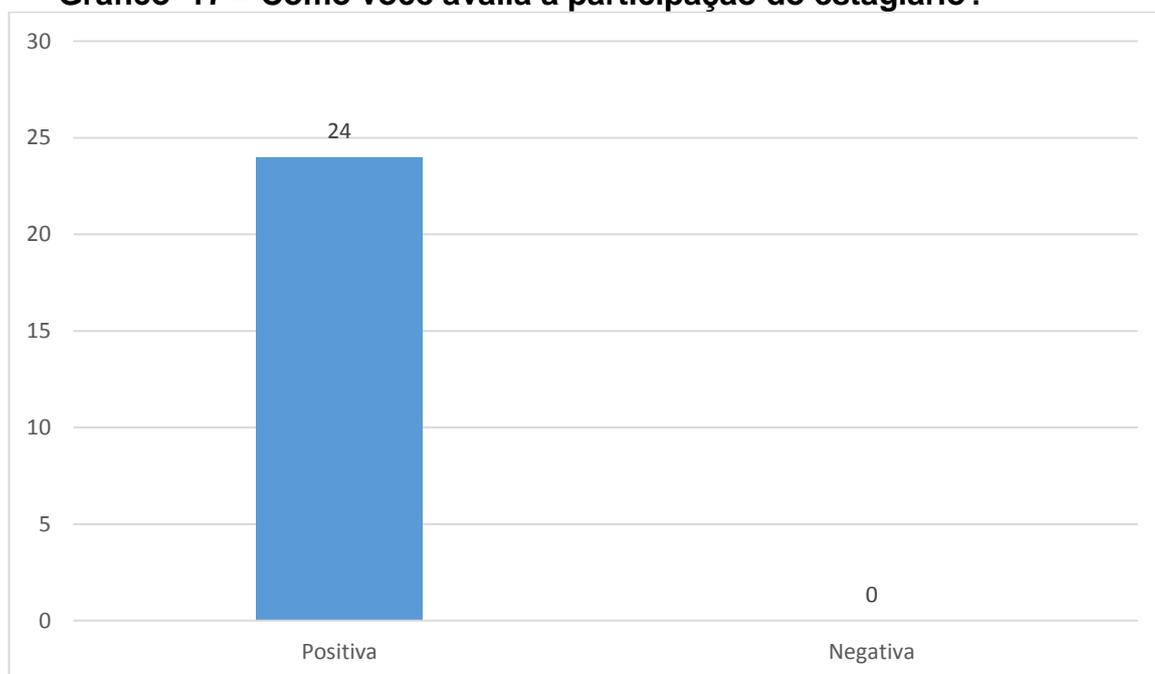
Observando a resposta anterior, podemos inferir que houve momentos, em que segundo o(a) aluno(a), nós agimos de forma impaciente. Acreditamos que a afirmação: “as vezes é um pouco impaciente”, está relacionada a momento em que nós tivemos, como já citado, que nos impor para obter ordem e respeito dos alunos. Podemos perceber que o(a) aluno(a) em questão afirma que houve momentos em que os alunos desenvolvem ações que podem atrapalhar o ritmo da aula. Podemos observar, também, que o(a) aluno(a) nos caracteriza como calmo, havendo assim uma

¹⁴ Caracterização apresentada, anteriormente, no gráfico 15.

discordância do que é afirmado posteriormente. Eis o jogo intersubjetivo de sala de aula nos significandos.

Perguntamos aos alunos como eles avaliavam a nossa participação no ESC III. Apresentamos as informações em forma de gráfico, apresentado a seguir.

Gráfico 17 – Como você avalia a participação do estagiário?



Autoria própria.

Observamos, por meio do gráfico anterior, que os alunos que responderam ao questionário afirmaram que a nossa participação no desenvolvimento das aulas de regência, na turma deles, foi positiva. Ainda nessa mesma questão, solicitamos que os alunos comentassem acerca da nossa participação nas aulas durante o ESC III. Selecionamos algumas respostas, que serão apresentadas a seguir.

Figura 17 – Avaliação do aluno em relação à participação do estagiário.

2. Como você avalia a participação do estagiário? Comente.

Positiva () Negativa

Ele sempre foi pontual, exigente, e sempre nos ajudou quando estávamos com dificuldade.

(Transcrição da resposta: “Ele sempre foi pontual, exigente, e sempre nos ajudou quando estávamos com dificuldade”.)

Na figura anterior, percebemos que o(a) aluno(a) nos qualificou como pontual. Acreditamos que a pontualidade ganha destaque pelo motivo de que os alunos não gostam da pontualidade dos professores; há um hábito que, no momento da troca de horários, os alunos saem da sala. Pela pontualidade no horário, os alunos não tinham a oportunidade de sair da sala. O referido aluno nos caracteriza como exigente e que nós os ajudamos, quando eles apresentaram dificuldades. Vejamos, a seguir, mais uma avaliação de outro aluno:

Figura 18 – Avaliação do aluno em relação à participação do estagiário.

2. Como você avalia a participação do estagiário? Comente.
 Positiva () Negativa
 "Porque é legal a aula, porque explica direitinho e queria que ele ficasse mais tempo."

(Transcrição da resposta: "Porque é legal a aula, porque explica direitinho e queria que ele ficasse mais tempo".)

Esse comentário foi feito por David¹⁵. Ele nos caracterizou como "legal" e que nós o explicamos "direitinho". Apesar de não ter um auxiliar para acompanhá-lo, buscamos, sempre, atender ele com muita atenção e carinho. Em todas as aulas havia a preocupação de inclui-lo e de também levar atividades de acordo com seu grau de conhecimento. Essa preocupação demandou uma flexibilização das atividades.

Perguntamos aos alunos se houve alguma diferença em relação a nossa atuação entre o ESC II e ESC III. Obtivemos duas respostas que estão apresentadas, a seguir.

Figura 19 – Comentário do aluno em relação às atividades desenvolvidas no ESC II e III (1)

3. Você acha que houve diferença entre o estágio anterior e o atual, quanto a atuação do estagiário? (Você pode falar se o estagiário melhorou/manteve/piorou suas práticas de ensino.)
 Ele manteve suas qualidades, e sua forma de explicar.

(Transcrição da resposta: "Ele manteve suas qualidades, e sua forma de explicar.")

¹⁵ David é aluno especial; para responder ao questionário, ele recebeu auxílio da professora regente da turma. É possível identificar que resposta é de o aluno pelo motivo de algumas perguntas serem diferenciadas, buscando adequar ao atendimento que foi prestado a ele.

Grande parte dos alunos afirmaram que nós mantivemos as nossas práticas, mas não comentaram quais são estas. Vejamos outra resposta obtida, a seguir:

Figura 20 – Comentário do aluno em relação às atividades desenvolvidas no ESC II e III (2)

3. Você acha que houve diferença entre o estágio anterior e o atual, quanto a atuação do estagiário? (Você pode falar se a estagiário melhorou/manteve/piorou suas práticas de ensino.)

O estágio atual ele parou a firmeza, interagiu bastante com os alunos, foi um ótimo professor.

(Transcrição da resposta: “O estágio atual ele parou a firmeza, interagiu bastante com os alunos, foi um ótimo professor.”)

Segundo o(a) aluno(a), que produziu a resposta anterior, no ESC III, nós atuamos sem tanta firmeza em relação ao ESC II. Talvez, seja pelo motivo de que tanto os alunos quanto nós já estivéssemos se habituado com a dinâmica da sala de aula. O(a) aluno(a) afirmou também que nós interagimos bastante com os alunos; pelo motivo de ser o segundo ESC realizado na mesma turma, nós poderíamos estar mais confortáveis e, assim, desenvolvemos laços com a turma. O autor da resposta finaliza afirmando que nós fomos “[...] um [ó]timo professor”. Os alunos sempre trataram-nos como professor.

Apresentaremos a última pergunta realizada; solicitamos aos alunos que fizessem um comentário sobre uma aula ministrada por nós, podendo ser uma aula considerada “boa” ou “ruim”. Os alunos comentaram aulas que eles consideraram boas. Apresentaremos uma das respostas obtidas, a seguir:

Figura 21 – Comentário do aluno em relação a uma aula ministrada pelo estagiário.

5. Faça um comentário sobre uma aula ministrada pelo estagiário. (Podendo ser uma aula que você considerou como “ruim” ou “boa”).

~~As aulas de notícia e reportagem. Então, eu aprendi a diferenciar notícia de reportagem. Foi boa.~~

(Transcrição da resposta: “As aulas de notícia e reportagem. Então, eu aprendi a diferenciar notícia de reportagem. Foi boa.”)

Percebemos que o(a) aluno(a) afirma que compreendeu as aulas relacionadas à notícia e à reportagem. O(a) aluno(a) afirmou que aprendeu diferenciar um gênero do outro. Percebemos, então, que, segundo o(a) aluno(a), houve uma relação de unidade, no que foi explicado em aula e no que ele(a) aprendeu.

5.3 Avaliação da professora regente.

Apresentaremos a o comentário produzido pela professora em relação a nosso desempenho durante a realização do ESC II. Tal comentário foi feito pela professora em um termo de realização (C.f ANEXO 33).

O estagiário desenvolveu com assiduidade e compromisso seu estágio de regência. Percebe-se que estudou e preparou com dedicação suas aulas, buscando sempre usar textos de diferentes gêneros, para discutir com os alunos antes de trabalhar com a gramática. Vale ressaltar ainda que, houve respeito mútuo entre o estagiário e os alunos, bem como comigo (a professora regente).

O estagiário ainda, diante de uma situação adversa em sala de aula, soube exigir respeito e retomar o conteúdo sem gerar qualquer atrito.

Provando dessa forma, que está preparado para o dia a dia de sala de aula. Diante do exposto avalio como excelente a participação do estagiário João Victor Ferreira dos Santos Silva por seu compromisso, empenho, estudo e dedicação diante dessa experiência.

(PROFESSORA REGENTE, GRIFO NOSSO)

Como pontuado pela professora regente, sempre, buscamos relacionar textos com as aulas de gramática, buscando, assim, discutir o texto e as suas possíveis interpretações. Após o uso das interpretações, buscamos apontar ocorrências gramaticais a partir do texto, para, desse modo, mostrar a gramática em uso no dia a dia e em textos que circulam na sociedade.

Quando a professora comentou: “*O estagiário ainda, diante de uma situação adversa em sala de aula, soube exigir respeito e retomar o conteúdo sem gerar qualquer atrito.*”, ela estava relatando uma aula de regência em que nós chamamos a atenção da turma por alguns motivos, que se seguem abaixo.

- Conversa paralelas, durante a explicação de conteúdo.
- Alunos acusando outro de “roubo”.
- Alunos que, quando o sinal soa, eles saem da sala sem esperar a próxima aula.
- Alunos escondendo materiais de outros alunos.

- Alunos que sentam ao lado de outro apenas para conversar.
- Realização de atividade de outras disciplinas durante a aula de Língua Portuguesa.

Nessa aula relatada, chamamos a atenção de todos da classe sobre os pontos mencionados anteriormente. Relatamos que não estávamos para ser desrespeitados por eles e nem para os desrespeita-los, pois não gostaríamos de um clima desagradável. Foi uma conversa séria, em que eles, também, opinaram e relataram as suas visões sobre o comportamento individual e coletivo.

Esse momento foi muito importante para a instauração do respeito mútuo, e para assumimos o papel de professor. Depois do discurso, a aula seguiu normalmente. Chamou-nos a atenção o fato de a professora retomar esse momento vivenciado em sala de aula. De nossa parte, consideramos que se tratava de uma situação enuciativa em que o revezamento se contistuiu, em termos de questões de relação interpressoaal. Diante das teorias estudadas sobre a relação intersubjetiva no espaço da sala de aula, fomos levados a não deixar esse momento sem ser abandonado. Houve um revezamento discursivo, implicando a nossa assunção ao lugar de fala.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos teorizar sobre as contribuições dos ESC II e III para o desenvolvimento de nossas experiências no âmbito da sala de aula, dada a condição de professor em formação inicial. Dito de outro modo, com este trabalho, buscamos pensar de que modo os referidos ESC demandam a constituição de revezamento discursivo entre teoria e prática, levando-nos à assunção do lugar de fala. Filiamos-nos à teoria da Análise de Discurso francesa, de orientação pecheuxtiana, para podermos, assim, analisar um conjunto de material produzidos no âmbito desses ESC, qual seja: questionários aplicados para alunos e professores, transcrições que produzimos atinentes às aulas que analisamos.

Para a realização deste trabalho, buscamos olhar o estágio e o estagiário de várias perspectivas: daquela produzida pelos alunos da turma; da elaborada professora regente; e da construída pelo próprio estagiário, que somos nós. Assim, buscamos fazer uma relação de várias perspectivas, pois é válido ter conhecimento de como o estágio, e, por sua vez, o estagiário são vistos por aqueles que estão diretamente envolvidos nesse processo. Trata-se de uma maneira de se levar, radicalmente, a sério as vozes de quem experiencia e vivencia a realização dos ESC. De acordo Garcia, Chaves e Stein (2018, p.143, grifo nosso),

Consideramos aspectos do atual panorama da formação inicial de professores do curso de Letras, com ênfase para as possibilidades de vivenciar de modo significativo o período do estágio como um dos primeiros **espaços de consolidação da práxis** inerente ao ensino e à aprendizagem da língua materna.

É sabido que os ESC proporcionam o primeiro contato do professor em formação inicial com a sala de aula, de modo que este ocupa o lugar de professor. Sendo assim, os ESC ganham destaque por nos aproximar de uma realidade que antes era contava com o campo da projeção imaginária. Em um primeiro momento, o estagiário entra em um “novo mundo”, a experiência da docência é nova e única para cada um. Como já dissemos, inscritos em pressupostos da AD, cada sujeito é constituído de forma distinta, e essa constituição influencia a visão e a experiência de cada um em relação aos ESC.

Segundo Ribeiro e Lousada (2018, p.43, grifo nosso)

O discurso é que garantirá e conferirá plasticidade e dinamicidade aos modos de significar objetos do mundo, é a via de acesso às representações. **Através das interações, o ser humano se apresenta para o outro e, nessa teia, desvela-se quem é um em detrimento do outro e, ainda, que é um no complemento do outro.**

O espaço da sala de aula, para o estagiário, é um lugar de autoreconhecimento, pois é a partir da relação com o outro (lugar da intersubjetividade) que vamos nos identificando e nos reconhecendo; sobretudo, autorizando-nos professor. Observando as entrevistas realizadas com os alunos e com a professora regente, abordadas no capítulo anterior, pudemos nos identificar e nos afirmar como professor, mesmo que ainda em formação inicial. É sempre na relação com o outro (alunos e professor) que vamos assumindo e subjetivando um lugar de fala.

Segundo Buriolla (1999, p.10):

[..] o estágio é o lócus onde a identidade profissional é gerada, construída e referida; volta-se para o desenvolvimento de uma ação vivenciada, reflexiva e crítica e, por isso, deve ser planejada gradativa e sistematicamente com essa finalidade.

Por meio dos ESC, o estagiário tem a possibilidade de refletir sobre as observações realizadas, sobre as metodologias, e, assim, aos poucos vai construindo sua identidade, considerando as experiências durante a sua vida; experiência abstraída durante a graduação e, também, experiências do próprio estágio, culminado na própria identidade profissional, para usarmos as palavras de Buriolla (1999).

São nessas relações que se encontram a teoria e a prática, pois, a depender da experiência dos sujeitos envolvidos, é que vamos desenvolvendo as nossas ações. Este trabalho serviu para refletirmos sobre a relação indissociável entre a teoria e a prática nos cursos de licenciatura. Consideremos, a seguir, os dizeres de Oliveira, Botô, Silva e Cavalcanti (1996), os quais ancoram a pertinência dos referidos apontamentos:

A teoria é essencial para compreender a realidade que está inserida, mas essa compreensão se dará mediante a prática em sala de aula, quando o profissional irá confirmar de fato como acontecem as relações de ensino aprendizagem na escola. Nesse cenário o docente busca aplicar a teoria na prática, muitas vezes recorrem a ela como auxílio para resolver os problemas

enfrentados em sala de aula, ou ainda buscar da melhor forma possível proporcionar uma educação de qualidade aos alunos. (OLIVEIRA, BOTÔ, SILVA e CALVALCANTE, 1996, p. 10)

Assim, por meio das experiências vivenciadas acerca da teoria e da prática, é que vamos nos tornando críticos e pensando acerca da constituição do lugar de fala de professor. Nos ESC II e III, fomos vivendo as experiências de nos (re)moldar, seja pela aceitação, seja pela negação de conceitos, de teorias e de práticas. E, assim, aos poucos, fomos construindo um lugar de fala, dados os diferentes momentos de revezamento discursivo empreendidos em sala de aula. Diante da singularidade de cada um envolvido, nos ESC, é impossível estar tão somente no campo da (re)produção. A contingência das relações acaba pondo-nos no lugar da (re)invenção.

Para finalizamos este trabalho, justificamos a pertinência e o alcance de nossas discussões, assumindo a perspectiva de que os ESC são relevantes para a identificação e formação de um lugar de fala que é sobredeterminado sócio-histórico e ideologicamente. O nosso trabalho apresenta vários pontos que têm como centralidade o próprio olhar do estagiário, partido de suas perceptivas e daqueles que são concernidos pelo desenvolvimento dos ESC II e III.

REFERÊNCIAS

AGUSTINI, C.; LEITE, J. D. A RELAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ABORDAGEM ENUNCIATIVA. **ReVEL**, n. edição especial n.11, p. 158-181, 2016. ISSN 1678-8931.

_____. DA EXPERIÊNCIA HUMANA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM LÍNGUA PORTUGUESA. In: FIGUEIRA-BORGES, G.; SILVA, M. A.; (ORGS.) **Ensino de línguas em diferentes contexto**. Campinas (SP): Pontes Editores, 2017. p. 51-90.

BRASIL. **Cartilha esclarecedora sobre a lei do estágio**: lei nº 11.788/2008. Brasília: MTE, SPPE, DPJ, CGOI, 2008.

BRECHARA, E. **Gramática Fácil da Língua Portuguesa**. São Paulo: Nova Fronteira, 2014.

BUENO, M. C. **MARCELO CUNHA BUENO**, 2011. Disponível em: <<http://marcelocunhabueno.blogspot.com/2011/07/as-coisas-que-o-afeto-ensina.html>>. Acesso em: 14 abril 2019.

BURIOLLA, M. A. F. **Estágio Supervisionado**. 2ª. ed. São Paulo: Cortês, 1999.

FORQUIN, J.-C. **Escola e cultura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

GARCIA, A. A.; CHAVES, M.; STEIN, V. Formação de professores de Letras: o estágio como possibilidade de desenvolvimento acadêmica e profissional. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 8, p. 142-160, out-dez 2018.

HOUSER, L. A. D. C.; LOPES, C. S. **A ESCOLA E SEU ENTORNO: A IMPORTÂNCIA DO CONHECIMENTO DO CONTEXTO SOCIOGEOGRÁFICO DAS COMUNIDADES ESCOLARES PARA A ORGANIZAÇÃO DE PRÁTICAS EDUCATIVAS**. [S.l.]: EAIC - Encontro Anual de Iniciação Científica, 2016.

KIECKHOEFEL, J. C. AS RELAÇÕES AFETIVAS ENTRE PROFESSOR E ALUNO. **X CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE**, Curitiba, novembro 2011. 2533-2543.

LIMA, M. S. L. **Estágio e aprendizagem da profissão docente**. Brasília: Líder Livro, 2012.

LIMA, M. S. L.; AROEIRA, K. P. O estágio curricular em colaboração, a reflexão e o registro dos estagiários: um diálogo entre a universidade e a escola.. In: GOMES, M. D. O. **Estágios na formação de professores**: possibilidade formativas entre ensino, pesquisa e extensão. São Paulo: Edições Loyola, 2011. Cap. 5, p. 117-134.

OLIVEIRA, F. F. B., BÔTO, A. H. V., da Silva, S. C., CAVALCANTE, M. M. D. A Relação Entre Teoria e Prática Na Formação Inicial Docente: Percepções Dos Licenciandos De Pedagogia. FIPED – Fórum Internacional de Pedagogia. **Revista FIPED**. Editora realize. Disponível em Acesso em: 10 jan 2017 24662 RAYS, O. A. A relação teoria – prática na

didática escolar crítica. In: VEIGA, I. P. A. (Org.). Didática: o ensino e suas relações. Campinas: Papyrus, 1996.

ORLANDI, E. P. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez Editora, 2012.

_____. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. 12^a. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015. ISBN 978-85-7113-131-6.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

QUEIROZ, T. D. C. V. A busca por uma escola inovadora a parti da merenda escolar. **Organizações e Sociedade**, Iturama (MG), v. 4, n. 2, p. 190-199, jul./dez. 2015.

RIBEIRO, P. B.; LOUSADA, E. G. A profissão docente representada por estagiários do curso de Letras. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 8, p. 40-62, out-dez 2018.

SILVA, J. V. F. S. **O LUGAR DE ENUNCIÇÃO DO ESTAGIÁRIO NO ESC II: DAS TEORIAS ESTUDADAS À CONTIGÊNCIA DA AULA DE L.P.** Universidade Federal do Tocantins. Araguaína, p. 135. 2018.

_____. **REFLEXÕES ACERCA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO III: CONTINGÊNCIA NA SALA DE AULA E CONSTRUÇÃO DO PERFIL DOCENTE**. Universidade Federal do Tocantins. Araguaína. 2018.

TOCANTINS. **Projeto Político Pedagógico**. Araguaína - TO: [s.n.], 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS. **PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE LETRAS HABILITAÇÕES: LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVAS LITERATURAS - LÍNGUA INGLESA E RESPECTIVAS LITERATURAS**. Tocantins: [s.n.], 2009.

ANEXOS

Anexo 1 – Entrevista com o aluno do ensino fundamental II

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CÂMPUS DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LETRAS

Avenida Paraguai, s/nº, esquina com a Rua Uxiramas – Setor Cimba
| 77824-838 | Araguaína/TO (63)3416-5601 | (63)3416-5602
| ww2.uft.edu.br/araguaína | letrasarag@uft.edu.br



INSTRUMENTAL I - ENTREVISTA COM ALUNO ENSINO FUNDAMENTAL II

Caro(a) aluno(a),

Contamos com a sua colaboração no sentido de responder às questões abaixo, pois suas respostas contribuirão de forma significativa para a nossa formação como futuros professores de Língua Portuguesa.

Estagiário: João Victor Ferreira dos Santos Silva.

QUESTIONAMENTOS

1. QUAL É O SEU SEXO? () masculino () feminino
2. QUAL É SUA DATA DE NASCIMENTO? _____
3. COMO VOCÊ CLASSIFICARIA SUA ETNIA? _____
4. EM QUE BAIRRO VOCÊ MORA? _____
5. Quanto a renda familiar ?

() Menos que um salário mínimo	() Um salário mínimo
() Dois ou mais salários mínimos	() Não sei informar
6. - Através de qual meio de transporte você vai para a escola?
() CARRO () MOTO () A PÉ () ÔNIBUS ESCOLAR
7. Qual a formação dos seus pais?

() Analfabeto.	() Ensino fundamental Completo.
() Ensino fundamental incompleto.	() Ensino Médio Completo.
() Ensino Médio Incompleto.	() Formação acadêmica.
8. Você acha que a escola é importante para a sua vida? SIM() Não (). Comente:

9. Você gosta de Língua Portuguesa? () Sim () Não () Nunca pensei sobre o assunto
10. Você acha que estudar Português é importante porque/para:

() Falar bem	() Escrever bem	() Ter mais cultura
() Obter emprego	() Adquirir conhecimento	
() Passar no vestibular	() Usar a internet	() Outros

 Especifique _____

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CÂMPUS DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LETRAS

Avenida Paraguai, s/nº, esquina com a Rua Uxiramas – Setor Cimba
| 77824-838 | Araguaína/TO (63)3416-5601 | (63)3416-5602
| ww2.uft.edu.br/araguaína | letrasarag@uft.edu.br



11. Quais atividades são desenvolvidas nas aulas de Português que você mais gosta?

- () Leitura () Exercício de gramática () Atividade em grupo
() Músicas () Atividade individual () Outras

Especifique: _____

12. Nas aulas de Português em geral qual a atividade você sente dificuldades?

- () Ler () Falar () Escrever () Gramática

Justifique: _____

13. Você gosta de ler? SIM () NÃO () SÓ LEIO O NECESSÁRIO ()

14. O que você mais gosta de ler?

- () Romance () Aventura () Poesia () Revistas em quadrinhos () sites
() Jornais () Outros

Comente: _____

15. Qual foi o último livro que você leu? Quem indicou para você? Comente.

16. Sua relação com a professora é BOA () REGULAR () RUIM ()

17. Como você caracteriza sua professora?

- () Exigente () Segura () Alegre () Calma
() Insegura () Nervosa e agitada () Explica de forma clara e objetiva
() Outros

Comente: _____

Anexo 2 – Entrevista com a professora do ensino fundamental II

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CÂMPUS DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LETRAS

Avenida Paraguai, s/nº, esquina com a Rua Uxiramas – Setor Cimba
| 77824-838 | Araguaína/TO (63)3416-5601 | (63)3416-5602
| ww2.uft.edu.br/araguaína | letrasarag@uft.edu.br



INSTRUMENTAL II - ENTREVISTA DOCENTE ENSINO FUNDAMENTAL II

Caro(a) professor(a),

Conto com a sua colaboração no sentido de responder às questões abaixo, pois suas respostas contribuirão de forma significativa para a minha formação como futuro(a) professor(a) de Língua Portuguesa.

Estagiário: João Victor Ferreira dos Santos Silva.

IDENTIFICAÇÃO

Nome: _____
Escola: _____
Tempo que exerce o magistério: aproximadamente 12 anos.
Tempo que exerce o magistério nesta escola: 7 anos

FORMAÇÃO

Grau de instrução/ Formação Acadêmica: Mestra em Letras
Instituição (Onde se formou): UFT
Possui curso de pós-graduação? (X) Sim () Não -
Qual? Especialização em Ensino Aprendizagem da L.P. (UEPA)
Atualmente, frequenta alguma formação continuada? (X) Sim () Não / Especifique:
Seminário pronunciado em Semiótica e Literatura (UFT)

QUESTIONAMENTOS

1. Porque você quis ser professor (a)?
Entre as opções da época, Letras era a que me agradava e identificava.
2. Para você, o que significa ensinar Língua Portuguesa a um falante nativo?
Significa aprender a cada instante, pois o contexto social de meus alunos é diverso, presto muito com eles.
3. Como você planeja suas aulas?
A partir do diagnóstico e da realidade sócio-econômica da turma. Também uso o currículo da ORE, no entanto, priorizo as necessidades da turma.
4. Que materiais você utiliza no planejamento de suas aulas e como você realiza a seleção desses materiais?

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CÂMPUS DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LETRAS

Avenida Paraguai, s/nº, esquina com a Rua Uxiramas – Setor Cimba
| 77824-838 | Araguaína/TO (63)3416-5601 | (63)3416-5602
| ww2.uft.edu.br/araguaína | letrasarag@uft.edu.br



utilizo o livro didático, além de textos e atividades, livros da biblioteca, vídeos, etc. Os materiais são escolhidos de acordo com o interesse da turma. O livro didático é usado porque eles e os pais sabem.

5. Para você, qual é a importância do planejamento para a atividade docente?

É importante para organizar o assunto e o tempo, no entanto, nem sempre funciona. Você planeja mas a escola interfere com atividades de última hora, outras vezes a turma não tem interesse. Por isso, é importante ter várias cartas na manga.

6. Você utiliza com frequência o livro didático em suas aulas de Língua Portuguesa?

Utilizo quando a escola não está funcionando ou quando falta porque se não estão na escola os alunos, não incluem as atividades riscadas. Então faço atividades de livros e eles fazem em casa.

7. Quais são os instrumentos avaliativos utilizados para diagnosticar o processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa/Literatura? (Provas / trabalhos / participação)

Sondagem, leitura e produção de texto oral e escrito.

8. Quais são as principais dificuldades para realizar o seu trabalho em sala de aula? Os alunos colaboram para consolidar um processo de ensino e aprendizagem significativo? Explique.

O mais difícil é a realidade sócio-econômica dos alunos. Os problemas que eles enfrentam por eles atingir diretamente a sala e a escola por completo. São eles; uso de drogas na família; pais ausentes; violência doméstica; abuso sexual; exploração infantil; prostituição, etc.

9. Que tipos de atividades são mais frequentes nas suas aulas de língua portuguesa (gramática, leitura, interpretação, produção de textos)

Leitura, interpretação e produção.

10. Quais as estratégias usadas junto aos alunos que apresentam dificuldades na apropriação dos conhecimentos?

Aprendizado produtivo - ele é orientado e acompanhado por alguma colega que possui menos dificuldade. Esse por sua vez, é orientado pelo professor.

11. Quais são as suas sugestões para o futuro professor de Língua Portuguesa?

Que esteja em contínuo estudo, que não se deixe levar pelo pessimismo dos colegas, que esteja aberto a aprender com seus alunos. Que ensine os 'a' ruibar o próximo; que prepare os para a vida.

Anexo 3 – Plano de Aula (Aula 01 e 02)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CÂMPUS DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LETRAS
ESTÁGIO SUPERVISIONADO: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS II

Avenida Paraguai, s/nº, esquina com a Rua Ukiramas – Setor Cimba
| 77824-838 | Araguaína/TO (63)3416-5601 | (63)3416-5602



PLANO DE AULA

Estagiário: João Victor Ferreira dos Santos Silva. **Nº de Matrícula:** 2016110655 **IES:** UFT
Ano/Período: 2018.1 **Cursos:** Letras/Português

Nível de Ensino: Ensino Fundamental II.

Ano/Bimestre: 8º ano/ 2º bimestre de 2018.

Componente Curricular: Língua Portuguesa.

Tema: Tipos de predicados: reflexão e construção de sentido.

Duração da aula: 2 aulas (50 minutos cada)

Modalidade de ensino: Educação Presencial.

OBJETIVOS

- Compreender o modo que os elementos verbais e não verbais produzem sentido no gênero tirinha.
- Compreender de que modo os predicados estão presentes no texto, colaborando para a construção de sentidos, utilizando o gênero de texto "tirinha".
- Entender que existem diferentes tipos de predicados na língua portuguesa.

PRÉ-REQUISITOS DOS ALUNOS

- Saber o que é uma "tirinha".
- Os alunos devem ter conhecimento sobre "sujeito" e "predicado", presentes na oração.

RECURSOS/ MATERIAIS DE APOIO

- Texto impresso.
- Quadro branco.
- Pincel

METODOLOGIA

- **Aula 1:** Nessa aula, iremos distribuir diferentes “tirinhas”(Anexo 1). Após a distribuição, iremos iniciar a abordagem explorando os elementos verbais e não verbais das “tirinhas” de modo a pensar como eles colaboram para a produção de sentido. Iremos solicitar que a turma realize uma leitura individual, e depois selecionaremos alguns alunos para realizar a leitura oral para toda a turma. Depois solicitaremos que os comentem sobre qual foi a sua interpretação do gênero tirinha. E identificar quais são as características do gênero tirinha, e qual a sua função. Depois entregaremos mais duas tirinhas, a primeira tirinha é do “Garfield”, a segunda é do “Calvin” (Anexo 2).
- **Aula 2:** Após a caracterização das tirinhas, iremos distribuir perguntas (Anexo 2) relacionadas ao texto, em que os alunos devem identificar alguns elementos verbal e não verbal. Retomaremos ao conteúdo gramatical, relacionado ao predicado nominal (Anexo 3). Em seguida, utilizaremos trechos das tirinhas analisadas para a identificação do predicado nominal.

AVALIAÇÃO

- Interpretação de texto, leitura e produção de textos escritos e orais. (Anexo 2 e 3)

REFERÊNCIAS

- PIMENTEL, CASTRO; **Português Descomplicado**, 6ª edição, São Paulo, Saraiva, 2009.
- SOUSA, C. A. e MARQUES, J. A. J.; **Minimanual de gramática: língua portuguesa**, 1ª edição. Blumenau, Vale das Letras, 2012.
- FERREIRA, MAURO; **Aprender a praticar gramática**, editora renovada, São Paulo, FTD, 2007.

Anexo 4 – Tirinhas

Araguaína; 09 de maio de 2018.

Professora:

Estagiário: João Victor Ferreira dos Santos Silva.

Disciplina: Língua Portuguesa.

Turma: 8º Ano "B".

Aluno (a): _____

LEIA AS TIRINHAS:



5 Anexo – Atividade de interpretação

Interpretação de texto – PARTE I

1) Realize a leitura da tirinha (1) abaixo, do Garfield de Jon Arbuckle:



- Você já viu outras tirinhas do Garfield? _____
- Quais são os personagens da tirinha? _____
- Você achou engraçado? Se sim, qual parte? _____
- Que tipos de linguagem são utilizados no texto acima? _____
- Você sabe identificar alguma característica do gênero tirinha? _____

2) Leia a tira de Calvin, personagem de Bill Watterson.



- Quais são os personagens da tirinha? _____
 - Você achou engraçado? Se sim, qual parte? _____
 - Que tipos de linguagem são utilizados no texto acima? _____
 - Calvin está tentando fazer o que? _____
- e) Quem você acha que falou "Estou vendo você aí atrás! Venha já limpar essa bagunça!"? Justifique.

Anexo 6 – Plano de aula (Aula 03)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CÂMPUS DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LETRAS
ESTÁGIO SUPERVISIONADO: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS II

Avenida Paraguai, s/nº, esquina com a Rua Uxiramas – Setor Cimba
| 77824-838 | Araguaína/TO (63)3416-5601 | (63)3416-5602



PLANO DE AULA

Estagiário: João Victor Ferreira dos Santos Silva. **Nº de Matrícula:** 2016110655 **IES:** UFT
Ano/Período: 2018.1 **Cursos:** Letras/Português

Nível de Ensino: Ensino Fundamental II.

Ano/Bimestre: 8º ano/ 2º bimestre de 2018.

Componente Curricular: Língua Portuguesa.

Tema: Tipos de predicados: reflexão e construção de sentido.

Duração da aula: 1 aulas (50 minutos cada) **Data:** 11/05/2018

Modalidade de ensino: Educação Presencial.

OBJETIVOS

- Compreender os elementos que constitui o “predicado nominal”.
- Identificar o “predicado nominal” nas “tirinhas”.
- Compreender de que modo os predicados estão presentes no texto, colaborando para a construção de sentidos.
- Entender que existem diferentes tipos de predicados na língua portuguesa.

PRÉ-REQUISITOS DOS ALUNOS

- Os alunos devem ter conhecimento sobre “sujeito” e “predicado”, presentes na oração.
- Ter conhecimento da existência do “predicado nominal”.

RECURSOS/ MATERIAIS DE APOIO

- Texto impresso.
- Quadro branco.
- Pincel

METODOLOGIA

- **Aula 1:** Nessa aula, iremos relembrar o que foi estudado na aula anterior, fazendo com que os alunos comentem sobre o conteúdo. Utilizando a lousa iremos revisar elementos estruturais do predicado nominal. Depois solicitaremos que os alunos utilizem a atividade distribuída na aula anterior, relacionada ao gênero “tirinha”, para resolução e correção.

AVALIAÇÃO

- Interpretação de texto, leitura e produção de textos escritos e orais.

REFERÊNCIAS

- CUNHA, Celso e LINDLEY, Cintra; **Nova gramática do português contemporâneo**, 3. Ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001.
- PIMENTEL, CASTRO; **Português Descomplicado**, 6ª edição, São Paulo, Saraiva, 2009.
- SOUSA, C. A. e MARQUES, J. A. J.; **Minimanual de gramática: língua portuguesa**, 1ª edição, Blumenau, Vale das Letras, 2012.
- FERREIRA, MAURO; **Aprender a praticar gramática**, editora renovada, São Paulo, FTD, 2007.

7 Anexo – Atividade -Predicado Nominal

Análise – Parte II

Após a discussão acerca dos tipos de predicados, responda os questionamentos a seguir.

3) Nas tirinhas (1 – Garfield) e (2 - Calvin) há presença de verbos de ligação/relacionais? Se sim, escreva abaixo.

4) Na frase “A alegria é contagiosa!” (Tirinha 1).

- a) Qual o sujeito da oração? _____
- b) Existe predicado? Se sim, identifique e denomine qual tipo de predicado. _____

5) Na frase “Eu sou imune!” (Tirinha 1).

- c) Qual o sujeito da oração? _____
- d) Existe predicado? Se sim, identifique e denomine qual tipo de predicado. _____

6) Identifique o sujeito e o predicado: “Ele está invisível.” (Relacionado à tirinha 2)

Sujeito: _____

Predicado: _____



7) Leia a tirinha ao lado.

a) Qual a preocupação dos personagens?

b) Por que Calvin acredita que sua mãe pode ajudá-lo a cuidar do esquilinho?

c) Você consegue identificar algum tipo de predicado nominal na tirinha? Se sim transcreva abaixo.

Anexo 8 – Plano de aula (Aula 04 e 05)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CÂMPUS DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LETRAS

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: **LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS II**

Avenida Paraguai, s/nº, esquina com a Rua Uxiramás – Setor Cimba
| 77824-838 | Araguaína/TO (63)3416-5601 | (63)3416-5602



PLANO DE AULA

Estagiário: João Victor Ferreira dos Santos Silva. **Nº de Matrícula:** 2016110655 **IES:** UFT
Ano/Período: 2018.1 **Cursos:** Letras/Português

Nível de Ensino: Ensino Fundamental II.

Ano/Bimestre: 8º ano/ 2º bimestre de 2018.

Componente Curricular: Língua Portuguesa.

Tema: Tipos de predicados: reflexão e construção de sentido.

Duração da aula: 2 aulas (50 minutos cada) **Data:** 14/05/2018 e 15/05/2018

Modalidade de ensino: Educação Presencial.

OBJETIVOS

- Compreender os elementos que constitui o “predicado nominal” e “predicado verbal”.
- Identificar o “predicado nominal” e “predicado verbal” no texto “A lua”.
- Compreender como o sentido pode influenciar na classificação dos predicados.
- Compreender de que modo os predicados estão presentes no texto.
- Entender que existem diferentes tipos de predicados na língua portuguesa.

PRE-REQUISITOS DOS ALUNOS

- Os alunos devem ter conhecimento sobre “sujeito” e “predicado”, presentes na oração.
- Ter conhecimento da existência do “predicado nominal”.
- Ter conhecimento dos verbos “nacionais”

RECURSOS/ MATERIAIS DE APOIO

- Texto impresso.
- Quadro branco.
- Pincel

METODOLOGIA

- **Aula 1:** Nessa aula, iremos distribuir para a turma um texto, “A lua” (Anexo 1). Realizaremos a leitura e comentaremos o texto apresentado. Em seguida solicitaremos que a os alunos respondam a atividades (Anexo 1), relacionada a interpretação do texto. Depois socializaremos as respostas em turma.
- **Aula 1:** Nessa aula, iremos relembra o conteúdo “predicado nominal” e apresentaremos a turma o “predicado verbal”, explicando a diferença de ambos. Depois retomaremos ao texto utilizado na aula passada, e distribuiremos outra atividade relacionada ao texto (Anexo 2). Essa atividade contém trechos do texto que servirá como base para exercitar a análise do “predicado nominal” e “predicado verbal”.

AValiação

- Interpretação de texto, leitura e produção de textos escritos e orais.

REFERÊNCIAS

- <http://dicasdeportugues.com/atividade-avaliativa-para-o-8-ano/> ; acessado dia 11/05/18.
- CUNHA, Celso e LINDLEY, Cintra; **Nova gramática do português contemporâneo**, 3. Ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001.
- PIMENTEL, CASTRO; **Português Descomplicado**, 6º edição, São Paulo, Saraiva, 2009.
- SOUSA, C. A. e MARQUES, J. A. J.; **Minimanual de gramática: língua portuguesa**, 1º edição , Blumenau, Vale das Letras, 2012.
- FERREIRA, MAURO; **Aprender a praticar gramática**, editora renovada, São Paulo, FTD, 2007.

Anexo 9 – Atividade de Interpretação – Texto “A lua”

Araguaína; 13 de maio de 2018.

Estagiário: João Victor Ferreira dos Santos Silva.

Disciplina: Língua Portuguesa.

Turma: 8º Ano “B”-

Aluno(a):

Leia o texto para responder as questões propostas.

A Lua

Numerosas lendas dizem que, no princípio, dois sóis nasceram juntos. Isso provocou um calor e uma luz insuportáveis e uma rivalidade violenta entre os dois astros. Na África, contam que um dos sóis sugeriu ao outro tomar banho juntos, mas só fingiu pretender entrar no rio. O outro mergulhou mesmo e apagou-se quase por completo. Transformado na lua, ele não mais aquece, embora ainda ilumine.



Moon (Photo credit:

Muitos povos explicam que as manchas na superfície da Lua são marcas da poeira que o sol, despeitado, jogou para apagar o brilho dela.

Catherine Ragache e Claude Ragache. A criação do mundo. São Paulo: Ática, 2003.*Lenda é uma narrativa fantasiosa transmitida pela [tradição oral](#) através dos tempos

01- O que provocou a rivalidade entre os astros?

02- Pela leitura, qual astro enganou o outro?

03- O que aconteceu com o astro que foi enganado?

04- “... jogou para apagar o brilho **dela**.” O termo destacado se refere:

- a) ao sol b) à lua c) ao brilho d) as manchas

05- O tempo que você acabou de ler é uma narrativa o tempo verbal básico da narrativa é:

- a) presente b) passado/pretérito c) futuro

06-Justifique a resposta da questão anterior (05) com um trecho do texto. Destaque o verbo.

Anexo 10 – Atividade de Fixação – Texto “A lua”

Relembrando:

Predicado nominal; **Verbo de ligação/relacional + predicativo do sujeito.**

Predicado verbal; **Verbos nocionais (Verbos transitivos e intransitivos)**

07- “*As manchas na superfície da lua são marcas da poeira do sol.*” Identifique o sujeito, predicado da oração e tipo de predicado.

Sujeito: _____

Predicado: _____

Tipo de predicado: _____

08 - “*...dois sóis **nasceram**...*”. Identifique o tipo de predicado, analisando o verbo destacado e o sentido da oração.

Tipo de predicado: _____

09- “*O sol é **traíçoeiro***” Identifique o tipo de predicado, analisando o verbo destacado e o sentido da oração.

Tipo de predicado: _____

10 - “*A lua **tomou** banho*”. Identifique o tipo de predicado, analisando o verbo destacado e o sentido da oração.

Tipo de predicado: _____

11 – “*Lenda é uma narrativa fantasiosa*”. Identifique o tipo de predicado, analisando o verbo destacado e o sentido da oração.

Tipo de predicado: _____

12- Complete a sentença.

O núcleo do **predicado nominal** é um _____.

O núcleo do **predicado verbal** é um _____.

Anexo 11 – Plano de aula (Aula 06 e 07)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CÂMPUS DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LETRAS

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS II

Avenida Paraguai, s/nº, esquina com a Rua Uxiramas – Setor Cimba
| 77824-838 | Araguaína/TO (63)3416-5601 | (63)3416-5602



PLANO DE AULA

Estagiário: João Victor Ferreira dos Santos Silva. **Nº de Matrícula:** 2016110655 **IES:** UFT

Ano/Período: 2018.1 **Cursos:** Letras/Português

Nível de Ensino: Ensino Fundamental II.

Ano/Bimestre: 8º ano/ 2º bimestre de 2018.

Componente Curricular: Língua Portuguesa.

Tema: Tipos de predicados: reflexão e construção de sentido.

Duração da aula: 2 aulas (50 minutos cada) **Data:** 16/05/2018

Modalidade de ensino: Educação Presencial.

OBJETIVOS

- Compreender os elementos que constitui o “predicado nominal” e “predicado verbal”.
- Identificar o “predicado nominal” e “predicado verbal” no texto “A lua”.
- Compreender como o sentido pode influenciar na classificação dos predicados.
- Compreender de que modo os predicados estão presentes no texto.
- Entender que existem diferentes tipos de predicados na língua portuguesa.

PRÉ-REQUISITOS DOS ALUNOS

- Os alunos devem ter conhecimento sobre “sujeito” e “predicado”, presentes na oração.
- Ter conhecimento da existência do “predicado nominal” e “predicado verbal”.
- Saber a diferença entre o Verbo de ligação/relacionais e verbos nocionais.

RECURSOS/ MATERIAIS DE APOIO

- Texto impresso.
- Quadro branco.
- Pincel

METODOLOGIA

- **Aula 1:** Nessa aula, utilizando a lousa iremos relembrar as características do “predicado nominal” e “predicado verbal”. Iremos socializar e corrigir a atividade referente ao texto “ A lua”
- **Aula 2:** Iremos realizar uma revisão para fixação dos conteúdos. Utilizando a lousa iremos copiar uma atividade para que os alunos possam fixar o conteúdo praticando, analisando algumas frases, essas frases estão relacionadas ao seu cotidiano e também utilizando com exemplos nas frases os próprios alunos.

AVALIAÇÃO

- Interpretação de texto, leitura e produção de textos escritos e orais.

REFERÊNCIAS

- CUNHA, Celso e LINDLEY, Cintra; **Nova gramática do português contemporâneo**, 3. Ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001.
- PIMENTEL, CASTRO; **Português Descomplicado**, 6º edição, São Paulo, Saraiva, 2009.
 - SOUSA, C. A. e MARQUES, J. A. J.; **Minimanual de gramática: língua portuguesa**, 1º edição , Blumenau, Vale das Letras, 2012.
 - FERREIRA, MAURO; **Aprender a praticar gramática**, editora renovada, São Paulo, FTD, 2007.

Anexo 12 – Plano de aula (Aula 08)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CÂMPUS DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LETRAS
ESTÁGIO SUPERVISIONADO: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS II

Avenida Paraguai, s/nº, esquina com a Rua Uxiramas – Setor Cimba
| 77824-838 | Araguaína/TO (63)3416-5601 | (63)3416-5602



PLANO DE AULA

Estagiário: João Victor Ferreira dos Santos Silva. **Nº de Matrícula:** 2016110655 **IES:** UFT
Ano/Período: 2018.1 **Cursos:** Letras/Português

Nível de Ensino: Ensino Fundamental II.

Ano/Bimestre: 8º ano/ 2º bimestre de 2018.

Componente Curricular: Língua Portuguesa.

Tema: Tipos de predicados: reflexão e construção de sentido.

Duração da aula: 1 aulas (50 minutos cada) **Data:** 19/05/2018

Modalidade de ensino: Educação Presencial.

OBJETIVOS

- Compreender os elementos que constitui o “predicado nominal”, “predicado verbal” e “predicado verbo-nominal”
- Identificar o “predicado nominal” e “predicado verbal” na atividade de fixação (Anexo 1).
- Compreender de que modo os predicados estão presentes no texto.
- Entender que existem diferentes tipos de predicados na língua portuguesa.

PRÉ-REQUISITOS DOS ALUNOS

- Os alunos devem ter conhecimento sobre “sujeito” e “predicado”, presentes na oração.
- Ter conhecimento da existência do “predicado nominal”, “predicado verbal” e “predicado verbo-nominal”.
- Saber a diferença entre o Verbo de ligação/relacionais e verbos nocionais.

RECURSOS/ MATERIAIS DE APOIO

- Texto impresso.
- Quadro branco.
- Pincel

Anexo 13 – Atividade de Fixação.

Araguaina; de maio de 2018.
 Professora:
 Estagiário: João Victor Ferreira dos Santos Silva.
 Disciplina: Língua Portuguesa. Turma: 8º Ano "B"- 82.02
 Aluno(a): _____

ATIVIDADE DE FIXAÇÃO.

1º) Realize a leitura do poema "Meu povo, meu abismo" de Ferreira Gullar. Após a leitura utilizando dos conhecimentos adquirido nas aulas, acerca dos tipos de predicado, responda:

Texto1.

MEU POVO, MEU ABISMO
(Ferreira Gullar)

Meu povo é meu abismo.
 Nele me perco:
 a sua tanta dor me deixa
 surdo e cego.

Meu povo é meu castigo
 meu flagelo:
 seu desamparo,
 meu erro.

Meu povo é meu destino
 meu futuro:
 se ele não vira em mim
 veneno ou canto -
 apenas morro.

➤ *In Dentro da noite veloz, 1975*

a) Que tipo de predicado é identificado nos versos que estão grifados?

- () Predicado Nominal
 () Predicado Verbal
 () Predicado Verbo-Nominal

b) Que função exerce sintaticamente os termos "**meu abismo**"; "**meu castigo**"; "**meu destino**".

- () verbo de ligação () predicativo do sujeito
 () verbo nocional

c) Qual é o sujeito a qual se refere os termos "**meu abismo**"; "**meu castigo**"; "**meu destino**".

d) Por que nesse texto predomina o predicado nominal?

2) Leia o pequeno trecho a seguir, que relata um fato hipotético.

Encontrei a professora _____ no colégio. Ela comentou que aplicará uma prova na turma do 8º Ano. Após o término da prova conversei com um aluno e ele falou:

- Nós estudamos muito para prova. Eu estou esperançoso.

Conclusão: Os alunos saíram da prova confiantes.

Responda:

- a) Na oração "*Encontrei a professora Jacielle*".
Qual é o verbo que está presente nessa oração: _____.
Ele é um verbo: () verbo nocional () verbo de ligação.
- b) Que tipo de predicado está presente nessa oração "Nós **estudamos** muito para prova"
() Predicado Nominal () Predicado Verbal () Predicado Verbo-Nominal
Justifique: _____
- c) Que tipo de predicado está presente nessa oração "Eu **estou** confiante"
() Predicado Nominal () Predicado Verbal () Predicado Verbo-Nominal
Justifique: _____
- d) Que tipo de predicado está presente nessa oração "Os alunos **sairam** da prova **confiantes**."
() Predicado Nominal () Predicado Verbal () Predicado Verbo-Nominal
Justifique: _____

Anexo 14 – Plano de aula (Aula 09)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
 PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
 CÂMPUS DE ARAGUAÍNA
 CURSO DE LETRAS
 ESTÁGIO SUPERVISIONADO: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS II
 Avenida Paraguai, s/nº, esquina com a Rua Uxiramas – Setor Cimba
 | 77824-838 | Araguaína/TO (63)3416-5601 | (63)3416-5602



PLANO DE AULA

Estagiário: João Victor Ferreira dos Santos Silva. **Nº de Matrícula:** 2016110655 **IES:** UFT
Ano/Período: 2018.1 **Cursos:** Letras/Português

Nível de Ensino: Ensino Fundamental II.
Ano/Bimestre: 8º ano/ 2º bimestre de 2018.
Componente Curricular: Língua Portuguesa.
Tema: Tipos de predicados: reflexão e construção de sentido.
Duração da aula: 1 aulas (50 minutos cada) **Data:** 21/05/2018
Modalidade de ensino: Educação Presencial.

OBJETIVOS

- Compreender como os tipos de predicados foram utilizados na atividade de fixação.
- Sanar suas dúvidas em relação os tipos de predicado.
- Compreender de que modo os predicados estão presentes no texto.

PRÉ-REQUISITOS DOS ALUNOS

- Os alunos devem ter conhecimento sobre “sujeito” e “predicado”, presentes na oração.
- Ter conhecimento da existência do “predicado nominal”, “predicado verbal” e “predicado verbo-nominal”.
- Saber a diferença entre o Verbo de ligação/relacionais e verbos nocionais.

RECURSOS/ MATERIAIS DE APOIO

- Texto impresso.
- Quadro branco.
- Pincel

METODOLOGIA

- **Aula 1:** Nessa aula, iremos relembrar rapidamente os tipos de predicado. Depois entregaremos uma atividade de fixação (Anexo 1), com o objetivo de avaliar e compreender se os alunos estão realmente compreendendo o conteúdo.

AValiação

- Interpretação de texto, leitura e produção de textos escritos e orais.
- Resolução da atividade de fixação (Anexo)

REFERÊNCIAS

- **FERREIRA GULLAR**, *In Dentro da noite veloz*, 1975
- CUNHA, Celso e LINDLEY, Cintra; **Nova gramática do português contemporâneo**, 3. Ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001.
- PIMENTEL, CASTRO; **Português Descomplicado**, 6º edição, São Paulo, Saraiva, 2009.
- SOUSA, C. A. e MARQUES, J. A. J.; **Minimanual de gramática: língua portuguesa**, 1º edição, Blumenau, Vale das Letras, 2012.
- FERREIRA, MAURO; **Aprender a praticar gramática**, editora renovada, São Paulo, FTD, 2007.

Anexo 15 – Plano de aula (Aula 10)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
 PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
 CÂMPUS DE ARAGUAÍNA
 CURSO DE LETRAS
 ESTÁGIO SUPERVISIONADO: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS II
 Avenida Paraguai, s/nº, esquina com a Rua Uxiramas – Setor Cimba
 | 77824-838 | Araguaína/TO (63)3416-5601 | (63)3416-5602



PLANO DE AULA

Estagiário: João Vítor Ferreira dos Santos Silva. **Nº de Matrícula:** 2016110655 **IES:** UFT
Ano/Período: 2018.1 **Cursos:** Letras/Português

Nível de Ensino: Ensino Fundamental II.
Ano/Bimestre: 8º ano/ 2º bimestre de 2018.
Componente Curricular: Língua Portuguesa.
Tema: Gênero Crônica.
Duração da aula: 1 aulas (50 minutos cada) **Data:** 22 de maio de 2018
Modalidade de ensino: Educação Presencial.

OBJETIVOS

- Desenvolver hábito de leitura e interpretação de texto.
- Identificar a estrutura da crônica em diferentes formas e espaços de comunicação.
- Analisar e identificar o gênero crônica.
- Identificar aspectos e características do gênero.

PRÉ-REQUISITOS DOS ALUNOS

- Ser alfabetizado.

RECURSOS/ MATERIAIS DE APOIO

- Texto impresso.
- Quadro branco.
- Pincel.
- Caixa de som.
- Notebook.

METODOLOGIA

- Nessa aula, abordar o gênero crônica, para isso iremos levar algumas crônicas, para que os alunos possam refletir e buscar identificar características evidenciadas na crônica. As crônicas apresentadas serão:

- **“A última crônica” de Fernando Sabino (Anexo 1).**
- **“A arte de ser avó” de Rachel de Queiroz (Anexo 2).**

Iremos iniciar a discussão a partir do título de cada texto. Depois será realizada a leitura da crônica de Fernando Sabino, a leitura será coletiva, depois iremos reproduzir a leitura da crônica, disponibilizada no livro “A ocasião faz o escritor”, o objetivo de ouvir novamente o conto é de os alunos prestarem mais atenção, e perceberem a sutileza dos elementos presentes no áudio. Depois realizaremos a discussão acerca da crônica. Depois realizaremos a leitura, coletiva, do texto de Rachel de Queiroz.

AVALIAÇÃO

- Interpretação de texto, leitura e produção de textos escritos e orais.

REFERÊNCIAS

- LAGINEIRA & PERREIRA; **A ocasião faz o escritor**: caderno do professor: orientação para produção de textos, São Paulo, CENPEC, Coleção da Olimpíada.
- **Elenco de cronistas modernos**. 21ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/paginas-literarias/artigo/424/coletanea-de-textos-do-caderno-a-ocasio-faz-o-escritor-a-arte-de-ser-avo> Acessado dia: 21 de maio de 2018.
- <https://educacao.uol.com.br/planos-de-aula/fundamental/portugues-analisando-a-cronica-como-genero-literario.htm> Acessado dia: 21 de maio de 2018.
- <http://rede.novaescolaclub.org.br/planos-de-aula/cronica-na-sala-de-aula> Acessado dia: 21 de maio de 2018.

Anexo 16 – A Última Crônica – Fernando Sabino

A Última Crônica – Fernando Sabino

A caminho de casa, entro num botequim da Gávea para tomar um café junto ao balcão. Na realidade estou adiando o momento de escrever. A perspectiva me assusta. Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca do pitoresco ou do irrisório no cotidiano de cada um. Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do acidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num acidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial. Sem mais nada para contar, curvo a cabeça e tomo meu café, enquanto o verso do poeta se repete na lembrança: “assim eu queria o meu último poema”. Não sou poeta e estou sem assunto. Lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica.

Ao fundo do botequim um casal de pretos acaba de sentar-se, numa das últimas mesas de mármore ao longo da parede de espelhos. A compostura da humildade, na contenção de gestos e palavras, deixa-se acrescentar pela presença de uma negrinha de seus três anos, laço na cabeça, toda arrumadinha no vestido pobre, que se instalou também à mesa: mal ousa balançar as perninhas curtas ou correr os olhos grandes de curiosidade ao redor. Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a instituição tradicional da família, célula da sociedade. Vejo, porém, que se preparam para algo mais que matar a fome.

Passo a observá-los. O pai, depois de contar o dinheiro que discretamente retirou do bolso, aborda o garçom, inclinando-se para trás na cadeira, e aponta no balcão um pedaço de bolo sob a redoma. A mãe limita-se a ficar olhando imóvel, vagamente ansiosa, como se aguardasse a aprovação do garçom. Este ouve, concentrado, o pedido do homem e depois se afasta para atendê-lo. A mulher suspira, olhando para os lados, a reassegurar-se da naturalidade de sua presença ali. A meu lado o garçom encaminha a ordem do freguês.

O homem atrás do balcão apanha a porção do bolo com a mão, larga-o no pratinho – um bolo simples, amarelo-escuro, apenas uma pequena fatia triangular. A negrinha, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o pratinho que o garçom deixou à sua frente. Por que não começa a comer? Vejo que os três, pai, mãe e filha, obedecem em torno à mesa um discreto ritual. A mãe remexe na bolsa de plástico preto e brilhante, retira qualquer coisa. O pai se mune de uma caixa de fósforos, e espera. A filha aguarda também, atenta como um animalzinho. Ninguém mais os observa além de mim.

São três velinhas brancas, minúsculas, que a mãe espeta caprichosamente na fatia do bolo. E enquanto ela serve a Coca-Cola, o pai risca o fósforo e acende as velas. Como a um gesto ensaiado, a menininha repousa o queixo no mármore e sopra com força, apagando as chamas. Imediatamente põe-se a bater palmas, muito compenetrada, cantando num balbucio, a que os pais se juntam, discretos: “Parabéns pra você, parabéns pra você...” Depois a mãe recolhe as velas, torna a guardá-las na bolsa. A negrinha agarra finalmente o bolo com as duas mãos sôfregas e põe-se a comê-lo. A mulher está olhando para ela com ternura – ajeita-lhe a fitinha no cabelo crespo, limpa o farelo de bolo que lhe cai ao colo. O pai corre os olhos pelo botequim, satisfeito, como a se convencer intimamente do sucesso da celebração. Dá comigo de súbito, a observá-lo, nossos olhos se encontram, ele se perturba, constrangido – vacila, ameaça abaixar a cabeça, mas acaba sustentando o olhar e enfim se abre num sorriso.

Assim eu queria minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso.”

Anexo 17 – A arte de ser avó - Rachel de Queiroz

A arte de ser avó - Rachel de Queiroz

Netos são como heranças: você os ganha sem merecer. Sem ter feito nada para isso, de repente lhe caem do céu. É, como dizem os ingleses, um ato de Deus. Sem se passarem as penas do amor, sem os compromissos do matrimônio, sem as dores da maternidade. E não se trata de um filho apenas suposto, como o filho adotado: o neto é realmente o sangue do seu sangue, filho de filho, mais filho que o filho mesmo...

Quarenta anos, quarenta e cinco... Você sente, obscuramente, nos seus ossos, que o tempo passou mais depressa do que esperava. Não lhe incomoda envelhecer, é claro. A velhice tem suas alegrias, as suas compensações - todos dizem isso, embora você, pessoalmente, ainda não as tenha descoberto - mas acredita.

Todavia, também obscuramente, também sentida nos seus ossos, às vezes lhe dá aquela nostalgia da mocidade. Não de amores nem de paixões: a doçura da meia-idade não lhe exige essas efervescências. A saudade é de alguma coisa que você tinha e lhe fugiu sutilmente junto com a mocidade. Bracinhos de criança no seu pescoço. Choro de criança. O tumulto da presença infantil ao seu redor. Meu Deus, para onde foram as suas crianças? Naqueles adultos cheios de problemas que hoje são os filhos, que têm sogro e sogra, cônjuge, emprego, apartamento a prestações, você não encontra de modo nenhum as suas crianças perdidas. São homens e mulheres - não são mais aqueles que você recorda.

E então, um belo dia, sem que lhe fosse imposta nenhuma das agonias da gestação ou do parto, o doutor lhe põe nos braços um menino. Completamente grátis - nisso é que está a maravilha. Sem dores, sem choros, aquela criancinha da sua raça, da qual você morria de saudades, símbolo ou penhor da mocidade perdida. Pois aquela criancinha, longe de ser um estranho, é um menino seu que lhe é “devolvido”. E o espantoso é que todos lhe reconhecem o seu direito de o amar com extravagância; ao contrário, causaria escândalo e decepção se você não o acolhesse imediatamente com todo aquele amor recalcado que há anos se acumulava, desdenhado, no seu coração.

Sim, tenho certeza de que a vida nos dá os netos para nos compensar de todas as mutilações trazidas pela velhice. São amores novos, profundos e felizes, que vêm ocupar aquele lugar vazio, nostálgico, deixados pelos arroubos juvenis.

[...]E quando você vai embalar o menino e ele, tonto de sono, abre um olho, lhe reconhece, sorri e diz: “Vó!”, seu coração estala de felicidade, como pão ao forno.

[...]

Até as coisas negativas se viram em alegrias quando se intrometem entre avó e neto: o bibelô de estimação que se quebrou porque o menininho - involuntariamente! - bateu com a bola nele. Está quebrado e remendado, mas enriquecido com preciosas recordações: os cacos na mãozinha, os olhos arregalados, o beijo pronto para o choro; e depois o sorriso malandro e aliviado porque “ninguém” se zangou, o culpado foi a bola mesmo, não foi, Vó? Era um simples boneco que custou caro. Hoje é relíquia: não tem dinheiro que pague...

Elenco de cronistas modernos. 21ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005

Anexo 18 – Plano de aula – 04/09/2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
 PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
 CÂMPUS DE ARAGUAÍNA
 CURSO DE LETRAS
 ESTÁGIO SUPERVISIONADO: **LÍNGUA PORTUGUESA E
 LITERATURAS II**



Avenida Paraguai, s/nº, esquina com a Rua Uxiramas – Setor Cimba
 | 77824-838 | Araguaína/TO (63)3416-5601 | (63)3416-5602

RECURSOS/ MATERIAIS DE APOIO

- | | |
|------------------|------------------|
| *Texto impresso. | *Quadro branco. |
| *Pincel | *Livro didático. |
| *Xerox | |

METODOLOGIA

- **Aula 1:** Nesta aula, iremos apresentar aos alunos o gênero textual reportagem. Entregaremos aos alunos um documento (ANEXO 1) que contém uma breve apresentação do gênero em questão. Após discursão utilizaremos o livro didático para realizar a leitura de algumas reportagens.

AVALIAÇÃO

- Interpretação de texto, leitura e produção de textos escritos e orais.

REFERÊNCIAS

- CUNHA, Celso e LINDLEY, Cintra; **Nova gramática do português contemporâneo**, 3. Ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001.
- PIMENTEL, CASTRO; **Português Descomplicado**, 6º edição, São Paulo, Saraiva, 2009.
- SOUSA, C. A. e MARQUES, J. A. J.; **Minimanual de gramática: língua portuguesa**, 1º edição, Blumenau, Vale das Letras, 2012.
- FERREIRA, MAURO; **Aprender a praticar gramática**, editora renovada, São Paulo, FTD, 2007.

Anexo 19 – Texto sobre reportagem e notícia.



Você já notou que todas as atividades humanas estão relacionadas com a utilização da língua?

O tempo todo, estamos envolvidos em diversas situações em que a comunicação faz-se necessária, por isso, é natural que exista uma infinidade de gêneros textuais.

Os gêneros textuais estão a serviço das interações verbais, sejam elas orais ou escritas, e por esse motivo não podem ser considerados como estruturas textuais invariáveis. Embora dinâmicos e incontáveis, apresentam características que possibilitam sua sistematização, já que são enunciados que se assemelham temática, estilística e estruturalmente.

Entre os diversos gêneros, estão os *gêneros jornalísticos*, cuja função social é de grande relevância, haja vista a influência da mídia na contemporaneidade.

Os *gêneros jornalísticos* podem ser divididos em duas grandes categorias: *os gêneros que compõem o jornalismo opinativo e os gêneros que constituem o jornalismo informativo*. No jornalismo opinativo, as opiniões do autor do texto ficam explícitas; no jornalismo informativo, os textos têm como objetivo noticiar, ou seja, narrar acontecimentos.



O propósito comunicativo da reportagem é informar a respeito de um assunto, o que não significa que esse assunto esteja necessariamente relacionado com temas do momento.



A reportagem apresenta elementos como:

O levantamento de dados, entrevistas com testemunhas e/ou especialistas e uma análise detalhada dos fatos. Embora preze pela objetividade, característica importante dos gêneros jornalísticos, a reportagem invariavelmente apresenta um retrato do assunto a partir de um ângulo pessoal, por isso, ao contrário da notícia, ela é assinada pelo repórter.

A reportagem, assim como os outros textos jornalísticos, é composta por:

Um título, linha que resume o texto; uma linha fina ou subtítulo, parte que traz informações complementares ao título; o corpo de texto, em que o repórter vai poder desenvolver o tema e trazer novas informações e declarações/entrevistas; e intertítulos, palavras ou frases curtas que intercalam o texto, evitando que ele fique cansativo para o leitor.

Alguns textos jornalísticos podem adotar o lead, técnica que traz um “resumo” das informações principais do assunto do texto logo no primeiro parágrafo, mas isso não é uma regra quando se fala em reportagem.

Para fazer uma boa reportagem, o repórter deve-se valer de uma linguagem clara e objetiva, visto que a finalidade desse tipo texto é atingir e ser entendido por todos, sem exceções.



Anexo 20 – Texto do livro didático.

CAPÍTULO 2

PRECONCEITO INVISÍVEL!

"No Brasil não há preconceito", é o que ouvimos desde crianças. Será que não existe mesmo ou há preconceito disfarçado? Para quem sofre preconceito, qual dos dois é pior: o assumido ou o disfarçado?

TEXTO 1

Daniel Alves: É hipocrisia negar racismo e criticar #somostodosmacacos

Após ser alvo de atitude racista na partida de futebol entre o Barcelona e o Villarreal, no último domingo (27), o lateral da equipe catalã e da seleção brasileira Daniel Alves disse, em entrevista exclusiva à BBC Brasil, que é hipocrisia criticar a campanha #somostodosmacacos, iniciada nas redes sociais pelo atacante Neymar em defesa do colega de equipe.

Rapidamente, esportistas, jornalistas, apresentadores de TV, artistas famosos e pessoas desconhecidas de todo o mundo aderiram à campanha, publicando e compartilhando fotos com bananas em solidariedade ao jogador. O Futebol Clube Barcelona declarou que "Alves uniu o mundo do esporte contra o racismo".

Por outro lado, também choveram declarações de representantes de movimentos antirracistas e pessoas anônimas criticando a iniciativa. Para eles, dizer que "somos todos macacos" seria uma maneira de reforçar um estereótipo contra o qual os movimentos antirracistas travam uma batalha constante.

"É hipocrisia criticar uma campanha contra o racismo. Os críticos estão se apegando ao contexto (o episódio da banana), e não ao objetivo, que é conscientizar as pessoas de que somos todos humanos e somos todos iguais", disse Daniel Alves.

[...].

Reação em campo

Durante a partida de domingo, Alves bateria um escanteio quando um torcedor do Villarreal atirou uma banana ao campo do estádio El Madrigal. De maneira inusitada, o brasileiro comeu a fruta e continuou a jogada.

Daniel Alves comeu a banana jogada por um torcedor do Villarreal durante partida no domingo.

"Foi tão natural e intuitivo, que só depois pensei na preocupação dos meus pais, porque eu nem pensei se tinha alguma coisa na banana", explicou.



© Foto Gentsch/Alamy/Corbis/Alamy/Alamy

Após a partida, o colega de time e de seleção Neymar ironizou o episódio publicando uma foto dele com o filho e uma banana, que imediatamente mobilizou as redes sociais.

As manifestações de apoio surpreenderam Alves. "Não esperava que as pessoas se envolvessem tanto com esse assunto. Em outras ocasiões em que havia denunciado o racismo, isso não aconteceu. Estava até pessimista com esse aspecto", comentou ele, que se disse alegre porque o racismo no futebol está em pleno debate.

Espanha racista?

Nesta terça-feira (29), as declarações que o jogador fez à imprensa brasileira de que há racismo na Espanha foram contestadas pelo técnico da seleção espanhola, Vicente del Bosque, e pelo presidente do Villarreal, Fernando Ruig.

Em diferentes coletivas de imprensa sobre outros assuntos, eles responderam a Alves afirmando que não há racismo na Espanha e que se tratava de casos isolados.

"Eu não quis generalizar. Não quis dizer que a Espanha seja racista. Mas sim que há racismo na Espanha, porque eu sofro isso em campos (de futebol) diferentes. Não foi um caso isolado", replicou Alves.

Ele disse que há quase seis anos tem denunciado casos de racismo no futebol. "Não sou vítima, nem estou abatido. Isso só me fortalece e vou continuar denunciando atitudes racistas", avisou.

[...]

(Liana Aguiar. De Barcelona para a BBC Brasil, 30/4/2014. Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/04/140430_entrevista_daniel_alves_la_an.shtml. Acesso em: 16/6/2014.)

TEXTO 2

Um casal inter-racial ainda passa por constrangimentos em 2014?

Sim. Inacreditavelmente. E o melhor exemplo é estar aqui falando sobre isso, não é? Eu e o Julio estamos juntos há 20 anos. No início do namoro, entrar em um bar ou em um restaurante de mãos dadas era um acontecimento. Mas nós moramos quase cinco anos em Paris e de lá trazemos uma outra visão, muito mais misturada. E a certeza de que nós ainda temos, aqui, um longo caminho até a igualdade.

Há, claro, uma questão de classe que, no Brasil, está muito ligada à cor da pele. Preto é pobre. Ainda espanta as pessoas do nosso círculo cruzarem com o Julio nos mesmos locais, consumindo as mesmas coisas, falando de igual para igual.

Mas o principal aprendizado dessa história de amor "inter-racial" sobra para mim, o lado branco. Porque antes o racismo era invisível e eu, como a grande maioria da população brasileira, negava sua existência. A gente aprende que a pousada na praia tem quarto vago se sou eu quem pergunta; se ele vai na frente, está lotada. Que o restaurante da moda está cheio de mesas "reservadas" quando o Julio pergunta.



Alamy/Clow Images

mas que o gerente "quebra o galho" quando me vê chegar. Que o corretor de imóveis não acredita que queiramos ver o apartamento caro em um bairro bom de São Paulo, mas muda de ideia quando finalmente conhece a esposa loira do interessado. Que a primeira pergunta que me fazem sobre o Julio, sempre, é se é músico ou jogador. Fora a piadinha recorrente: se você é casada com um negro, é porque "gosta de negão". Nunca ouvi alguém fazer um comentário parecido se o marido é loiro. Também aprendemos que, em São Paulo, se eu saio sozinha à noite, o Julio fica preocupado com assaltos. Mas, se é ele que sai sozinho dirigindo nosso carro, eu fico preocupada com a polícia — preto dirigindo carro bom, se não é famoso, deve ser ladrão.

Izabela Moi, 43 anos, jornalista, casada com Julio Pinheiro, 42, digital expert de uma multinacional
(Revista *Trip*, nº 231.)

Anexo 21 – Plano de Aula

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CÂMPUS DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LETRAS

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

II

Avenida Paraquai, s/nº, esquina com a Rua Uxiramas – Setor Cimba



PLANO DE AULA

Estagiário: João Victor Ferreira dos Santos Silva. **Nº de Matrícula:** 2016110655 **IES:** UFT
Ano/Período: 2018.2 **Cursos:** Letras/Português

Nível de Ensino: Ensino Fundamental II.

Ano/Bimestre: 8º ano/ 3º bimestre de 2018.

Componente Curricular: Língua Portuguesa.

Tema: Gênero Textual: Reportagem

Duração da aula: 2 aulas (50 minutos) **Data:** 05/09/2018

Modalidade de ensino: Educação Presencial.

OBJETIVOS

- Compreender a diferença entre o gênero reportagem e os demais.
- Analisar elementos presente nesse gênero.
- Leitura e interpretação de reportagens.
- Resolução de atividades do livro didático.
- Identificar em reportagens características marcantes.

PRÉ-REQUISITOS DOS ALUNOS

- Saber interpretar texto.
- Ser alfabetizado.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CÂMPUS DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LETRAS
ESTÁGIO SUPERVISIONADO: **LÍNGUA PORTUGUESA E
LITERATURAS II**



Avenida Paraguai, s/nº, esquina com a Rua Uxiramas – Setor Cimba
| 77824-838 | Araguaína/TO (63)3416-5601 | (63)3416-5602

RECURSOS/ MATERIAIS DE APOIO

- | | |
|------------------|------------------|
| *Texto impresso. | *Quadro branco. |
| *Pincel | *Livro didático. |
| *Xerox | |

METODOLOGIA

- **Aula 1 e 2:** Nesta aula, os alunos irão copiar a atividade, proposta no livro (pág. 127 e 128), no caderno e resolver. A atividade é voltada a interpretação de duas reportagem de gênero diferente. Um retrata uma notícia já o outro apresenta uma opinião da escritora. Faremos levantamento dos dois textos em sala de aula e começaremos a corrigir a atividade juntamente com os alunos, buscando formular a resposta em conjunto.

AVALIAÇÃO

- Interpretação de texto, leitura e produção de textos escritos e orais.

REFERÊNCIAS

- CUNHA, Celso e LINDLEY, Cintra; **Nova gramática do português contemporâneo**, 3. Ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001.
- PIMENTEL, CASTRO; **Português Descomplicado**, 6º edição, São Paulo, Saraiva, 2009.
- SOUSA, C. A. e MARQUES, J. A. J.; **Minimanual de gramática: língua portuguesa**, 1º edição, Blumenau, Vale das Letras, 2012.
- FERREIRA, MAURO; **Aprender a praticar gramática**, editora renovada, São Paulo, FTD, 2007.

Anexo 22 – Atividade do livro didático.

Estudo dos textos**COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO**

1. O texto 1 é uma reportagem produzida pela rede inglesa BBC sobre um episódio ocorrido com o jogador brasileiro Daniel Alves em um jogo de um campeonato europeu de futebol. Qual é esse episódio?
2. Segundo o texto, qual foi o aspecto positivo da repercussão desse episódio?
3. O que representantes de movimentos antirracistas consideram como aspecto negativo da campanha #somostodosmacacos?
4. Que opinião Daniel Alves tem sobre as diferentes reações à campanha?
5. O texto 1 mostra opiniões diferentes a respeito da existência de racismo na Espanha.
 - a) Qual é a opinião do técnico da seleção da Espanha, Vicente del Bosque, e do presidente do Villarreal, Fernando Ruig, sobre a existência de racismo no país?
 - b) Daniel Alves concorda com a opinião de Vicente del Bosque e de Fernando Ruig?
6. No texto 1, é feita alguma referência a racismo no Brasil?
7. No texto 2, há um depoimento da jornalista Izabela Moi sobre racismo no Brasil.
 - a) Além de falar sobre racismo no Brasil, Izabela contrapõe sua experiência no país com a que teve no exterior. Que observação ela faz com base na comparação entre as duas situações?
 - b) Segundo Izabela, há no Brasil um fator social que impulsiona o racismo. Qual é ele?
 - c) Que opinião sobre racismo no Brasil a jornalista tinha antes de se relacionar com um negro?



8. Em seu depoimento, Izabela comenta diferenças no tratamento recebido por ela e pelo marido em várias situações.
- Como poderiam ser resumidas essas diferenças?
 - Segundo a jornalista, a que se deve essa diferença de tratamento?
9. Compare os dois textos. Além do tema em comum — o racismo —, eles apresentam outra semelhança.
- Quanto à atuação das pessoas destacadas neles, qual é essa semelhança?
 - O comportamento mais comum de quem vive situações de preconceito é semelhante ao das pessoas que os dois textos destacam?

Anexo 23 – Plano de Aula (aula 13 e 14)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
 PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
 CÂMPUS DE ARAGUAÍNA
 CURSO DE LETRAS
 ESTÁGIO SUPERVISIONADO: LÍNGUA PORTUGUESA E
 LITERATURAS II



Avenida Paraguai, s/nº, esquina com a Rua Uxiramas – Setor Cimba
 | 77824-838 | Araguaína/TO (63)3416-5601 | (63)3416-5602

PLANO DE AULA

Estagiário: João Victor Ferreira dos Santos Silva. **Nº de Matrícula:** 2016110655 **IES:** UFT
Ano/Período: 2018.2 **Cursos:** Letras/Português

Nível de Ensino: Ensino Fundamental II.

Ano/Bimestre: 8º ano/ 3º bimestre de 2018.

Componente Curricular: Língua Portuguesa.

Tema: Gênero Textual: Reportagem e notícia.

Duração da aula: 2 aulas (50 minutos) **Data:** 10/09/2018

Modalidade de ensino: Educação Presencial.

OBJETIVOS

- Compreender a diferença entre o gênero reportagem e notícia.
- Analisar elementos presente nesses gêneros.
- Leitura e interpretação de reportagens e notícia.
- Resolução de atividades.

PRÉ-REQUISITOS DOS ALUNOS

- Saber interpretar texto.
- Ser alfabetizado.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CÂMPUS DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LETRAS
ESTÁGIO SUPERVISIONADO: LÍNGUA PORTUGUESA E
LITERATURAS II

Avenida Paraguai, s/nº, esquina com a Rua Uxiramas – Setor Cimba
| 77824-838 | Araguaína/TO (63)3416-5601 | (63)3416-5602
| ww2.uft.edu.br/araguaina | letrasrag@uft.edu.br



RECURSOS/ MATERIAIS DE APOIO

*Texto impresso.	*Quadro branco.
*Pincel	. *Xerox

METODOLOGIA

- **Aula 1 e 2:** Nesta aula, os alunos irão responder duas atividades, a primeira é relacionada a uma reportagem e a segunda é sobre notícia. Por meio das atividades podemos identificar as dificuldade dos alunos.

AVALIAÇÃO

- Interpretação de texto, leitura e produção de textos escritos e orais.

REFERÊNCIAS

- CUNHA, Celso e LINDLEY, Cintra; **Nova gramática do português contemporâneo**, 3. Ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001.
- PIMENTEL, CASTRO; **Português Descomplicado**, 6º edição, São Paulo, Saraiva, 2009.
- SOUSA, C. A. e MARQUES, J. A. J.; **Minimanual de gramática: língua portuguesa**, 1º edição, Blumenau, Vale das Letras, 2012.
- FERREIRA, MAURO; **Aprender a praticar gramática**, editora renovada, São Paulo, FTD, 2007.

Anexo 24 – Atividade I: Reportagem

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CÂMPUS DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LETRAS
ESTÁGIO SUPERVISIONADO: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS III

Avenida Paraguai, s/nº, esquina com a Rua Uxiramas – Setor Cimba
| 77824-838 | Araguaína/TO (63)3416-5601 | (63)3416-5602
| ww2.uft.edu.br/araguaína | letrasarag@uft.edu.br



Colégio Estadual

Araguaína; ____ de setembro de 2018.

Professora:

Estagiário: João Victor Ferreira dos Santos Silva.

Disciplina: Língua Portuguesa.

Turma: 8º Ano “B”- 82.02

Aluno(a): _____

MARINHEIROS TENTAM ACABAR COM TERCEIRA MANCHA DE ÓLEO

Os marinheiros espanhóis tentavam ontem evitar a chegada de uma terceira mancha de óleo à costa da Galícia, no noroeste do país, causada por um vazamento do petroleiro Prestige.

“Os navios grandes não podem recolher essas manchas pequenas e estamos tentando contratar armadores e tripulantes da área com a assistência de uma empresa especialista na luta anticontaminação”, explicou o vice-presidente do governo espanhol, Mariano Rajoy. “Temos certamente dificuldades porque não é uma operação tecnicamente fácil”, disse Rajoy, referindo-se à contratação de marinheiros e pescadores locais e ao fato de que as manchas estão muito fragmentadas e diluídas, dispersadas ao longo de nove quilômetros.

Os marinheiros galegos, em alerta permanente, saíram mais uma vez ontem com seus barcos para a região de Rias Bajas (sudeste da Galícia) e das Ilhas Cíes, Sálvora e Ons, para recolher manchas de óleo dispersas.

O Prestige se partiu em dois e afundou no dia 19 de novembro com mais de 60 mil toneladas de óleo em seus tanques. A 3,6 mil metros de profundidade, ele perde 125 toneladas diárias de combustível por 14 rachaduras que tem em seu casco. Segundo uma comissão científica criada pelo governo espanhol, a situação pode se prolongar até 2006.

Desde 13 de novembro, o Prestige derramou mais de 20 toneladas de óleo no oceano Atlântico, as quais atingiram o litoral da Galícia e em menor parte as costas das regiões de Astúrias, Cantabria e País Basco. A limpeza das praias custará mais de 33 milhões, segundo o ministro espanhol do meio ambiente, Jaime Matas. (AF)

(Tribuna Imprensa, 13/12/2002.)

1.(1,0 pt) Qual é o tema (assunto) da manchete acima?

2 . (1,0 pt) Qual seu público-alvo?

3.(1,0 pt) Por que motivo a situação descrita no texto pode se prolongar?

4. (1,0 pt) Quem causou o vazamento de óleo?

5. (1,0 pt) Na frase “os navios grandes não podem recolher essas manchas...” o uso das aspas dão ideia de que?

- a) Crítica a uma opinião.
- b) Reprodução de uma fala.
- c) Introdução de um diálogo.
- d) Existência de citação.

6.(1,0 pt) Quais são as principais características de uma manchete, ou seja, o que é preciso para que uma notícia vire manchete de um jornal?

Anexo 25 – Atividade II: Notícia

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
 PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
 CÂMPUS DE ARAGUAÍNA
 CURSO DE LETRAS
 ESTÁGIO SUPERVISIONADO: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS III

Avenida Paraguai, s/nº, esquina com a Rua Uxiramas – Setor Cimba
 | 77824-838 | Araguaína/TO (63)3416-5601 | (63)3416-5602
 | ww2.uft.edu.br/araguaina | letrasarag@uft.edu.br



Agora, leia a notícia abaixo para responder as questões 7 e 8:

Apesar de proibição, chips de celular são vendidos em revendas e bancas

Lojas da TIM cumprem decisão da Anatel e suspendem venda de chips em BH

A venda de chips de celular da TIM, da Oi e da Claro está suspensa a partir desta segunda-feira (23) em diversos estados, mas repórteres do G1 constataram que revendas, camelôs e homens-placa continuam a oferecer os produtos proibidos na rua.

A suspensão foi determinada na quarta passada, dia 18, pela Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), em razão das reclamações registradas entre janeiro de 2011 e junho deste ano. A TIM foi proibida de vender chips em 19 estados, a Oi, em cinco, e a Claro, em três.

Na manhã desta segunda, com o início da proibição, repórteres do G1 foram às ruas em 12 estados e verificaram casos como o do Espírito Santo, onde foi possível comprar um chip em uma revenda da TIM, e do Sergipe, onde vendedor ambulante vendia novas linhas pré-pagas da Claro por R\$ 10.

(Do G1, em São Paulo, 23/07/2012.)

7.(1,0 pt) Quanto à estrutura da notícia, relacione as colunas:

- | | |
|------------------------------------|---|
| () O título auxiliar | 1. Nela, há um detalhamento maior dos fatos, de modo a destacar os detalhes mais importantes, fundamentais à compreensão do interlocutor. |
| () O lide ou lead | 2. Nesta parte precisamos encontrar todas as informações necessárias para responder às seguintes perguntas: Onde aconteceu o fato? Com quem? O que aconteceu? Quando? Como? Por quê? Qual foi o assunto? |
| () A manchete ou título principal | 3. Sua função é complementar o título principal, acrescentando-lhe apenas algumas informações a mais. |
| () Corpo da notícia | 4. Costuma ser composto de frases pequenas e atrativas, e revela o assunto principal que será retratado em seguida. |

8.(1,5 pt) Sabendo que o lide (lead) responde as perguntas, O QUÊ? (o que aconteceu, está ou vai acontecer); **QUEM?** (os agentes da ação); **QUANDO?** (dia da semana e do mês, horas), **ONDE?** (o local do acontecimento), **COMO?** (as circunstâncias), **POR QUÊ?** (os motivos e as razões), **responda as seguintes perguntas quanto à notícia acima:**

a) O que aconteceu?

b) Com quem?

c) Quando?

d) Onde?

Anexo 26 – Plano de Aula

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CÂMPUS DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LETRAS

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

II

Avenida Paraquai, s/nº. esquina com a Rua Uxiramas – Setor Cimba



PLANO DE AULA

Estagiário: João Victor Ferreira dos Santos Silva. **Nº de Matrícula:** 2016110655 **IES:** UFT
Ano/Período: 2018.2 **Cursos:** Letras/Português

Nível de Ensino: Ensino Fundamental II.

Ano/Bimestre: 8º ano/ 3º bimestre de 2018.

Componente Curricular: Língua Portuguesa.

Tema: Gênero Textual: Reportagem e notícia.

Duração da aula: 1 aulas (50 minutos) **Data:** 11/09/2018

Modalidade de ensino: Educação Presencial.

OBJETIVOS

- Compreender a diferença entre o gênero reportagem e notícia.
- Analisar elementos presente nesses gêneros.
- Leitura e interpretação de reportagens e notícia.
- Resolução de atividades.

PRÉ-REQUISITOS DOS ALUNOS

- Saber interpretar texto.
- Ser alfabetizado.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
 PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
 CÂMPUS DE ARAGUAÍNA
 CURSO DE LETRAS
 ESTÁGIO SUPERVISIONADO: LÍNGUA PORTUGUESA E
 LITERATURAS II



Avenida Paraguai, s/nº, esquina com a Rua Uxiramas – Setor Cimba
 | 77824-838 | Araguaína/TO (63)3416-5601 | (63)3416-5602

RECURSOS/ MATERIAIS DE APOIO

- | | |
|------------------|-----------------|
| *Texto impresso. | *Quadro branco. |
| *Pincel | *Xerox |

METODOLOGIA

- **Aula 1 e 2:** Nesta aula, faremos a devolutiva da atividade. Corrigiremos juntamente com os alunos, assim construindo as respostas juntos.

AVALIAÇÃO

- Interpretação de texto, leitura e produção de textos escritos e orais.

REFERÊNCIAS

- CUNHA, Celso e LINDLEY, Cintra; **Nova gramática do português contemporâneo**, 3. Ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001.
- PIMENTEL, CASTRO; **Português Descomplicado**, 6º edição, São Paulo, Saraiva, 2009.
- SOUSA, C. A. e MARQUES, J. A. J.; **Minimanual de gramática: língua portuguesa**, 1º edição, Blumenau, Vale das Letras, 2012.
- FERREIRA, MAURO; **Aprender a praticar gramática**, editora renovada, São Paulo, FTD, 2007.

Anexo 27 – Plano de Aula

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
 PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
 CÂMPUS DE ARAGUAÍNA
 CURSO DE LETRAS
 ESTÁGIO SUPERVISIONADO: **LÍNGUA PORTUGUESA E
 LITERATURAS II**



Avenida Paraguai, s/nº, esquina com a Rua Uxiramás – Setor Cimba
 | 77824-838 | Araguaína/TO (63)3416-5601 | (63)3416-5602

PLANO DE AULA

Estagiário: João Victor Ferreira dos Santos Silva. **Nº de Matrícula:** 2016110655 **IES:**
 UFT

Ano/Período: 2018.2 **Cursos:** Letras/Português

Nível de Ensino: Ensino Fundamental II.

Ano/Bimestre: 8º ano/ 3º bimestre de 2018.

Componente Curricular: Língua Portuguesa.

Tema: Aposto e Vocativo: reflexão e construção de sentido.

Duração da aula: 2 aulas (50 minutos) **Data:** 14/09/2018

Modalidade de ensino: Educação Presencial.

OBJETIVOS

- Compreender os elementos que constitui o “vocativo” e “aposto”.
- Identificar o vocativo presente no exercício.
- Interpretação de textos.

PRÉ-REQUISITOS DOS ALUNOS

- Os alunos devem ter conhecimento sobre “vocativo” e “aposto”, presentes na oração.
- Saber interpretar texto.
- Ser alfabetizado.

RECURSOS/ MATERIAIS DE APOIO

- Texto impresso.
- Quadro branco.
- Pincel
- Livro didático

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
PRÓ-REITORIA DE **GRADUAÇÃO**
CÂMPUS DE **ARAGUAÍNA**
CURSO DE **LETRAS**
ESTÁGIO SUPERVISIONADO: **LÍNGUA PORTUGUESA E**
LITERATURAS II

Avenida Paraguai, s/nº, esquina com a Rua Uxiramas – Setor Cimba
| 77824-838 | Araguaína/TO (63)3416-5601 | (63)3416-5602



METODOLOGIA

- **Aula 1:** Nesta aula, realizaremos aplicação de atividade de fixação, semelhante a prova que será aplicada na próxima semana. Também realizaremos a correção, o objetivo é fazer uma revisão para a prova.

AVALIAÇÃO

- Interpretação de texto, leitura e produção de textos escritos e orais.

REFERÊNCIAS

- CUNHA, Celso e LINDLEY, Cintra; **Nova gramática do português contemporâneo**, 3. Ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001.
- PIMENTEL, CASTRO; **Português Descomplicado**, 6º edição, São Paulo, Saraiva, 2009.
- SOUSA, C. A. e MARQUES, J. A. J.; **Minimanual de gramática: língua portuguesa**, 1º edição, Blumenau, Vale das Letras, 2012.
- FERREIRA, MAURO; **Aprender a praticar gramática**, editora renovada, São Paulo, FTD, 2007.

Anexo 28 – Atividade de fixação.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CÂMPUS DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LETRAS
ESTÁGIO SUPERVISIONADO: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS III

Avenida Paraguai, s/nº, esquina com a Rua Uxiramas – Setor Cimba
| 77824-838 | Araguaína/TO (63)3416-5601 | (63)3416-5602
| ww2.uft.edu.br/araguaina | letrasarag@uft.edu.br



Colégio Estadual

Araguaína; ____ de setembro de 2018.

Professora:

Estagiário: João Victor Ferreira dos Santos Silva.

Disciplina: Língua Portuguesa.

Turma: 8º Ano “B”-

Aluno(a): _____

Aposto é um termo que se junta a outro de valor substantivo ou pronominal para explicá-lo ou especificá-lo melhor. Vem separado dos demais termos da oração por vírgula, dois-pontos ou travessão.

Por Exemplo:

Ontem, **segunda-feira**, passei o dia com dor de cabeça.

Vocativo é o termo que serve para chamar, invocar ou interpelar um ouvinte real ou hipotético. Por seu caráter, geralmente se relaciona à segunda pessoa do discurso. Veja os exemplos:

Não fale tão alto, **Rita!**

Vocativo

01) Os termos em destaque nas orações abaixo são, respectivamente:

- Goiânia, **capital de Goiás**, é uma cidade linda.
- **Crianças**, venham almoçar!

- a) () vocativo; vocativo. b) () aposto; aposto.
c) () vocativo; aposto. d) () aposto; vocativo

02) A propósito do trecho que segue, aponte a classificação correta referente ao termo em destaque:

“**Minha bela Marília**, tudo passa,
A sorte deste mundo é mal segura
Se vem depois dos males a ventura
Vem depois dos prazeres a desgraça”.

- **Tomás Antônio Gonzaga.**

- a - () vocativo b - () sujeito
c - () aposto d - () Nenhuma das alternativas.

03) Leia a tirinha abaixo.



A) Qual o motivo do personagem do primeiro quadrinho não querer jogar com o outro garoto?

B) Há presença de Vocativo e/ou aposto? Se há identifique e escreva abaixo.

4) Identifique vocativo e aposto nas frases abaixo.

- a) Raab, aluna do 8º ano, escreveu um belíssimo texto. _____
- b) Werbeson, sua mãe está lhe chamando!!! _____
- c) Você tem que fazer o exercício, Victor Gabriel. _____
- d) Mariano, os alunos do 8º ano são os melhores do colégio. _____
- e) Amanhã tem vaquejada, Hugo. _____
- f) Alana, amanhã você irá para a escola. _____
- g) Jacielle, professora de língua portuguesa, viajou para Paris. _____
- h) Jessica, amanhã é meu aniversário. _____
- i) Matheus, alunos do 82.02, conversa muito com Victor Guilherme. _____

**OBS: Estudem por meio das atividades que foram trabalhadas em sala de aula, a prova será baseada nas atividades do livro didático e atividades complementares.
Bom estudo!!!!**

Anexo 29 – Plano de Aula

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
 PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
 CÂMPUS DE ARAGUAÍNA
 CURSO DE LETRAS
 ESTÁGIO SUPERVISIONADO: **LÍNGUA PORTUGUESA E
 LITERATURAS II**

Avenida Paraguai, s/nº, esquina com a Rua Uxiramas – Setor Cimba
 | 77824-838 | Araguaína/TO (63)3416-5601 | (63)3416-5602
 | www2.uft.edu.br/araguaina | letrasaraa@uft.edu.br

**PLANO DE AULA**

Estagiário: João Victor Ferreira dos Santos Silva. **Nº de Matrícula:** 2016110655 **IES:** UFT
Ano/Período: 2018.2 **Cursos:** Letras/Português

Nível de Ensino: Ensino Fundamental II.

Ano/Bimestre: 8º ano/ 3º bimestre de 2018.

Componente Curricular: Língua Portuguesa.

Tema: Gênero Textual: Reportagem

Duração da aula: 3 aulas (50 minutos) **Data:** 14/09/2018 e 17/09/2018

Modalidade de ensino: Educação Presencial.

OBJETIVOS

- Compreender a diferença entre o gênero reportagem e notícia.
- Analisar elementos presente nesse gênero.
- Leitura e interpretação de reportagens.
- Produzir uma reportagem.

PRÉ-REQUISITOS DOS ALUNOS

- Saber interpretar texto.
- Ser alfabetizado.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CÂMPUS DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LETRAS

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS



Avenida Paraquai, s/nº. esquina com a Rua Uxiramas – Setor Cimba

RECURSOS/ MATERIAIS DE APOIO

- | | |
|------------------|------------------|
| *Texto impresso. | *Quadro branco. |
| *Pincel | *Livro didático. |
| *Xerox | |

METODOLOGIA

- **Aula 1:** Nesta aula, iremos entregar um texto que aborda de forma clara e objetiva a diferença entre os gêneros textuais estudados. O objetivo é preparar os alunos para a prova futura. Discutiremos em aula esse texto.
- **Aula 2 e 3:** Nestas aulas, iremos propor a produção de reportagem, as produções serão em duplas, os alunos poderão pedir auxílio ao professor em formação inicial.

AVALIAÇÃO

- Interpretação de texto, leitura e produção de textos escritos e orais.

REFERÊNCIAS

- CUNHA, Celso e LINDLEY, Cintra; **Nova gramática do português contemporâneo**, 3. Ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001.
- PIMENTEL, CASTRO; **Português Descomplicado**, 6º edição, São Paulo, Saraiva, 2009.
- SOUSA, C. A. e MARQUES, J. A. J.; **Minimanual de gramática: língua portuguesa**, 1º edição, Blumenau, Vale das Letras, 2012.
- FERREIRA, MAURO; **Aprender a praticar gramática**, editora renovada, São Paulo, FTD, 2007.

Anexo 31 – Entrevista com alunos do ensino fundamental II

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CÂMPUS DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LETRAS

Avenida Paraguai, s/nº, esquina com a Rua Uxiramas – Setor Cimba
| 77824-838 | Araguaína/TO (63)3416-5601 | (63)3416-5602
| ww2.uft.edu.br/araguaina | letrasarag@uft.edu.br



INSTRUMENTAL IV - ENTREVISTA COM ALUNO ENSINO FUNDAMENTAL II

Caro(a) aluno(a),

Contamos com a sua colaboração no sentido de responder às questões abaixo, pois suas respostas contribuirão de forma significativa para a nossa formação como futuros professores de Língua Portuguesa.

Não há necessidade de Identificação!

1. Como você classifica seu professor (Estagiário)?

- () Exigente () Inseguro () Seguro () Nervoso e agitado
() outros () Alegre () Calmo () Explica de forma clara e objetiva.

Comente:

2. Como você avalia a participação do estagiário? Comente.

- () Positiva () Negativa

3. Faça um comentário/sugestão relacionado ao estagiário.

4. Qual a sua motivação para frequentar a escola?

- () Vontade própria, pensando em seu futuro.

- () A pedido dos pais/responsáveis.

- () Nunca pensei o caso.

- () Outros (Comente)

Anexo 32 – Entrevista com alunos do ensino fundamental III

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CÂMPUS DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LETRAS

Avenida Paraguai, s/nº, esquina com a Rua Uxiramas – Setor Cimba
| 77824-838 | Araguaína/TO (63)3416-5601 | (63)3416-5602
| ww2.uft.edu.br/araguaina | letrasarag@uft.edu.br



INSTRUMENTAL - ENTREVISTA COM ALUNO ENSINO FUNDAMENTAL II

Caro(a) aluno(a),

Contamos com a sua colaboração no sentido de responder às questões abaixo, pois suas respostas contribuirão de forma significativa para a nossa formação como futuros professores de Língua Portuguesa.

Não há necessidade de Identificação!

1. Como você classifica seu professor (Estagiário)?

- Exigente Inseguro Seguro Nervoso e agitado
 outros Alegre Calmo Explica de forma clara e objetiva.

Comente:

*Não tenho nada a declarar sobre os outros
alternativos, ele é bom, explica bem, atencioso.*

2. Como você avalia a participação do estagiário? Comente.

- Positiva Negativa

*Ele participa bastante, leva os alunos para responder
no quadro e isso o torna um estagiário
bem melhor.*

3. Você acha que houve diferença entre o estágio anterior e o atual, quanto a atuação do estagiário? (Você pode falar se o estagiário melhorou/manteve/piorou suas práticas de ensino.)

*Na minha opinião ele manteve sua forma de
explicar o conteúdo, mas isso não afetou
em nada.*

4. Faça um comentário sobre o estagiário. (Podendo ser de cunho pessoal ou relacionado a suas aulas).

*So acho que ele deveria mudar um pouco
as perguntas na hora que ele for explicar a prova,
mas ricordo isso não tenho mais nada.*

5. Faça um comentário sobre uma aula ministrada pelo estagiário. (Podendo ser uma aula que você considerou como "ruim" ou "boa").

*Eu achei a aula que ele passou onde
ele nos mostrou as condições dos trabalhadores
de fazenda, isso ficou bastante bom, essa
aula foi a melhor.*

Anexo 33 – Termo de realização do ESC II

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO E REGULAÇÃO DA
GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE ESTÁGIOS



Avenida NS 15, Quadra 109 Norte | Plano Diretor Norte
Sala 104, Bloco IV, Câmpus de Palmas | 77001-090 | Palmas/TO
(63) 3232-8117 | www.uft.edu.br/estagios | coordestagios@uft.edu.br

TERMO DE REALIZAÇÃO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO

Nome do Estagiário: João Victor Ferreira dos Santos Silva.
Matricula: 2016110655

Declaro, para fins de comprovação junto a Universidade Federal do Tocantins, que o aluno acima indicado realizou seu Estágio Curricular no estabelecimento a seguir identificado, sob minha responsabilidade, tendo realizado as tarefas abaixo:

Unidade Concedente: Colégio Estadual

Endereço:

Telefone:

Tarefas realizadas pelo estagiário:

*Observação de aula de Língua Portuguesa, observação de espaço físico da instituição, leitura de documentos oficiais (PPP).

*Aplicação de entrevistas.

*Regência de vinte aulas de Língua Portuguesa na turma do 8º ano.

Avaliação do desempenho:

O estagiário desenvolveu com assiduidade e compromisso seu estágio de regência. Percebe-se que estudou e preparou com dedicação suas aulas, buscando sempre usar textos de diferentes gêneros, para discutir com os alunos antes de trabalhar com a gramática. Vale ressaltar ainda que, houve respeito mútuo entre o estagiário e os alunos, bem como comigo (a professora regente).

O estagiário ainda, diante de uma situação adversa em sala de aula, soube exigir respeito e retomar o conteúdo sem gerar qualquer atrito. Provando dessa forma, que está preparado para o dia a dia de sala de aula. Diante do exposto avalio como Excelente a participação do estagiário João Victor Ferreira dos Santos Silva por seu compromisso, empenho, estudo e dedicação diante dessa experiência.

Período de estágio: 2018.1

Carga Horária: 25h

Anexo 34 – Transcrição
NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO DE TEXTOS ORAIS

(Normas adotadas pelo Projeto NURC/RS)

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	saímos com o e dizia assim olha vai custar tanto... (mas os daqui) não há problema...
Truncamento	/	sim ahn é... mas tem ge/ tem... cara que às vezes vai num restaurante é bacana né?
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	bom mas eu acho que ginástica em () deve solucionar esse problema né?
Entonação	maiúsculas	já que o ginásio vai TANta coisa boa...acho que não custa pôr uma banheira térmica ali
Alongamento de vogal e consoante (como s, r)	Poden::do muito sua::ve	acho bacana à beça a pantalona viu? né? calça com a boca bem larga... bem cintura::da entende?
Silabação	-	CAMpos... espetaculares não tinha deserto... mas uma COIsa assim fan-TÁs-ti-ca um negócio
Interrogação	?	e quanto a frutas verduras assim o que vocês preferem?
Qualquer pausa	...	leva todo o período de aula... só... subindo e descendo escada
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))	aqui vai melhor assim... bom... eu te digo o seguinte... ((pigarro)) tu acharias que:: todas as nossas aulas...
Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático	- -	também a comida vinha:: - era muita gente, né? muitos atletas - e a comida vinha de São Paulo
Superposição simultânea de vozes	[Ligando linhas	é difícil de explicar assim [porque tu queres ver uma coisa
Citações literais ou leitura de textos durante a gravação	“ ”	um cara... me atacou... “que que eu faço pra tirar a barriga?” eu digo pára de tomar chope...

OBSERVAÇÕES

1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (UPF, UFRGS, etc.)
2. Fáticos: ah, éh, eh, ahn, ehn, uhn, tá.
3. Números: por extenso

4. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa)
5. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh::... (alongamento e pausa)
6. Não se utilizam sinais de pausa típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa.

Aula ocorrida no dia 09/05/2018, no 2º horário.

Estagiário: agora vamos entrar em um novo assunto... o novo assunto é sobre tipos de predicados... lá vocês estudaram antes de estudarem os verbos... vocês estudaram sujeito também...

Alunos: SIM...

Estagiário: lá quando vocês estudaram... tenho certeza que a professora comentou os termos essenciais da oração... que toda oração tem que ter... vocês lembram?

Aluno: não...

Lucas: sim

Estagiário: o Lucas que falou que sim...

Lucas: sei não...

Estagiário: alguém sabe quais os termos essenciais da oração?

Aluno: predicação... artigo...

Estagiário: não...

Aluna: o que é?

Estagiário: os termos essenciais da oração...

Aluna: sujeito...

Estagiário: sujeito...

Alunos: “predicado” “verbo” “substantivo”

Estagiário: já falaram são dois... uma falou uma coisa e a outra pessoa falou outra...

Aluna: sujeito e predicado?

Estagiário: é... sujeito e predicado... vocês lembram o que é predicado?

Alunos: SIM

Estagiário: quem falou sim?

Aluna: é o resto da frase...

Estagiário: hum:::

((alunos começaram a conversar mais alto))

Estagiário: as duas meninas comentaram que o termo essencial é sujeito e predicado... o que seria o sujeito? O que é sujeito?

Aluna: o que pratica...

Aluno: ele sofre ou pratica a ação... pratica ou sofre...

Estagiário: então vocês acham que sujeito é aquele que pratica e sofre a ação?

((alguns alunos concordaram... outros não))

Estagiário: pratica ou sofre que vocês falaram né? então toda frase o sujeito vai pratica e sofre ação?

Aluna: não...

Estagiário: tem oração sem sujeito também... Pessoal... essa definição não é tão boa assim porquê as vezes não tem sujeito para praticar e sofrer ação...

((alguém entra na sala)) ((o estagiário recorre ao quadro))

Aluno: é pra copiar?

Estagiário: seria bom vocês copiarem...

Professora regente: no livro de vocês não tem...

((os alunos conversam enquanto o estagiário escreve))

((um aluno pega a caneta do outro e a professora regente solicita que o aluno devolva))

Estagiário: GENTE... vamos falar um pouquinho mais baixo... é para escrever isso aqui oh...

((estagiário emiti som para que os alunos façam silêncio))

Estagiário: Lucas você tá copiando?

((aluno não responde))

((Lucas solicita permissão para beber água))

Estagiário: agora não... não terminou... tá com sede não... tá conversando demais...

Lucas: eu?

Estagiário: daqui a pouco deixo você ir... só terminar de explicar isso aqui... quando tu terminar de copiar aí tu me fala que eu deixo ir...

((alunos conversam alto))

Estagiário: GENTE tô vendo que muitas pessoas não copiaram ainda...

((passa alguns minutos e os alunos copiam e conversam))

Estagiário: todo mundo já terminou de copiar?

Aluna: já...

Estagiário: qual o nome dele lá...

Aluno: Carlos...

Estagiário: vamos começar... só terminar de explicar e você vai... os termos essenciais da oração... os termos essenciais... ou seja o sujeito mais o predicado... o sujeito é qual o restante da oração diz algo... quando há (sujeito)... vocês falaram que ele sofre ou pratica a ação... as vezes ocorre caso dele não sofrer e ocorre também como vocês disseram... oração sem sujeito... o predicado... é o termo que contém um verbo e alguma informação sobre o sujeito... deu para entender isso aqui?

Alunos: deu...

Estagiário: olhando para o exemplo aqui... olhando pro exemplo aqui... vocês sabem identificar qual é o sujeito? e qual o predicado? ((na frase há nome do aluno da turma))

Alunos: Mateus...

Aluno: o resto é predicado...

Estagiário: o resto é o quê?

Aluna: predicado...

Estagiário: parecia é o quê?

Aluna: verbo...

Estagiário: então aqui era para mostrar para vocês o predicado... o sujeito e predicado... só que vocês viram os tipos de sujeito... tem sujeito indeterminado... sujeito oculto... então tem vários tipos de sujeito... e também tem vários tipos de predicados... e agora nós vamos comentar sobre um deles que é o predicado nominal... eu copiar aqui no outro lado as características do predicado nominal e vocês copiam no caderno de vocês... e o Mateus se quiser ir beber água pode ir...

Aluno: ei professor... eu nunca te pedi nada... deixa eu ir lá depois...

((risos))

Aluno: precisa copiar não né?

Estagiário: precisa copiar...

((alunos conversam enquanto o estagiário copia no quadro))

Aluno: ei professor... pode usar celular na sala de aula?

Estagiário: o quê?

Aluno: pode usar celular na sala de aula?

Estagiário: pode não...

Aluno: professor... professor

Estagiário: oi...

Aluno: o que tá escrito ali...

Estagiário: aqui?... ao sujeito

Aluno: ao sujeito...

Estagiário: é...

Aluna: ao? Isso aí é um “o”

Estagiário: é...

Estagiário: já terminaram de copiar vocês?

Alunos: sim

Aluna: ê professor não apaga ainda não...

((alunos continuam conversando e copiando))

Estagiário: todo mundo já terminou de copiar?... perto do final eu vou olhar se tudo mundo já fez...

Aluno: pode olhar...

Estagiário: terminou Beatriz?

Beatriz: sim

Estagiário: terminou Daniel...

Daniel: não...

Estagiário: quando terminar me avisa...

Daniel: terminei...

Estagiário: tá bom.... TODO MUNDO JÁ TERMINOU?

((alguns afirmaram que sim e outros que não))

Estagiário: quem está faltando? ((solicita silêncio))

Estagiário: Vamos lá... Bora lá gente... o primeiro predicado que a gente vai ver é o predicado nominal...

Aluno: certo...

Estagiário: olha aí oh... o predicado que possui em sua estrutura... o verbo de ligação... e um predicado... é chamado de predicado nominal... pois seu núcleo é o nome... por isso se chama predicado nominal... o núcleo dele é o

nome... que se refere diretamente ao sujeito... então é predicado nominal... porquê seu núcleo é o nome... e esse nome está se referindo ao sujeito... e sempre tem um verbo de ligação...

Roger: verbo de ligação?

Estagiário: verbo de ligação é aquele que tá tipo conectando sujeito junto com alguma característica ou com algum comentário sobre ele... aqui eu botei dois tipos... e daqui a pouco vou escrever alguns tipos de verbo de ligação pra vocês saberem identificar mais ou menos... mas verbo de ligação é aquele que vai conectar o sujeito junto com seu predicado... ou seja... um comentário ou alguma característica dele... por exemplo aqui...essa comida está sem sabor... vocês sabem identificar qual o sujeito aqui nessa oração?

Alunos: SIM... comida...

Estagiário: só comida?

Pedro: sabor...

Luiza: essa comida...

Estagiário: o certo é essa comida... o sujeito aparece antes do verbo...

Luiza: então o verbo de ligação no caso é esse está...

Estagiário: é esse está... esse verbo está... é relacionado ao verbo ser... estar... então esse aqui a gente coloca como verbo de ligação ((estagiário escreve no quadro))...

Roger: o resto é predicado né?

Estagiário: hãhã?

Roger: o resto é predicado...

Estagiário: o resto é predicado... esse predicado... esse predicado está se referindo a quem?

Ana: ao sujeito né?

Estagiário: ao sujeito... então vocês colocam assim pre... di... cado do sujeito... coloca predicativo do sujeito... nesse segundo exemplo... Victor Gabriel está alegre...

Roger: sujeito é Victor Gabriel... está é verbo de ligação...

Estagiário: está é o verbo o quê?

Lucas: está é o verbo de ligação...

Estagiário: alegre é o quê?

Lucas: predicado...

Ana: predicativo do sujeito...

Estagiário: éh::... predicativo do sujeito... a gente chama ((estagiário emite som para os alunos fazerem silêncio))... a gente chama... PESSOAL... a gente chama predicativo do sujeito... porquê... por exemplo a palavra alegre... está relacionada diretamente ao sujeito... e aí... quando ele comenta ali que o núcleo é o nome... o núcleo de cada oração... por exemplo essa aqui... Victor Gabriel está alegre... o núcleo aqui é alegre... então o núcleo dessa frase é o nome... por isso a gente chama de predicativo nominal... deu para entender?

Alunos: “deu”... “sim”

Estagiário: então deu para entender que o predicativo nominal a gente vai ter um sujeito... um verbo de ligação... e um predicativo do sujeito... eu vou botar aqui nesse outro lado... alguns tipos de verbos de ligação...

((alunos conversam enquanto o estagiário copia no quadro))

((o estagiário solicita silêncio))

Estagiário: terminou Victor?

Victor: não

Estagiário: terminaram...

Aluna: não... ninguém terminou

Aluno: terminei professor...

Aluno: e essa folha professor?

Estagiário: só vamos ver ela sexta-feira

Aluno: só sexta-feira?

Estagiário: sim... não vai dar tempo de terminar hoje não...

Aluno: hoje tem redação?

Estagiário: próxima aula é só sexta-feira terceiro horário...

Aluno: só uma aula?

Estagiário: sexta-feira só uma aula... já terminaram de copiar?

Aluno: JÁ

Estagiário: TODO mundo já terminou?

((alguns alunos dizem que não))

((estagiário espera um tempo))

Estagiário: todo mundo já terminou?

Alunos: SIM

Estagiário: Victor... vamos analisar juntos essa oração... ((inaudível)) qual o sujeito aqui?

Victor: ((inaudível))

Estagiário: Victor qual o verbo de ligação?

Alunos: “é”

Estagiário: ligeiro é o quê?

Alunos: predicativo do sujeito...

Estagiário: qual nome dele?

Aluno: Arthur...

Estagiário: Arthur... qual o sujeito dessa oração aqui?

Arthur: nosso time...

Estagiário: e o verbo de ligação?

Aluno: oh professor... porquê nosso nome tá aí? No papel?

Estagiário: isso aqui é porquê... pra eu saber nome de vocês... eu esqueço...

Aluna: pra dar para a professora Izabel ((regente da turma))...

Estagiário: acabou?

Aluna: verbo de ligação...

Estagiário: Daniel... qual é o sujeito dessa oração?

Daniel: ((inaudível))

Estagiário: desconfiados é o quê?

Aluna: predicativo do sujeito...

Estagiário: qual o nome dele ali?

Aluno: esse aqui?

Estagiário: é...

Aluno: Suel

Estagiário: Suel...

Suel: oi

Estagiário: qual o sujeito dessa oração?

Suel: ele

Estagiário: e verbo de ligação?

Suel: ficou...

Estagiário: sensibilizado?

Suel: predicativo do sujeito...

Estagiário: qual o nome dela ali?

Alunos: “Mary”... “Mariane”

Estagiário: Mary... qual o sujeito dessa oração?

Aluno: notícia... Mary...

Estagiário: gente vamos deixar ela responder...

Mary: notícia

Estagiário: só notícia?

Aluna: a notícia

Aluna 2: deixa a menina...

Estagiário: verbo de ligação qual é?

Alunos: é...

Aluna: vocês são Mariane?

Mary: só tem eu na sala?

Estagiário: predicativo?

((sinal soa e a aula acaba))

Anexo 35 – Transcrição - Aula ocorrida no dia 05/09/2018, no 2º horário.

Estagiário: vamos corrigir...

Victor: não deu tempo...

Estagiário: já deu... passou uma aula já... todo mundo abre na página duzentos e vinte e cinco... eu vou reler o texto para a gente corrigir a atividade...

Morgana: qual a página professor?

Estagiário: duzentos e vinte e cinco...

Bruno: não tô com livro não

Estagiário: senta do lado de alguém...

Bruno: nam... vou dormir professor... tô com sono

Estagiário: eu vou ler e quero que todos prestem atenção... Aluna: Daniel Alves: é... BRUNO... é... hipocrisia... negar racismo e criticar #somostodosmacacos após ser alvo de atitude racista na partida de futebol entre o Barcelona e o Villarreal... no último domingo o lateral da equipe catalã e da seleção brasileira... Daniel Alves disse... em entrevista exclusiva à BBC Brasil que é hipocrisia criticar a campanha #somostodosmacacos... iniciada nas redes sociais pelo atacante Neymar em defesa ao colega de equipe... rapidamente... esportistas jornalistas... apresentadores de tv... artistas famosos e pessoas desconhecidas de todo o mundo aderiram à campanha... publicando e compartilhando fotos com bananas em solidariedade ao jogador... o futebol clube barcelona declarou que alves uniu o mundo do esporte contra o racismo... por outro lado também choveram declarações de representantes de movimentos antirracistas e pessoas anônimas criticando a iniciativa... para eles... dizer que somos todos macacos seria uma maneira de reforçar um estereótipo contra o qual os movimentos antirracistas travam uma batalha constante... é hipocrisia criticar abre aspas uma campanha contra o racismo... os críticos estão se apegando ao contexto... o episódio da banana... e não ao objetivo... que é conscientizar as pessoas de que somos todos humanos e somos todos iguais... disse Daniel Alves... racismo em campo... durante a partida de domingo... Alves bateria um escanteio quando um torcedor do Villarreal atirou uma banana ao campo do estádio El Madrigal... de maneira inusitada... o brasileiro comeu a fruta e continuou a jogada... Daniel... Daniel Alves comeu a banana... foi tão natural e intuitivo... que só depois pensei na preocupação dos meus pais... porque eu nem pensei se tinha alguma coisa na banana... explicou...após a partida o colega de time e de seleção Neymar... ironizou o episódio publicando uma foto dele com o filho e uma banana... que imediatamente mobilizou as redes sociais... as manifestações de apoio surpreenderam Alves... não esperava que as pessoas se envolvessem tanto com esse assunto... em outras ocasiões em que havia denunciado o racismo... isso não aconteceu... estava até pessimista com esse aspecto... comentou ele... que se disse alegre porque o racismo no futebol está em pleno debate... Espanha racista? Nesta terça-feira vinte e nove... as declarações que o jogador fez à imprensa brasileira de que há racismo na espana... Espanha foram contestadas pelo técnico da seleção espanhola...

Vicente del Bosque... e pelo presidente do Villarreal... Fernando Ruig... em diferentes coletivas de imprensa sobre outros assuntos... eles responderam a Alves... afirmando que não há racismo na Espanha e ... que... que se tratava de casos isolados... eu não quis generalizar... não quis dizer que a Espanha seja racista... mas sim que há racismo na Espanha... porque eu sofro isso em campos de futebol... diferente... não foi um caso isolado... replicou Alves... ele disse que há quase seis anos tem denunciado casos de racismo no futebol... não sou vítima... nem estou abatido... isso só me fortalece e vou continuar denunciando atitudes racistas... avisou... o segundo texto é... tem como título um casal inter-racial ainda passa por constrangimento em dois mil e quatorze? sim... incredivelmente... e o melhor exemplo é estar aqui falando sobre isso, não é? eu e o Julio estamos juntos há vinte anos... no início do namoro... entrar em um bar ou em um restaurante de mãos dadas era um acontecimento... mas nós moramos quase cinco anos em Paris e de lá trazemos uma outra visão... muito mais misturada... e a certeza de que nós ainda temos... aqui... um longo caminho até a igualdade... há... claro uma questão de classe que no Brasil está muito ligada à cor da pele... além de ainda sair pra pegar lanche não presta atenção no texto né? em toda a aula só tá olhando pra um e pra outro... mas prestar atenção que é bom... do que a gente começou a falar? ((aluno não sabe responder)) não sabe né? não tá prestando atenção... ((retoma o texto)) há... claro uma questão de classe que no Brasil está muito ligada à cor da pele... preto é pobre... ainda espanta as pessoas do nosso círculo cruzarem com o Julio nos mesmos locais... consumindo as mesmas coisas... falando de igual para igual... mas o principal aprendizado dessa história de amor inter-racial sobra para mim... o lado branco... porque antes o racismo era invisível e eu... como a grande maioria da população brasileira... negava sua existência... a gente aprende que a pousada na praia tem quarto vago se... a gente aprende que a pousada na praia tem quarto vago se sou eu quem pergunta... se ele vai na frente... está lotada... que o restaurante da moda está cheio de mesas reservadas quando o Julio pergunta... mas que o gerente quebra o galho quando me vê chegar... que o corretor de imóveis não acredita que queiramos ver o apartamento caro em um bairro bom de São Paulo... mas muda de ideia quando finalmente conhece a esposa loira do interessado... que a primeira pergunta que me fazem sobre o Julio... sempre é se é músico ou jogador... fora a piadinha recorrente... se você é casada com um negro é porque gosta de negão... nunca ouvi alguém fazer um comentário parecido se o marido é loiro... também aprendemos que em São Paulo... se eu saio sozinha à noite... o Julio fica preocupado com assaltos... mas... se é ele que sai sozinho dirigindo nosso carro... eu fico preocupada com a polícia... preto dirigindo carro bom... se não é famoso... deve ser ladrão.

Aluno: pior que é mesmo...

Estagiário: agora vamos... vamos corrigir a atividade... da página duzentos e vinte e sete... Gleice você lê a primeira questão e fala sua resposta...

Gleice: o texto um é uma reportagem produzida pela rede inglesa BBC... sobre um episódio ocorrido com o jogador brasileiro... Daniel Alves em um jogo de um campeonato europeu de futebol. Qual é esse episódio? Um torcedor do Villarreal arremessa uma banana no jogador da Barcelona...

Aluno: o senhor vai dá visto vai?

Estagiário: se eu vou dar visto? se você for terminando e me mostrando vou...

Aluno: já terminei...

Estagiário: qual foi a resposta que você botou Gleice?

Gleice: Um torcedor do Villareal arremessa uma banana no jogador da Barcelona...

Estagiário: arram é isso aí... todo mundo botou relacionado a isso?

Alunos: SIM

Estagiário: tá... a segunda questão... vai ficar com a... Eduardo... ler a segunda questão e a resposta que você colocou...

Eduardo: não fiz...

Estagiário: não chegou nem a responder toda? ((o estagiário direciona para uma aluna... para que ela possa responder))

Aluna: ((inaudível))

Estagiário: alguém botou outra coisa?

Aluno: de qual texto?

Estagiário: essa aí continua no texto um... a terceira questão vai para Helen... terceira questão... ler e responder tá...

Helen: não fiz...

Estagiário: não respondeu ainda? Pois lê a pergunta por favor...

Helen: o que representantes de movimentos antirracistas consideram como aspecto negativo da campanha #somostodosmacacos?

Estagiário: indica alguém para responder...

Helen: Raissa...

Raissa: para eles... dizer somos todos macacos seria uma maneira de reforçar um estereótipo contra o qual os movimentos antirracistas travam uma batalha constante...

Estagiário: alguém colocou diferente?

Alunos: NÃO

Estagiário: indica alguém para ler o enunciado da quarta questão...

Raissa: ((aponta para Roger))

Roger: que opinião... Daniel Alves tem sobre as diferentes reações à campanha?

Estagiário: fala alguém para responder

Roger: Fábio

Fábio: é a quarta?

Estagiário: é a quarta questão...

((aluno demora a responder))

Roger: nam... deixa eu escolher outro...

Estagiário: não... você respondeu? pode ler... ((o aluno fica tímido para ler)) então dá para ela ler...

Aluno: deixa eu...

Estagiário: calma aí quero ouvir a resposta dele...

((ninguém responde))

Estagiário: Ana sua resposta...

Ana: qual é?

Estagiário: a quarta questão... que opinião Daniel Alves tem sobre as diferentes reações à campanha?

Ana: pera aí

((aluno começa a cantar música na sala))

Ana: nam professor tô entendendo nada não...

Estagiário: calma...

Ana: nam professor bota outra pessoa aí...

((inaudível))

Estagiário: ... pois se prepara aquele que eu botar... então vocês voltar no texto e procurar e responde... Guilherme a quarta questão...

Guilherme: hãhã?

Estagiário: que opinião... Daniel Alves tem sobre as diferentes reações à campanha?

((o aluno não quer ler))

Estagiário: lê o que você fez...

Guilherme: nam dá pra ler não... tá rum...

Estagiário: pois volta no texto... nós limos agorinha...

((aluna responde antes dele))

Aluna: é hipocrisia criticar uma campanha contra o racismo...

Estagiário: tá bom... ((direciona a outra aluna)) qual a sua resposta?

Aluna: ele diz que os críticos estão sendo hipócritas... pois o título dessa campanha é conscientizar que somos todos humanos...

Estagiário: isso aí... Daniel lê a quinta questão... letra "a"... lê a quinta e depois a pergunta da letra "a"...

Daniel: o texto um mostra opiniões diferentes a respeito da existência de racismo na Espanha... é a letra "a" também?

Estagiário: é...

Daniel: qual é a opinião do técnico da Espanha... Vicente... que nom...

Estagiário: Del Bosque...

Daniel: e do presidente do Villarreal...

Estagiário: Fernando Ruig...

Daniel: Fernando... é Fernando o que?

Estagiário: Ruig...

Daniel: sobre a existência de racismo no país?

((estagiário aponta para uma aluna lê sua resposta))

Aluna: precisa ler não né?

Estagiário: não... já leu a pergunta

Aluna: ((inaudível)) Villarreal afirma que não há racismo na Espanha... e que se tratava de fatos isolados...

Estagiário: muito bem... Victor... Daniel Alves concorda com a opinião de Vicente Del Bosque e de Fernando Ruig?

Alunos: NÃO

Victor: éh:: a...

Estagiário: letra "b" da quinta questão...

Victor: não...

Estagiário: e aí?

Victor: não... porquê não... porquê não...

Estagiário: ninguém comentou a questão?

Aluno: qual a seis?

Estagiário: a cinco "b"...

Aluno: a "b"

Estagiário: é

Aluno: eu botei não...

Estagiário: todo mundo botou não?

Aluno: sim

Estagiário: e porquê ele não concorda? ele acha que é uma coisa isolada o que aconteceu?

Aluno: é isolada...

Estagiário: quem acha que ele quis dizer que foi um caso isolado?

((ninguém responde))

Aluna: qual a questão?

Estagiário: quinta letra “b”...

Victor: ah não... a “b” eu fiz...

Estagiário: agora deixa ela ler...

Aluna: ((inaudível)) não quis generalizar... não quis dizer que o país seja racista... mas reforça que o episódio não foi um caso isolado...

Estagiário: é isso aí... sua resposta está certa... ele pega e comenta que isso não foi um fato isolado... ele não quis dizer que a Espanha toda é racista... mas ele diz que algumas pessoas da Espanha são...

Aluno: racista...

Estagiário: e que isso... e que isso não foi um fato isolado... que não aconteceu só uma vez... mas aconteceu várias vezes...

Aluna: o que é isolado?

Estagiário: isolado aí... que dizer que aconteceu só uma vez entendeu?

Aluna: eu pensei que isolado era só ele...

Estagiário: no texto um é feita alguma referencia ao racismo no Brasil?

Aluno: NÃO

Estagiário: todo mundo botou não?

Aluno: hãhã?

Estagiário: tô na sexta questão...

Aluno: sim...

Estagiário: quem foi que botou sim?

Aluno: foi eu não...

Estagiário: a resposta correta é não...

((alguns alunos comemoram por ter acertado))

Estagiário: no texto dois da jornalista Izabela Moi sobre o racismo no Brasil... Guilherme lê a letra “a” por favor...

Guilherme: além de falar sobre o racismo no Brasil, Izabela contrapõe sua experiência no país com que teve no exterior... que observação ela faz com base na comparação entre as duas situações?

Estagiário: Mariane... qual sua resposta da sétima questão letra “a”?

Mariane: tô fazendo a seis ainda...

Estagiário: Eva... qual resposta você botou na sete “a”?

Eva: sete “a”?

Estagiário: é...

Eva: ((inaudível))

Estagiário: hum rum... alguém colocou outra coisa?

Aluna: o quê?

Estagiário: a sete letra “a”... o que você colocou?

Aluno: tá tudo igual...

Estagiário: vou saber agora...

Aluna: tem que falar mesmo?

Estagiário: tem tô esperando...

Aluna: ela disse que no Brasil tem um longo caminho para se percorrer contra o racismo...

Estagiário: pois é... ela comenta que ela morou há cinco anos em Paris é?... há cinco anos em Paris... ela disse que sofreu menos preconceito do que aqui no Brasil... e aqui no Brasil as pessoas são mais racista do que lá... que lá há essa mistura... e aqui o povo é bem preconceituoso... segundo Izabela... há no Brasil um fator social que impulsiona o racismo... qual é ele?

Aluno: hãhã? Qual é a questão?

Estagiário: sete “b”...

Aluno: ((inaudível))

Estagiário: ah... é isso aí... está relacionado a classe social... ela tá querendo dizer que o negro... é comparado a aquela pessoa pobre... então por isso ela relata que quando o marido dela em um estabelecimento... ((aluno

interrompe)) quando ele vai em algum estabelecimento... as portas são fechadas... já pra ela ((inaudível))

Aluno: verdade...

Estagiário: letra “c”... que opinião sobre o racismo no Brasil a jornalista tinha antes de se relacionar com um negro?... Ryan...

Ryan: o que?

Estagiário: a sétima questão letra “c”...

Aluno: ((inaudível))

Estagiário: alguém colocou outra resposta?

Aluno: na C?

Estagiário: isso...

Aluno: eu coloquei...

Estagiário: vai...

Aluno: antes de se relacionar com um negro para a Isabela... não acontecia e não sofria preconceito... o racismo não existia... depois que começou a se relacionar com um negro... ela começou a perceber que existia...

Estagiário: isso...

((lanche chega... e a correção tem que ser parada))

((alunos discute por causa de banana))

Aluno: professor... pegou minha banana...

Estagiário: Roger... pegou a banana dele?

((aluno devolve))

Aluno: deixa eu ir beber água...

Estagiário: pode ir...

Outro aluno: eu pedi primeiro... deixa eu ir...

Estagiário: calma... antes de eu ir embora eu deixo...

((após todos terminarem de lanchar))

Estagiário: pessoal vamos corrigir... falta só duas questões...

Aluno: ah meu Deus...

Professora regente: oh o João Victor vai terminar de corrigir... Bruno...

Estagiário: a oitava está assim... em seu depoimento... Izabela comenta a diferença no tratamento recebido por ela e pelo seu marido em várias situações... letra “a”... como poderiam ser resumidas essas diferenças?

Aluno: qual é essa questão professor?

Estagiário: a oitava letra “a” ... já guardaram os cadernos?...

((o estagiário direciona a pergunta para uma aluna, ela entrega o caderno para o estagiário))

Estagiário: a Rebeca respondeu...

Rebeca: não... não...

Estagiário: ela disse que lá em Paris... ah é essa... acha que as pessoas são muitos insensíveis e ignorantes como pode em pleno século vinte e um pessoas serem racistas?

Aluno: é verdade...

Estagiário: alguém colocou outra resposta? Tu Victor... ela respondeu... que como pode em pleno século vinte e um ter racistas?

Aluna: pode sim...

Estagiário: ela respondeu tipo questionando

Aluna: ah sim

((vários alunos falam juntos e fica inaudível))

Estagiário: pegaram um do caderno do outro foi?

Alunos: “NÃO” ... “AQUI É UNIÃO” ...

Roger: deixa eu...

Estagiário: vai...

Roger: que ela é branca e ele é negro... e que criticam ele por estar acompanhado por ela...

Estagiário: é isso aí... ela fala isso que por ela ser branca... ela é bem melhor atendida do que ele... por ser negro... ela tá querendo dizer que a cor estava influenciando no tipo de atendimento que eles recebiam em hotel... restaurantes... essas coisas... em resumo é isso... a letra “b” fala assim... segundo a jornalista... a que se deve essa diferença de tratamento?

Aluna: pelo fato do marido dela ser negro...

Estagiário: e tu Roger botou o que?

Roger: a “b” é?

Estagiário: é...

Roger: pois o fato de Iza ser branca e Júlio ser negro...

Estagiário: isso aí... ela disse que essa diferença de tratamento é dada unicamente pela cor dele... ou seja... por Julio ser negro... agora vamos fazer a comparação dos dois textos trabalhados... diz assim oh... compare os dois textos... além do tema em comum... eles apresentam outra semelhança... letra “a” quanto à atuação... das pessoas destacadas neles... qual é a semelhança?

Aluno: ((inaudível))

Estagiário: fez a mesma resposta?

Alunos: aqui é união

Estagiário: e tu fez a mesma resposta?

Aluna: é a merminha professor...

Estagiário: Juliana você colocou o que?

Juliana: a mesma coisa...

((aluna pede para falar))

Aluna: que os dois falam de caso racista...

Estagiário: além deles trabalharem sobre fatos racistas... isso o autor do livro já falou... que eles trabalham racismo... ele tava falando sobre a luta contra o racismo... nos vimos que Daniel Alves ele pegou e comeu a banana... e depois teve um movimento criado por Neymar... como todos macacos... então eles estão lutando contra o racismo... a Izabela publicou a história dela e do namorado dela... então eles não ficaram calados... essa é uma das características semelhantes dos dois textos também... a letra “B” fala assim... o comportamento mais comum de quem vive situações de preconceito é semelhante ao das pessoas que os dois textos destacam?

Aluno: NÃO

Estagiário: tá perguntando assim... eles sofreram racismo... a atuação deles... o que eles fizeram... é normalmente a mesma coisa que outras pessoas que sofre racismo fazem?

Alunos: NÃO...

Estagiário: porquê?

Aluno: tem vergonha de falar...

Estagiário: isso... é isso aí... muitos que sofre racismo não fala pra outra pessoa... fica com vergonha...

Carlos: “ei professor... eu sofro” ((o aluno em questão é branco))

Estagiário: porquê?

((todos riram))

Professora regente: mas é por causa da idade?

Carlos: não...

Professora regente: tô falando por causa da diferença... do Roger...

Carlos: é mesmo professora...

Bruno: o problema é dele...

Carlos: aí professora fica balanceado as coisas...

Bruno: Cala boca moço...

Professora regente: e a Gleice...

((inaudível – a professora pergunta se ela se sente diferente por ser mais velha do que a maioria da turma ela disse que sim))

Estagiário: silêncio vamos ouvir... deixa ela falar gente...

Gleice: não tenho amigas...

Professora regente: deixa ela falar...

Gleice: eu me sinto só...

((alunos começam a falar junto))

Professora regente: a mentalidade dela é outra... ela tá em outro grau...

Bruno: ela tá sozinha porquê quer... a gente tá aqui...

Professora regente: tá sozinha porquê quer não...

Bruno: é sim... tem pessoas aqui...

Professora regente: talvez seja por alguma coisa que aconteceu... talvez não foi aqui... aconteceu em outro lugar...

Bruno: aí o problema é com ela...

Professora regente: por exemplo... se ninguém conhece o Bruno... ver ele como (bruto)... depois que conhece ((todos começam a gritar – inaudível)) ((a professora comenta que o aluno é uma boa pessoa, por ele ser mais velho alguns pode pensar que ele é mais fechado em si))

Bruno: fala não se não vou chorar aqui...

((professora pergunta para o aluno especial))

Professora regente: de alguma forma você se sentia sozinho... excluído das conversas? Das aulas... você se ver excluído?

David: a verdade... ((ele balança a cabeça dizendo que sim))

Professora regente: é mais por parte dos professores ou parte da turma?

David: aí eu não sei...

Professora regente: não... nós não vamos falar para eles...

Aluno: ninguém vai saber...

Professora regente: não precisa falar nome... tipo ah é a Izabel... é o Bruno... não não precisa falar o nome... só fala se é a turma... se você acha que falta alguma coisa ainda pra você se sentir melhor... ou são os professores... ou são os dois?

David: a gente fica mei... perdido né?

((risos))

Estagiário: GENTE

Professora regente: escuta gente...

David: é por causa que... tô ... professor...

Professora regente: professor né?... tá explicando uma coisa que você tem dificuldade né? e como faz pra te explicar? E quando tem atividade que não é aquela lá... que o Antônio passava... que o João Victor trás... eles deixam você sentar com alguém? Tem alguém que você... por exemplo o Daniel fala ei David senta comigo... a gente faz junto... ou não tanto faz...

Estagiário: deixa ele falar Bruno... vai

Professora regente: cada um faz o seu né? alguém chama para sentar?

Felipe: eu chamo...

David: o Felipe sempre chama... o Bruno aqui também...

Professora regente: mas o Bruno te ajuda ou fica brigando contigo?

David: ele só fica brincando mesmo

((risos))

Estagiário: os outros professores trazem atividade para tu? Os professores trazem atividade pra tu fazer?

David: não...

Estagiário: só a Izabel e eu... nós aqui...

David: de vez enquanto

Estagiário: é difícil eles trazerem?

David: é...

Professora regente: a Eduarda não tá aqui... até o Bruno falou... o David já conseguiu se enturma mais com vocês... ((sino toca))... mas é importante... ((inaudível – a professora fala da importância de prestar apoio para os aluno))